

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Luana Maria Gutierrez Barbosa

**IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA DE PEDRO JUAN
CABALLERO (PY) E PONTA PORÃ (BR): RELAÇÕES
COMERCIAIS, CASAMENTOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS**

**DOURADOS
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B2381 Barbosa, Luana Maria Gutierrez

Imigrantes Árabes na Fronteira de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR): Relações comerciais, de casamentos e práticas religiosas / Luana Maria Gutierrez Barbosa -- Dourados: UFGD, 2018.

124f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Marcos Leandro Mondardo

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Imigrantes. 2. Árabes. 3. Fronteira. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte

LUANA MARIA GUTIERRES BARBOSA

**IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA DE PEDRO JUAN
CABALLERO (PY) E PONTA PORÃ (BR): RELAÇÕES
COMERCIAIS, DE CASAMENTOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS, PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO
DE MESTRE EM GEOGRAFIA.

Orientador Dr. Marcos Leandro Mondardo.

DOURADOS

2018

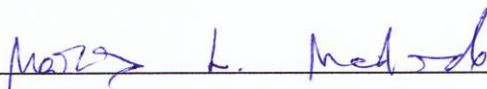
**“IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA DE PEDRO JUAN CABALLERO (PY)
E PONTA PORÃ (BR): RELAÇÕES COMERCIAIS, DE GÊNERO E PRÁTICAS
RELIGIOSAS”**

BANCA EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente / Orientador

Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo



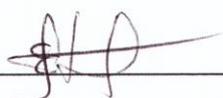
1º Examinador

Prof. Dr. Jones Dari Goettert



2º Examinador

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite



Dourados, 09 de agosto de 2018.

Dedico esta dissertação a minha mãe amada,
Nilza Gutierres Leite.

Agradecimentos

Agradeço aos professores que tive em minha vida, em especial aos da Graduação e Pós-Graduação do Curso de Geografia da UFGD, que gentilmente compartilharam seus conhecimentos contribuindo para meu desenvolvimento profissional, intelectual e humano. Em especial, à Professora Flaviana Nunes Gasparotti que me orientou em minha monografia, ao professor Marcos Leandro Mondardo meu orientador na Pós-Graduação e na elaboração desta dissertação.

Agradeço aos meus familiares e amigos que estiveram ao meu lado, me auxiliando e incentivando a ultrapassar as dificuldades e inseguranças. Em especial, Alessandro que me auxiliou com imagens e mapas, Bruno com as discussões intermináveis, Carlos sempre me auxiliando no inglês, Claudinha e Marcelo Kuchar retirando minhas dúvidas sobre formatações, a Giselle que me instruiu na Língua Portuguesa, principalmente a Fabiane e sua família que me acolheram em sua casa diversas vezes.

IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA DE PEDRO JUAN CABALLERO (PY) E PONTA PORÃ (BR): RELAÇÕES COMERCIAIS, DE CASAMENTOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS

Resumo: Este trabalho analisa o processo de reterritorialização de migrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil). O objetivo focaliza o trabalho destes migrantes nas relações comerciais, nas práticas religiosas e nas relações afetivas, a exemplo dos casamentos de homens árabes com mulheres brasileiras e paraguaias. Para compreender esta fronteira faz-se necessário analisar os fatores que atraíram os imigrantes árabes por meio das relações comerciais e geopolíticas construídas entre Brasil e Paraguai. Realizamos pesquisa bibliográfica sobre a fronteira, identidades e imigrantes árabes, bem como realizamos entrevistas, conversas informais, e trabalho de campo exploratório em “espaços de/com árabes”, como na mesquita, nos cemitérios, nas residências e nas lojas. Elaboramos uma cartografia e constatamos que o centro comercial da fronteira paraguaia concentra o maior número de lojas árabes; já os bairros onde residem esses imigrantes estão no lado brasileiro. Isso se deve a fatores como o câmbio (moeda) e a segurança alegados pelos imigrantes. Assim, essa pesquisa permite afirmar que na fronteira o imigrante árabe, no processo de reterritorialização, está reelaborando a sua identidade, ora afirmando, ora negociando sua presença nos mais variados espaços que ocupa, vive e frequenta. O imigrante árabe se reterritorializa principalmente em suas práticas religiosas na mesquita, na cidade de Ponta Porã e no trabalho como as lojas comerciais na cidade de Pedro Juan Caballero. Por fim, constatamos que as mulheres árabes, brasileiras e paraguaias, mantêm dependência econômica dos maridos árabes.

Palavras-chaves: Árabes, fronteira, reterritorialização.

ARABS IMMIGRANTS ON THE BORDER OF PEDRO JUAN CABALLERO (PY) AND PONTA PORÃ (BR): COMMERCIAL RELATIONS, MARRIAGES AND RELIGIOUS PRACTICES

Abstract: This study analyses the reterritorialization process of Arab immigrants in the border between Pedro Juan Caballero (Paraguay) and Ponta Porã (Brazil). The object is focused at the immigrants' commercial relationships, religious practices and affective relationships, with examples of marriages between Arab men and Brazilian and Paraguayan women. In order to understand the border region, it is necessary to analyze factors that attracted Arab immigrants through commercial and geopolitical relations created between Brazil and Paraguay. We performed literature review about the border, identities and Arab immigrants, as well as interviews, informal conversations and exploratory fieldwork in "spaces of/with Arabs" like the mosque, cemeteries, their houses and stores. We elaborated a cartography and realized that the business center of the Paraguayan border holds the highest number of Arab-owned stores. Neighborhood areas, on the other hand, where Arabs live, are in the Brazilian side. This is due to currency exchange and safety reasons, according to the immigrants. Hence, this research allows us to state that Arab immigrants, in their reterritorialization process, are re-elaborating their identity by means of self-affirming and negotiating their presence in varied places they occupy, live and visit. The Arab immigrant reterritorializes mainly in religious practices, in the mosque of Ponta Porã, and through business in stores of Pedro Juan Caballero. Finally, we observed that Arab, Brazilian and Paraguayan wives depend economically on their Arab husbands.

Key words: Arabs, border, reterritorialization.

Lista de Figuras

Figura 1 Amigos fronteiriços: entre árabes e paraguaios	19
Figura 2 Varandas e Parreiras	21
Figura 3 Arguilé	22
Figura 4 Nazira	22
Figura 5 Casamento	25
Figura 6 Quantidade de Imigrantes árabes no Sul do Mato Grosso 1970	34
Figura 7 Restaurante árabe em Pedro Juan Caballero	55
Figura 8 Painéis do Líbano no restaurante	56
Figura 9 Loja no Shopping Westgarden	58
Figura 10 O quadro se repete	58
Figura 11 O Tereré e O Alcorão	59
Figura 12 Mantimentos	60
Figura 13 Loja vista do fundo	61
Figura 14 Lanche da tarde	62
Figura 15 Área de ocupação dos imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã	69
Figura 16 Recorte espacial da área comercial dos imigrantes árabes	71
Figura 17 Distribuição dos estabelecimentos comerciais árabes	72
Figura 18 Mesquita em luto	78
Figura 19 Auditório da Mesquita	79
Figura 20 Quibla	81
Figura 21 Alcorão, turbah e mashaba	82
Figura 22 Housseini	84
Figura 23 Salão da Housseini	85
Figura 24 Aula na Mesquita	86
Figura 25 Lápide do Cemitério Cristo Rei, de Ponta Porã	89
Figura 26 Versículo do Alcorão na lápide	90
Figura 27 Mulheres e a cortina	92

SUMÁRIO

Lista de Figuras	8
Lista de Nomes	123
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. Imigrante árabe muçulmano na fronteira	15
1.1 Narrativa de um casal árabe	17
1.2 O desenvolvimento da fronteira e a entrada dos imigrantes árabes	26
1.3 Imigrantes árabes: dados estatísticos discrepantes	33
1.4 Redes de imigrantes árabes	35
CAPÍTULO 2. A face árabe da fronteira: comércio, identidades e cartografias	48
2.1 Comércio e trabalho dos árabes muçulmanos na fronteira	52
2.2 Nem árabe, nem brasileiro, nem paraguaio: a busca da identidade árabe na fronteira	62
2.3 Cartografia da presença árabe nas cidades de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil)	68
CAPÍTULO 3. A Mesquita e a religiosidade árabe na fronteira	74
3.1 A morte para o imigrante muçulmano	87
3.2 Por trás do véu: mulheres muçulmanas, paraguaias e brasileiras	91
3.3 Os imigrantes árabes na fronteira entre o Oriente e o Ocidente	103
Considerações finais	114
Referências bibliográficas	117

Introdução

O objetivo central desta dissertação foi analisar a presença dos imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil). Para dar ênfase ao trabalho saber quem é o imigrante árabe e quais motivos possibilitaram suas relações e permanência nesta fronteira. As relações comerciais, as práticas religiosas e as afetividades como amizades e casamentos entre árabes, brasileiras e paraguaias, implicam na questão de gênero e serão apresentadas no decorrer do trabalho.

A escolha da pesquisa, dos imigrantes na fronteira se deve ao fato de, no Curso de História da UFGD, já existirem dois trabalhos¹ sobre imigrantes árabes. Por isso, sentimos a necessidade de fazermos uma leitura geográfica deste fenômeno.

O recorte temporal terá como marco inicial o imigrante mais antigo que foi entrevistado, o Sr. Ahmad Haidar, que chegou à cidade de Ponta Porã no ano de 1955. A metodologia será de uma pesquisa qualitativa, sendo que a bibliografia se baseia em estudos de pesquisadores brasileiros, em grande parte. A consulta da bibliografia paraguaia ficou prejudicada, sendo encontrada dificuldade na acessibilidade de fontes paraguaias.

Os trabalhos de campo foram realizados em quatro momentos: **a)** de 10/01/2017 a 14/01/2017, **b)** de 01/04/2017 a 05/04/2017, **c)** de 31/04/2017 a 01/05/2017, **d)** de 02/06/2017 a 04/06/2017 e de **e)** 08/10/17 a 10/10/2017.

É importante salientar que a observação foi participante, desenvolvendo contato com muitas famílias árabes, estando presente em algumas reuniões familiares, inserindo-se em espaços da religião islâmica, e em muitos momentos sendo identificada como parte de sua comunidade.

Os imigrantes árabes muçulmanos podem ser divididos em dezenas de subclassificação. Falarei sobre os quais apareceram no trabalho de campo em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã: xiita², sunita³, druso⁴ e até mesmo sufista⁵.

¹ Oliveira (2010), com o título de *Imigração Síria Libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês*, sobre a capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Enquanto Souza (2008), em seu livro *Assafaru a viagem imigrantes sírios e libaneses em Dourados*.

² Xiita – Segundo maior ramo da corrente religiosa islâmica, consideram, Ali genro do Profeta Mohamed, como seu sucessor após sua morte.

³ Sunita – Maior ramo da corrente religiosa islâmica, consideram, Abu Baker e Omar como sucessor do Profeta Mohamed após sua morte.

⁴ Drusos – São pequenas comunidades presentes no Líbano, Síria, Palestina, Jordânia, Iraque e Israel. Utilizam o idioma árabe, muitos seguem a religião islâmica, porém, muitos muçulmanos dizem que os drusos não são muçulmanos.

No caso deste trabalho, os imigrantes árabes se instalaram na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Assim, uma questão inicial faz-se necessária: o que possibilitou os imigrantes árabes manterem relações e se fixarem na área fronteiriça? Para responder a esse questionamento, foi analisado os relatos dos imigrantes árabes e avanços significativos que influenciaram a economia da área fronteiriça Brasil e Paraguai.

O fato de os imigrantes árabes se instalarem na fronteira de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil) não é um caso isolado, pode ser citado como exemplo a Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Porto Iguaçu (Argentina).

Segundo Carvalho (2011), o Brasil é um país de proporção continental fazendo limites com 10 países. Por isso, o estudo do território e das fronteiras se torna importante para compreender, as dinâmicas comerciais e a complexidade cultural e simbólica.

Na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã respectivamente Paraguai e Brasil é importante analisar as construções espaciais que a imigração árabe muçulmana está realizando na fronteira. Para realizar esta análise discutiremos conceitos importantes para esta pesquisa como migração, territorialidade e fronteira. A importância em discutir estes conceitos na dissertação está associada ao árabe muçulmano que migra.

Quando pensamos sobre o nascimento do imigrante existe todo um processo para registrar e formalizar o existir deste ser para o Estado, para a religião, para as relações familiares, agregar sua nacionalidade e sua identidade étnica e cultural.

Para Sayad (1998, p. 55), “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho”. Para os imigrantes árabes muçulmanos, o trabalho é fundamental, todos trabalham no comércio e este é abastecido por uma rede que foi construída entre Ciudad Del Este (Cidade do Leste) e Pedro Juan Caballero.

Na fronteira o imigrante árabe precisa trabalhar e alguém que irá empregá-lo, geralmente é um familiar ou amigo de sua vila natal. Neste período irá aprender a se comunicar: do árabe para o espanhol e português. Existem muitas diferenças na sonoridade e na grafia, tornando-se um desafio ao imigrante árabe.

⁵ Sufismo – Corrente mística e contemplativa dentro do islamismo, utilizam o Zikr (lembrança de Deus), orações e jejuns em suas práticas.

A cidade de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, separa-se apenas por uma rua. Esta é o elo das duas cidades e dos dois países. A Linha Internacional (Brasil/Paraguai), do lado de Pedro Juan Caballero, possui uma grande concentração de lojas de imigrantes árabes.

Esta fronteira entrelaça o conviver através da multiplicidade destas identidades, possibilitando remodelamento e adequações para o convívio na fronteira e permitindo uma mobilidade incessante da cultura e costumes locais juntamente com a cultura árabe e muçulmana.

Para Canclini (1989), as hibridações fazem suscitar várias categorias identitárias, principalmente através das mudanças e transformações culturais que se dão na fronteira entre México, Estados Unidos e diversos grupos indígenas.

Na fronteira em Ponta Porã teremos diversos grupos de imigrantes, juntamente com brasileiros e paraguaios e grupos indígenas. A questão do imigrante árabe é uma fração das vivências que atuam na fronteira.

Nogueira (2007) sugere mudar a metodologia de olhar para fronteira como a periferia do centro, o lugar mais distante, e sim discutir sobre a fronteira como o centro. e compreender as relações da fronteira de quem vive na fronteira e de quem é da fronteira, sobre a existência desta identidade.

A fronteira para os imigrantes árabes é a sua cidade. Ao longo do tempo eles vão transformando e se transformando, adequando os costumes, construindo a Mesquita, adaptando suas casas, decorando suas lojas e satisfazendo suas necessidades tanto materiais quanto simbólicas.

Para a compreensão das relações que se estabelecem na fronteira é interessante entender as relações de território, reterritorialização e desterritorialização do imigrante árabe em sua trajetória. Para Haesbaert (2005), o território nasce com uma conotação material e simbólica, está muito próximo do sentido da Terra e do terror, existe uma relação de poder e dominação, quem pode entrar, ter ou ser desta terra ou território, existe um controle jurídico e político.

Ainda, segundo Haesbaert (2014), a transterritorialidade do imigrante se associa as suas memórias de outros territórios, impregnando suas relações dubiamente em sua mobilidade espacial, mesclando os elementos em que o hibridismo é um processo sem fim.

Para Robert Sack (1986), a territorialidade humana pode ser ativada e desativada, ele identifica que muitos territórios estão relacionados a espaços geográficos, mas alguns espaços podem ser móveis.

Quando pensamos “quem entra” ou “quem sai” podemos pensar também em quem permanece. No caso desta pesquisa, estamos falando de dois territórios e entre eles se forma o “*entre-lugar*”, discutido por Hanciau (2008), na fronteira diariamente existe um fluxo contínuo de pessoas que estão de passagem e também de pessoas que permanecem. Muitas destas pessoas serão os imigrantes árabes considerados neste trabalho.

Nas entrevistas e conversas informais com os imigrantes árabes, a maioria preferiu não ter o seu nome real revelado, em geral apresentavam-se desconfiados. Exceto o Sr. Ahmad Haidar, sua esposa Dona Nazira e o Sr. Félix, seu amigo. Estes cederam fotografias pessoais que serão apresentadas nesta pesquisa.

As fotografias que serão utilizadas no trabalho tentam demonstrar a participação desta imigração árabe em área de fronteira. Para Oliveira e Oliveira (2011), a fotografia, sendo “materialidades plásticas”, armazena o que ocorre ao redor do fotógrafo, traz com ela a representação do tempo e do espaço que serão vistas no futuro.

Mulheres brasileiras e paraguaias casadas com árabes falam sobre sua realidade, sobre o contato com a cultura dos seus maridos e alguns problemas que decorrem das diferenças existentes, inclusive a de gênero. Os descendentes, filhos de árabes nascidos na fronteira participam do trabalho e falam sobre suas vivências e sobre sua identidade.

O trabalho, a língua, a religião, a família, os amigos, a mescla destes elementos representa “o ser da fronteira”. A presença do imigrante árabe é marcada através dos hábitos culinários como a esfirra, quibe e tabule⁶, e a variedade de restaurantes árabes.

Quanto ao Arguilé⁷, que é amplamente oferecido em diversas lojas árabes em Pedro Juan Caballero para a venda, utilizado na fronteira por brasileiros, paraguaios e árabes ao lado do tereré⁸, as pessoas se sentam em rodas nas calçadas, varandas e

⁶ Esfirra, quibe e Tabule – Comidas árabes, a esfirra é normalmente em formato triangular ou redondo, com massa de trigo recheada com carne bovina moída. Quibe é um salgado de variados formatos, sua massa é com trigo árabe e carne moída. Para fazer o tabule utiliza a farinha árabe e vegetal picada como cenoura, alface, couve, tomate, entre outros sendo servido como salada fria.

⁷ Arguilé – Também podendo ser chamado de Narguilé, sua origem é confusa, pode ser feito com coco, madeira, vidro e materiais sintéticos, normalmente são coloridos e cheios de formas sinuosas e ornamentos orientais, servem para fumar e utilizam água em seu interior para retirar a impureza do fumo.

⁸ Tereré – bebida típica local à base de erva mate. É servido em uma cuia ou copo, a erva preenche o copo, coloca-se água gelada. É bebido através de uma bomba onde suga o líquido.

parques da cidade, bebem o tereré e fumam o arguilé de origem árabe enquanto conversam.

Assim, o primeiro capítulo abordará concepções sobre quem é o imigrante árabe, os motivos que os levaram a imigrar e se instalar em área de fronteira. Alguns dados disponibilizados pelo IBGE e a trajetória de uma família árabe constará no trabalho.

Sobre as trajetórias familiares, os indivíduos sempre estão acanhados, não querem expor seus nomes e nem seus rostos. Por isso, a trajetória familiar será desenvolvida por meio de narrativas e, em alguns casos, através de citação da fala do próprio imigrante, que permitiu a gravação e sua reprodução.

No segundo capítulo, a abordagem será sobre a vida do imigrante árabe em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero onde trabalha, estuda e mora. Como são suas relações com a população que mora na fronteira (brasileiros, paraguaios, dentre outros), seus costumes. Suas percepções da própria condição de migrante, os projetos futuros e as recordações do passado. Faremos, também, uma breve reflexão sobre a legislação do Brasil e do Paraguai sobre a imigração.

No terceiro capítulo, abordaremos a religiosidade dos árabes muçulmanos representada pela Mesquita em Ponta Porã. Na Mesquita não existe um *Imam*⁹ permanente; durante o dia a mesma se encontra fechada e abre apenas em ocasiões especiais, ou para orações da noite nos fins de semana. Foi permitida a visita e a retirada de fotografias que explicará um pouco da crença islâmica e como esta influencia o cotidiano do muçulmano que vive na fronteira.

Para entender a vida religiosa do muçulmano a fotografia é utilizada como uma ferramenta retratando a Mesquita e a *Housseini* este é um grande salão nos fundos da Mesquita, a comunidade estudada o usa para recordar de Houssein neto do Profeta Mohamed¹⁰.

Muitos livros que foram utilizados neste trabalho, para explicar a religiosidade, são xiitas. A preferência pela bibliografia xiita se deve ao fato de boa parte dos entrevistados serem xiitas e muitos livros foram cedidos pela Mesquita de Ponta Porã.

⁹ *Imam* ou *Imame* – Guia espiritual, liderança que está à frente da Mesquita, pregador e em alguns casos liderança religiosa que sucederam ao Profeta Mohamed após sua morte.

¹⁰ Profeta Mohamed – Teve a revelação na caverna de Hira pelo Anjo Gabriel, escrevendo o livro sagrado para os muçulmanos O Alcorão, formando uma nova religião, o islamismo e seus seguidores são chamados de muçulmanos.

Capítulo I

Imigrante árabe muçulmano na fronteira

Por meio desta pesquisa sobre a imigração árabe, (década de 1950 até o ano de 2017), nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, analisaremos a reterritorialização destes sujeitos em ambas às cidades de fronteira, como a presença da Mesquita, os restaurantes árabes, as lojas de comércio, os objetos e os produtos que fazem parte do cotidiano do migrante que vive na fronteira.

Existem imigrantes árabes na fronteira sem serem muçulmanos. A denominação árabe está vinculada aos países do Oriente Médio, nos quais se fala a língua árabe, pois grande parcela da população é muçulmana. A escolha religiosa está relacionada ao Islã, que foi revelado ao Profeta Mohamed em seu livro sagrado, *O Alcorão*.

No caso destes imigrantes a religião é, assim, fundamental para a construção da identidade. Castells (1999) afirma que a identidade é um atributo cultural proveniente de inter-relações. A construção da identidade é gradual, no caso do imigrante ele está em um novo lugar, ele não é outra pessoa, porém ele necessita entender, relacionar-se e ser “*aceito*” por outras pessoas com “identidade” completamente diferenciada da sua. Esta aceitação está vinculada ao seu emigrar, sua chegada e seu estabelecimento em alguns casos são jornadas pensadas, estudadas e que pode exigir empenho e sacrifício.

O nascimento do imigrante é um marco de mudança e transformação tanto para ele quanto para todos que o cercam. No trabalho de campo muitos imigrantes árabes relataram sobre a vila em que morava em seu país de origem, a lembrança permanece igual em seu imaginário, mas todas as vezes que retornam para visitarem os familiares e amigos, percebem que tanto o espaço físico da vila quanto às pessoas foram modificados. Assim, muitos preferem continuar suas vidas no país em que estão e dar continuidade em sua vida.

Segundo Sayad (1998, p.6), “de fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa em seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para sociedade que assim o designa”. Sobre o nascimento do imigrante, Sayad ainda pontua que antes de ele ser um imigrante ele é um emigrante, pois deu saída de seu país, compreender os motivos que propulsionaram seu deslocamento é importante para entender o migrante.

Sayad (1998), indaga e responde – “*O que é um Imigrante?*”. Um imigrante é uma força de trabalho provisória, sua autorização de trabalho está sempre sujeita à condição do trabalho, em muitos casos sua condição de homem se limita à condição de imigrante e à condição do trabalho:

Afinal, um imigrante só tem a razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele, ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, 1998, p.55).

Os primeiros registros sobre árabes no Brasil datam do período colonial, pois Portugal mantinha relações econômicas com a Síria. Alguns africanos contrabandeados para abastecer o mercado exploratório da escravidão eram muçulmanos. Dom Pedro II visita o Egito em 1871 e o Líbano em 1876, a partir disso, os portos brasileiros começam a receber um contingente maior de imigrantes árabes, segundo dados de Hajjar (1985) e Truzzi (1997).

Safady (1966) comenta sobre a chegada da primeira caravana de libaneses e cita, dentro destes, a primeira libanesa a dar entrada no Brasil.

[...] registra o ano de 1887 como a época de chegada da primeira caravana de libaneses – a maioria proveniente de Zahle – à cidade do Rio de Janeiro. Foi nessa caravana que chegou a primeira mulher libanesa que emigrou para o Brasil, Manni Buainain Nimer, que veio acompanhada de seu esposo, Dib Haikal Nimer (SAFADY, 1966, p. 45).

O processo migratório não se restringe ao campo material, ele também se estende ao campo dos fenômenos espiritual e simbólico. Na relação pessoal dos imigrantes com a cidade, com o trabalho, com a amizade e com os laços afetivos que fluem e se estabelecem neste novo espaço, existe esse elo material e simbólico.

Sobre os dados que vamos discutir mais adiante no trabalho, percebe-se que o número de mulheres árabes que migram é bem inferior ao número de homens, a sua participação está vinculada às relações de matrimônio e a vinda de familiares.

Na fronteira pesquisada, a participação das mulheres se faz presente no âmbito familiar, poucas mulheres árabes trabalham nas lojas ou tem seus negócios próprios. Nos descendentes árabes é possível observar a inserção de homens e mulheres nos negócios e na educação.

Para Oliveira (2010, p.7), “no Brasil, o imigrante costuma ser concebido, não como alguém que traz a degeneração, como nos países europeus e Estados Unidos, mas, ao contrário, como alguém que traz o progresso”. Esta afirmação não deve ser generalizada, para o imigrante árabe muçulmano, conforme observado em falas relatadas no trabalho de campo, é premente a preocupação quanto a sua imagem.

Conversando com jovens árabes em Pedro Juan Caballero, em suas lojas no trabalho de campo, em março de 2017, eles sempre apontavam sobre o comportamento de seus outros “patrícios” em relação ao consumo de bebidas alcoólicas ou a prática de comercializar *cd’s* “piratas” (discos compactos, com filmes e imagens, regravados de forma ilegal) com conteúdo pornográfico.

Muita gente aqui faz coisa errada sabe, o “fulano” e o “beltrano¹¹” estava ontem bebendo no *Kassabian*¹², você acha que a família deles sabe? No Líbano todo mundo é santo, não sabe nada daqui (JAFAR, 23 anos, trabalho de campo, 31/04/2017, *Shopping Westgarden*, Pedro Juan Caballero-Paraguai).

Eles falam que são religiosos, viu a loja dele? vendendo *cd’s* de coisa errada, isso é pecado! Não tem vergonha, as filhas vão lá, veem tudo aquelas imagens, sabe as fotos *audho billah*¹³ (CHARIF, 15 anos, estudante, trabalho de campo 31/04/2017, *Shopping Westgarden*, Pedro Juan Caballero-Paraguai).

1.1 Narrativa de um casal árabe

Para entender as relações que são vivenciadas na fronteira pelo imigrante árabe é preciso conhecer sua trajetória, seu ponto de vista sobre as escolhas de sua vida e suas relações diárias na fronteira.

Em conversa com o Sr. Ahmad Haidar, no dia 13 de Janeiro de 2017, ele narrou a sua vinda ao Brasil. Migrou com 16 anos; no documento disse que tinha 20 anos não poderia embarcar sendo menor de idade e sozinho. Dessa forma, teve que alterar suas informações pessoais em seus documentos para conseguir viajar.

Ele morava em uma cidade na Síria, na fronteira do Líbano. Quando jovem decidiu vir para o Brasil encontrar seu irmão, juntou dinheiro em seu primeiro emprego, foi para Damasco, e depois para Beirute. No Líbano embarcou em um navio para o

¹¹ Fulano e Beltrano refere-se a pessoas que não foram entrevistadas.

¹² Kassabian é um bar da cidade de Pedro Juan Caballero, aberto no período noturno, com apresentação de shows com músicas (rock) atendendo ao gosto do público jovem e alternativo.

¹³ Audho Billah em árabe significa livrai do mal.

Egito, seguiu para a Itália na cidade de Genova, onde ficou por 22 dias em um hotel chamado São Jorge, e então embarcou no navio Corrente Argentina em direção ao Brasil, chegando ao Porto de Santos em 1955.

Seu irmão Faiz Haidar foi buscá-lo de táxi. Foram até São Paulo e lá pegaram um trem Maria Fumaça, que levou dois dias e três noites para chegar a Campo Grande. De lá pegaram outro trem que saiu às 8 horas da manhã de Campo Grande e chegou às 8:30 da noite em Ponta Porã. Nessa hora ele deu risada e disse: “Imagina, levou 12 horas de Campo Grande a Ponta Porã”. Pernoitou em uma pensão chamada Realce, quando acordou seu irmão lhe disse:

— “Vamo?”

— “Pra onde Vamo?”, Sr. Ahmad pergunta.

— “Antônio João”, seu irmão lhe responde.

Neste momento eles subiram em cima de um caminhão, conhecido como Pau de Arara, seu irmão pega a mochila e retira dois revolver e diz: “esse meu, esse seu”

Sr. Ahmad diz: “pra que isto?”

Seu irmão lhe responde: “tem muito índio come gente”

Senhor Ahmad disse “não vou usar, não vou usar” (AHMAD, relato em trabalho de Campo, 10/01/2017)

Essa conversa é entre dois irmãos, lembrando que é o primeiro dia do Sr. Ahmad na fronteira em 1955, apresentando a criação de estereótipos sobre os índios, os dois irmãos estavam em cima de um caminhão com outras pessoas.

Marin (2000, p. 162 à 167), discorre sobre a fronteira e as pessoas que transitavam, existia a possibilidade dos fora da lei, dos bandidos e dos assaltos. Nesse imaginário da fronteira desconhecida e perigosa, Albuquerque (2012) sugere que essa concepção de fronteiras como lugares de abandono, sem identidade, violenta, fazem parte de um discurso generalizante.

Quando foi realizada a entrevista com o Sr. Ahmad Haidar, este estava presente na casa de seu amigo paraguaio Félix Antônio de Jesus Ayala Barreto, residente no Brasil. Ambos são amigos há mais de 30 anos, o senhor Felix foi muito solícito em permitir a entrevista em sua residência e apresentar o Sr. Ahmad fazendo assim uma conexão de contatos.

O encontro se deu na varanda da casa do Sr. Félix. A conversa dos dois tramitava sobre a fronteira, as famílias antigas, as cidades próximas, sobre o seu

casamento, a participação no *Lions Clube*¹⁴ de Ponta Porã e as geografias de suas vidas, as cidades que moraram. Trabalharam em Antônio João, cidade brasileira, e Concepción, cidade paraguaia. Várias recordações surgiram no transcorrer da tarde.

Figura 1 - Amigos fronteiriços: entre árabes e paraguaios



(Fonte: Trabalho de campo, 13/01/2017, Felix Antonio de Jesus Ayala Barreto e Ahmad Haidar).

Inicialmente, Sr. Ahmad trabalha com seu irmão na loja que este possuía em Antônio João. Atualmente, em Coronel Sapucaia, que também faz fronteira com o Paraguai e é próxima de Ponta Porã aproximadamente 156 quilômetros.

Em seu primeiro trabalho independente, Sr. Ahmad cruzava a fronteira constantemente. Trabalhou com caminhão durante nove anos, e transportava mercadoria para diversas cidades do Paraguai e do Brasil. A principal rota era de Concepción (Conceição) a Campo Grande.

Sr. Ahmad diz que transportava do Paraguai para o Brasil, em seu caminhão, erva mate, sal e graxa (gordura bovina) como mascate. Retornando ao Paraguai, o caminhão ficava com a caçamba vazia. Teve a ideia de comprar batatas e vender na volta pelas cidades nas quais passava. Foi um dos primeiros momentos que conseguiu lucrar e guardar dinheiro.

Para entender a relação do primeiro trabalho do Sr. Ahmad é necessário falar sobre a importância da erva mate na fronteira. A Cia Erva Mate Laranjeira¹⁵ foi uma

¹⁴ *Lions Clube* – É uma organização internacional de clubes, sendo considerada uma das maiores. Seu criador foi Melvin Jones, o intuito é realizar projetos humanitários, seus membros são chamados de ‘companheiro ou companheira Leão’.

empresa muito influente para o Mato Grosso principalmente na porção Sul deste estado, hoje chamado de Mato Grosso do Sul, e também para o país vizinho, o Paraguai. Esta empresa foi responsável por movimentar a economia da região hegemonicamente por décadas, principalmente na zona de fronteira, que é o recorte espacial desta pesquisa.

Wilcox (2008, p. 41) relata o poder da Cia. Erva Mate Laranjeira que controlava mais de 5,5 milhões de hectares e que seu lucro ultrapassava o lucro anual do estado de Mato Grosso. O autor reforça sobre o poder político da empresa, ele diz que a empresa era semelhante a um “Estado dentro de outro Estado”, das ações ilegais e inescrupulosas da empresa, como servidão por dívidas, torturas e até mesmo execuções.

Podemos citar a Marcha para o Oeste, CAND¹⁶ e a Mate laranjeira como os principais focos da política e economia do Sul do Mato Grosso entre as décadas de 1920 a 1940.

A “Marcha para Oeste” no sul do antigo Mato Grosso só foi possível através da criação do Território Federal de Ponta Porã em 1943. Esta ação caracterizou enfrentamento final, após conjunto de medidas impostas por Getúlio Vargas a frente do Governo Federal, para o fim dos privilégios da Mate Laranjeira (Tomaz Laranjeira) que mantinha monopólio no uso do território ao sul do Mato Grosso, na fronteira brasileira com o Paraguai (CARVALHO, 2011, p.72).

O Sr. Haidar é muito conhecido na fronteira, já foi presidente do *Lions Clube* de Ponta Porã duas vezes, foi também presidente da Associação Árabe da cidade. Além disso, ele esteve ajudando a construir um clube que deve ser sede da Associação Árabe de Ponta Porã. No entanto, quando o Sr. Haidar saiu da presidência, as obras pararam e o lugar está fechado.

Outros árabes se referem a ele como Tio Haidar, mesmo sem ter laço de parentesco, por carinho e respeito, e muitos dizem que ele é o árabe mais antigo vivo desta fronteira.

O Sr. Ahmad Haidar, quando morrer, será sepultado em um cemitério no interior de São Paulo, toda sua família está enterrada “aqui”, ou seja, no Brasil, até seus pais estão “aqui” é “aqui” que ele irá ficar.

¹⁵ Companhia Erva Matte Laranjeira – Inicialmente chamada de Empresa Matte Laranjeira, foi uma empresa por concessão imperial ao comerciante Thomaz Laranjeira, por serviços prestados na Guerra do Paraguai, explorou a erva-mate no Sul do Mato Grosso, atualmente Mato Grosso do Sul. A primeira sede da empresa foi em Concepción (Paraguai -1877), depois transferiu para Porto Murtinho e Guaíra (Brasil).

¹⁶ CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados, pelo Decreto Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943. Este projeto consistia em ocupar considerados espaços vazios dos territórios nacionais, foram demarcadas zonas de loteamento que mesmo durante e depois de demarcadas trouxeram vários problemas de ordem social no campo, inclusive conflitos com índios guaranis moradores oficiais da região.

Por meio do trabalho de campo do dia 03/04/2017, foi realizada a entrevista com Dona Nazira Haidar em sua casa. Ela abre o portão eletrônico de sua casa, ao sair de Pedro Juan Caballero será a primeira rua do Brasil. Sua casa é de frente para a linha internacional. Quando o portão se abre é possível visualizar um grande pátio cheio de parreiras e todo azulejado.

Figura 2. Varanda e Parreiras



(Fonte: Trabalho de campo, 03/04/2017, casa da família Haidar, entrada repleta de parreiras).

Os imigrantes árabes utilizam as plantas, a arquitetura, o paisagismo e a culinária como uma forma de reterritorialização. Fazem de suas casas um pequeno “oásis árabes”, o que permite em horas de descanso e de confraternizações se “sentir em casa”, tendo um lugar acolhedor próximo a sua cultura e costumes.

Ao subir as escadas entro em um grande salão, cercado de grandes janelas, com mesas e cadeiras empilhadas. Ao fim é possível ver uma porta se abrindo para uma cozinha. Dona Nazira timidamente me recepciona juntamente com sua cunhada.

Sua cunhada me recebe com um grande abraço acolhedor e me pede para sentar puxando uma cadeira pesada de madeira. O cheiro na cozinha é de café. Dona Nazira está retraída e sua cunhada justifica que é por conta dos medicamentos, falando sobre a condição de saúde de Nazira.

Perguntei o motivo da grande varanda e do salão, dona Nazira disse que é comum no Líbano festejarem casamentos e aniversários em casa. Como a família é grande, sempre é necessário bastante espaço para todos ficarem confortáveis.

A casa é bem espaçosa, os móveis e objetos de decoração se assemelham a qualquer outra casa brasileira principalmente na cozinha. Na sala, alguns elementos ornamentistas de proveniência árabe como o arguilé, representado na figura 3.

Figura 3. Arguilé



(Fonte: Trabalho de campo no dia 03/04/2017, arguilé com a temática egípcia).

A figura 4 retrata a Dona Nazira.

Figura 4. Nazira



(Fonte: Dona Nazira Haidar, fotografia tirada no trabalho de campo realizado em 03/04/2017).

Dona Nazira fica preocupada com o que poderia me auxiliar. Ela fica mais tranquila e entusiasmada ao mostrar os retratos da família, e assim começa a contar a história das fotos e de sua vida.

Através de seu relato Dona Nazira disse que veio para Ponta Porã logo após seu casamento, no interior de São Paulo com o senhor Ahmad Haidar. Ela o conheceu em sua casa quando tinha 14 anos. Com isso, casaram-se quando ela completou os 18 anos e afirma que até hoje é apaixonada por ele.

Sobre Ponta Porã, Dona Nazira disse que ficou assustada quando chegou à cidade. Ela morava no interior de São Paulo, disse que lá, a cidade era bem movimentada e possuía muitas famílias árabes e quando chegou em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, em 1958, era tudo “pelado”, isto é, “não tinha nada”.

Essa referência era ao desenvolvimento da cidade, muitos terrenos baldios, as casas e os prédios menores em comparação ao lugar de onde Dona Nazira estava chegando e ao fato de haver poucas famílias árabes. Na década de 1960 poderia contar nos dedos as famílias árabes na cidade. Hoje a realidade é diferente, segundo ela, sempre estão chegando novas pessoas do Líbano.

Nazira relata que sua mãe morreu muito jovem e seu pai nunca mais casou por medo da possibilidade da nova esposa maltratar seus filhos. Sobre seu pai, ainda disse que era um homem muito bonito e possuía lindos olhos azuis.

Ela construiu sua vida na fronteira, não consegue se imaginar morando em outro lugar, trabalhou mais de 30 anos na loja do casal, chamada *Cliper*. Ficava o dia todo na loja, cuidava de casa e da filha também, era independente, ressaltou que poucas mulheres trabalhavam e cuidavam dos negócios da família.

Dona Nazira, mesmo com a idade avançada e com problemas de saúde, apresentou em sua fala e em suas expressões faciais muita segurança, uma mulher determinada, com muito controle e principalmente força. Na fronteira criou sua única filha, a Rosinha, que lhe deu três netos que são a maior felicidade de sua vida.

A cunhada de Dona Nazira mostrou os cômodos da casa. Na sala, sobre as estantes e cómodas havia diversos porta-retratos, em uma poltrona estava um grande quadro com a foto de uma jovem sorridente com uma faixa de miss. Ela explicou que a foto era da Rosinha seu pai havia encomendado o quadro para dar de presente à filha, que foi miss fronteira em 1975.

Ao tirar fotos com o celular, a cunhada de Dona Nazira cuidadosamente coloca o véu, cobrindo os cabelos, e justifica dizendo que fez o *hajj*¹⁷ as duas riram descontraidamente, estavam contabilizando quando Dona Nazira disse: “Faz 10 anos”, sua cunhada a corrige: “12 anos”, e então Dona Nazira complementa: “Mais velha ainda”, e as duas riram.

Dona Nazira falou muito sobre os netos e disse que gosta de ficar perto deles, quando pode, está sempre viajando para o interior de São Paulo e para Rondonópolis, onde estão sua filha e seus netos.

Ao falar sobre a amizade com a família do Sr. Felix, Dona Nazira diz que o conheceu quando Sr. Felix estava namorando sua esposa Mirca. Esta morava em frente à loja de Dona Nazira e passavam as tardes juntas. Quando Felix a pediu em casamento, Dona Nazira e o Sr. Ahmad foram seus padrinhos de casamento. Dona Nazira diz com a voz repleta de ternura, “meus amigos queridos, eles são maravilhosos”.

Nazira fala sobre a época que chegou à fronteira, os árabes viajavam muito para realizar as vendas e demorava muito tempo para ter uma lojinha. Junior (1935), ao tratar os imigrantes árabes em São Paulo, aponta as vendas das mercadorias, descreve os imigrantes árabes percorrendo fazendas distantes, faz se lembrar da poesia de Barros (2002), falando sobre o trabalho dos mascates:

Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de mascate, puxada por 4 juntas de bois no fim daquele lugar. Levava caramelos, bolachinhas, pentes, argolas para laço, extrato Micravel, peças de algodoin para fazer saia branca, filó de mosqueteiro, vidros de arnica para curar machucaduras, brincos de peschibeque, - essas coisinhas sem santidade... Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas. Dona Maria, mulher do Lara, comprava brincos e extrato Micravel. Meu avô abastecia o abandono. De tudo haveria de ficar para nós um sentimento longínquo de coisa esquecida na terra – Como um lápis numa península (BARROS, 2002, p. 17).

Hoje, o árabe imigrante não é mais conhecido como o povo da caixa “*ahlal kacha*”, como disse Hajjar (1985), e nem como o caixeiro viajante que a poesia acima descreve, ele é uma presença forte no comércio. Continua vendendo nas cidades em suas lojas ou bancas.

A figura 5 é a foto do dia de seu casamento de Dona Nazira e o Sr. Haidar. O próprio senhor Haidar escreveu na fotografia a data do casamento, que está sobre a

¹⁷ *Hajj* – Peregrinação à cidade de Meca, onde se encontra a *Caaba* (casa) construída pelo Profeta Abrão. Considerado a primeira edificação da fé monoteísta. É aconselhável a todo muçulmano que tiver disponibilidade econômica e saúde, para visitá-la ao menos uma vez em sua vida.

mesa redonda no centro da sala de sua casa. Ligando 1958 a 2017, 59 anos de casamento e de uma vida construída na fronteira.

Figura 5. Casamento



(Fonte: Trabalho de campo no dia 03/04/2017, foto tirada do porta-retrato com a data do casamento, 20 de Julho de 1958).

Ao analisar as figuras 1, 4 e 5 do Senhor Ahmad e da Dona Nazira, as roupas que ambos utilizam independente do período histórico, inclusive a do casamento associa-se facilmente a vestimenta ocidental.

Os imigrantes árabes inclusive os muçulmanos até metade do século XX tentavam se adequar a cultura local, e até mesmo em seus países de origem recebiam influência de países europeus, os descendentes de imigrantes no Brasil também se adequam a cultura de onde crescem. Atualmente os imigrantes árabes muçulmanos por já haverem uma rede de conexões. Importante não associar a mulher árabe e muçulmana um padrão estético rígido.

1.2 O desenvolvimento da fronteira e a entrada dos imigrantes árabes

O Brasil vai se modificando conforme as dinâmicas internacionais, no que diz respeito aos imigrantes, as transformações ocorrem, segundo Truzzi (1997), no governo de Getúlio Vargas.

Na década de 1930 o nacionalismo é bem representado nesta gestão devido à crise da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, que acarretam medidas restritivas à imigração.

Esses elementos proporcionaram a vinda dos imigrantes árabes. Mesmo estes não fazendo parte do fluxo de imigrantes europeus, são considerados brancos e com uma perspectiva de sucesso para trabalharem na esfera urbana através de comércios, principalmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Truzzi (1997), diz que o governo liberava a entrada para imigrantes europeus, visando o “embranquecimento” da população brasileira, e os sírios e libaneses, por serem em geral brancos, conseguiram se encaixar nesta pré-seleção. Sobre esse processo, Osório (2014) considera o papel da imigração europeia como mudança na composição étnica brasileira sendo negra e mestiça.

A imagem dos árabes não era o protótipo ideal, essa concepção empregava o darwinismo social criando seguidores em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Para a imigração árabe acontecer no Brasil houve um processo de negociação de identidade, pois:

Esta negociação passou pela colocação do conceito de etnia sobre de nação. A etnia árabe era reforçada positivamente como contribuinte da nação, que por sua vez não precisaria ser necessariamente branca. O Brasil seria mais

desenvolvido se fosse um pouco mais “árabe” a que estes eram “supranacionalistas”, além de ser um caso de imigrante de sucesso econômico, no comércio e posteriormente na indústria (SOUZA, 2008, p. 31).

Através dessas informações podemos notar que a imigração árabe no Brasil, mesmo que escape do foco europeu tem elementos que, para os interesses políticos e nacionais da época, eram considerados importantes para o desenvolvimento do país.

Claude Fahd Hajjar (1985) enumera os ciclos imigratórios árabes no Brasil em duas grandes etapas, dentro das quais contêm subdivisões de levadas migratórias, demonstrando o movimento migratório através dos conflitos e problemas econômicos.

- ✓ 1º Etapa: (1860/1870 a 1938) As características básicas que podem ser destacadas são a presença do domínio Otomano¹⁸ e seu declínio, I Guerra Mundial (1914-1918) e início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No Brasil não havia embaixadas ou consulados árabes, os imigrantes são em grande parte libaneses cristãos. Ela é dividida em três levadas, 1860 a 1900, 1900 a 1914 e de 1918 a 1938.
- ✓ 2º Etapa: (1945 a 1984) Pós II Guerra Mundial. Nesse período já existem Consulados e Embaixadas árabes no Brasil. O perfil dos imigrantes é politizados, falam e escrevem o árabe perfeitamente. Também se divide em três levadas, 1945 a 1955, 1956 a 1970 e 1971 a 1984.

Segundo Hajjar (1985), com o fim da II Guerra Mundial (1945) os imigrantes que chegam ao país já recorrem aos esforços construídos pela primeira leva de imigrantes. Começam a revender pequenos objetos, acumulam dinheiro, enviam para casa, chamam novos amigos e parentes. Criam redes de conexões, que são fortificadas com a quantidade de familiares e amigos. Conforme o tempo passa e estabilizam-se financeiramente, com suas casas, lojas e indústrias, as famílias já estabelecidas continuam amparando os patrícios que chegam.

Podemos pensar que depois de 1984 se inicia a 3º etapa imigratória. Nesta, o avanço tecnológico, como a internet moderna e rápida, permite uma comunicação em tempo real com todos os países, aproximando as pessoas, as distâncias e as culturas.

Esta modernização não é igual para todas as pessoas e nem para todos os imigrantes. Para os imigrantes árabes, que foram entrevistados em Ponta Porã, esta

¹⁸ Império Turco Otomano foi fundado no fim do século XIII tendo sua dissolução em 1922, sendo considerado um Império transcontinental, por influenciar os países do mediterrâneo e Europa até mesmo a Alemanha, Áustria e Hungria.

acessibilidade à tecnologia se deve ao fato de que na região trabalham, predominantemente, com eletroeletrônicos e por já terem a estabilidade de ter uma rede de amigos e familiares, recebem auxílio dos patrícios quando chegam à fronteira. Esse auxílio pode ser exemplificado com compras de passagens, postos de trabalhos, bons salários e moradias.

As etapas migratórias acima estão relacionadas com diversos conflitos militares e políticos em países como Síria, Líbano, Palestina, Israel, Jordânia, Iraque, Irã, Arábia Saudita, Kuwait, Afeganistão e Paquistão, segundo Said (2005). Não serão destacados os detalhes dos conflitos devido à complexidade temporal e as implicações políticas, econômicas e religiosas destes, de modo que fugiria do objetivo do trabalho.

Pensando em uma perspectiva de Brasil, a entrada dos imigrantes árabes se dá predominantemente através do Oceano Atlântico, principalmente no Porto de Santos, segundo Hajjar (1985).

No início da imigração a concentração de imigrantes árabes homens e mulheres se dá em cidades da Região Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro, os imigrantes vão entrando para o interior dos Estados em direção ao Norte do Paraná e Mato Grosso, procurando novas oportunidades e espaços para seus futuros negócios, principalmente na cidade de Corumbá, como aponta Souza (2008), devido ao Rio Paraguai e o Porto desta cidade, sendo este, o maior da região Centro-Oeste brasileira.

Devido à importância de Corumbá pelo rio, muitos imigrantes árabes aportavam nesta cidade para vender os produtos, indo em direção a Cuiabá ou a Campo Grande, de onde se dirigiam às cidades vizinhas, entrando em vilas e fazendas até chegar aos limites das fronteiras.

Outra relação interessante é a construção da Estrada de Ferro Noroeste Brasil. Os ramais de ligação possuem as datas seguintes, em Ladário (1952), Maracaju (1944), Itahum, distrito de Dourados e próximo a Ponta Porã (1949), e finalmente Ponta Porã (1953), chegando assim ao Paraguai, conforme Ghirardello (2005).

Este empreendimento demorou muito tempo para concluir ligando Bolívia, Paraguai, Mato Grosso do Sul, lembrando que no período histórico era o Sul de Mato Grosso¹⁹, até aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro - Brasil.

As informações e datas foram levantadas no trabalho de dois autores, Ghirardello (2005) e Souza (2008). Trabalhar estas concepções do desenvolvimento do

¹⁹ Mato Grosso do Sul passa a existir oficialmente em 01 de Janeiro de 1979. O presidente do Brasil Ernesto Geisel nomeia o interventor do novo estado, Harry Amorim Costa.

Centro-Oeste brasileiro vem de um projeto de desenvolvimento nacional, juntamente com a necessidade de expandir as fronteiras econômicas com os países vizinhos. Estes investimentos atraem trabalhadores e, dentre estes, o imigrante árabe.

O caminho apresentado acima foi percorrido pelos imigrantes mais antigos, que chegaram até final da década de 1950 e início da década de 1960.

Os imigrantes árabes xiitas começam a chegar de forma expressiva à fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã nas décadas de 1970 e 1980, devido a investimentos em infraestrutura entre Brasil e o Paraguai e a necessidade de repovoar e desenvolver os territórios centrais, próximos às fronteiras para garantir a soberania nacional. É válido lembrar que a política brasileira deste período se remete à Ditadura Militar (1964-1985).

Sobre os altos investimentos podem ser citadas a construção da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai e a construção da Hidrelétrica de Itaipu²⁰, tornando-se pontos turísticos para os três países Brasil, Paraguai e Argentina, e uma grande rede de comércio fortalecido com o MERCOSUL²¹.

Falar sobre esses projetos políticos, construções e investimentos tem a finalidade de apresentar as mudanças políticas e econômicas que estavam ocorrendo entre o Brasil e o Paraguai, fazendo das fronteiras um espaço que está recebendo investimentos.

Sobre a aproximação de Brasil e Paraguai e os investimentos governamentais nascerem será pós II Guerra Mundial, Albuquerque (2009), aborda a importância da aproximação do mercado e a demanda da imigração para contrapor e fazer girar este investimento.

Mas os momentos decisivos desta aproximação ocorreram durante a administração de Juscelino Kubitschek (1955-60) e no período da Ditadura Militar (1964-85) no Brasil. Nestes dois contextos, foram formulados e concretizados os principais projetos de integração física e econômica entre o Brasil e o Paraguai: a rodovia ligando Assunção as principais cidades e portos brasileiros, a concessão de uma área para exportação e importação dos produtos paraguaios no Porto de Paranaguá (1956), a Ponte da Amizade (1965) e a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974-83) (ALBUQUERQUE, 2009, p.62).

²⁰ Hidrelétrica de Itaipu: Usina Hidrelétrica Binacional localizada no Rio Paraná, na fronteira entre Brasil e Paraguai, período de construção 1975-1982.

²¹ MERCOSUL: Mercado Comum do Sul é uma organização intergovernamental fundada a partir do Tratado de Assunção de 1991, estabelece uma integração econômica e união aduaneira na qual há livre comércio intrazona e política comercial comum aos países membros. Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Venezuela (suspensa) e Bolívia (aguardando votação).

A construção da ponte entre Brasil e Paraguai abre a perspectiva de um novo mercado e possibilidades infinitas de riquezas aos olhos dos imigrantes árabes, sendo um possível chamariz de oportunidades.

Tanto nas histórias que recolhemos como naquelas que encontramos na mídia local, a chegada dos primeiros imigrantes árabes está relacionada com esse comércio. No início, levaram a produção industrial brasileira até os últimos confins do oeste do Paraná, onde Foz do Iguaçu era um ponto a mais nessa cartografia em movimento. Depois, com o acordo assinado em 1956 para a construção da ponte que uniria o Brasil com o Paraguai e a fundação de Puerto Presidente Stroessner no ano seguinte, alguns desses comerciantes se estabeleceram em Foz do Iguaçu tendo em vista a perspectiva do comércio com o Paraguai, um mercado virgem para os produtos brasileiros (RABOSSO, 2007, p. 291 e 292).

As cidades de Foz do Iguaçu no Brasil, Ciudad Del Este no Paraguai e Porto Iguaçu na Argentina receberam um contingente de trabalhadores, dentre eles, muitos imigrantes árabes. Atualmente no Brasil, Foz do Iguaçu é considerada a cidade brasileira com o maior número de árabes.

Devido a essa concentração, eles procuraram novos mercados chegando até a cidade Pedro Juan Caballero. Em conversa, os árabes da fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã afirmaram possuir ligações em Foz do Iguaçu, ou trabalharam em Ciudad del Este, onde possuem amigos e parentes.

Segundo os árabes entrevistados que chegaram entre a década de 1980 até 2017, todos passaram por Foz do Iguaçu e Ciudad del Este para depois irem a Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Foz do Iguaçu faz fronteira com Ciudad del Este do lado paraguaio e Porto Iguaçu, do lado argentino. Sendo uma região de Tríplice Fronteira.

Devido a mudanças mundiais de economia e mercado, diversos países começam a mudar suas políticas de exportação e importação, muitas alianças econômicas são formadas e asseguradas por blocos econômicos.

As áreas de fronteiras se destacam através das trocas de mercadorias, alfândegas, postos de controles, tarifas e taxas que se reajustam diariamente. Essa nova política alfandegária com os baixos impostos possibilitou o mercado atrativo.

A política paraguaia de baixar a taxa de impostos para a importação de produtos industrializados a partir de 1981 e reexportar estes produtos para os países vizinhos modificou o contexto econômico e migratório das cidades de fronteiras com as nações relativamente mais desenvolvidas (Brasil e Argentina, especialmente Encarnación, Cidade do Leste e Pedro Juan Caballero). Portanto, o comércio nestas cidades tem atraído muitos brasileiros, tanto comerciantes como comerciários e outros prestadores de

serviços. Muitos apenas trabalham durante o dia no Paraguai e moram do lado brasileiro nas cidades de Foz do Iguaçu (PR), Mundo Novo (MS) e Ponta Porã (MS) (ALBUQUERQUE, 2009, p.67).

Segundo Albuquerque (2009) Pedro Juan Caballero apresenta um crescimento econômico a partir de 1981, com seu fortalecimento no início da década de 1990, tendo como referencial, o dólar baixo, favorecendo a compra de produtos importados por brasileiros no Paraguai.

A chegada de vários imigrantes árabes a Ponta Porã. A prosperidade do comércio em Ciudad del Este vai se espalhando para as demais fronteiras e os árabes que estão em grande número nesta cidade precisam encontrar novos espaços.

Falar sobre a Tríplice Fronteira e Foz do Iguaçu levanta outro questionamento, que é sobre os motivos desta tríplice fronteira ser tão importante para os imigrantes árabes em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

Os investimentos na Tríplice Fronteira influenciam as cidades próximas, como no caso de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. As mercadorias que abastecem o comércio de produtos importados de Pedro Juan Caballero chegam primeiramente em Ciudad del Este. São produtos eletroeletrônicos, perfumaria, higiene, vestuário, brinquedos e acessórios para casa, jardim, escritório, entre outros.

A procedência destes produtos, em grande parte, se associa ao mercado chinês. O mercado consumidor de Pedro Juan Caballero é proveniente principalmente de brasileiros que viajam de diversas cidades do Estado do Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, buscando produtos importados a um preço baixo.

Isso se deve ao fato de o Brasil ter uma taxa alta de juros para produtos importados, estimulando os brasileiros a consumirem produtos nacionais. Atualmente a cota²² para compras são de U\$ 300,00 (dólares) por pessoa.

O Brasil e o Paraguai fazem vários acordos comerciais fortalecidos pelo MERCOSUL. Os imigrantes árabes percebem que existe a possibilidade de lucrar e viver na fronteira, utilizar da importação do Paraguai para revender produtos a brasileiros, que pagam uma tributação alta para produtos importados no seu país. Dessa forma, os migrantes árabes se articulam e se estabelecem em faixas fronteiriças ao longo de todo o território brasileiro.

²² As cotas podem ser consultadas no site da Receita Federal: <https://idg.receita.fazenda.gov.br/>

O Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira, criado no Governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, sofreu alterações pela Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira em 2005 (PRPDFF).

O programa visava à “expansão” e “integração” do território nacional, tentando solucionar a pobreza e a desigualdade da região, dividindo a fronteira em 17 subdivisões. Segundo Carvalho (2011), a fronteira foi considerada como espaço pouco desenvolvido e desintegrado, mantendo ainda, o *status* da “terra prometida”.

Por meio dos trabalhos de campo efetuados entre os anos de 2016 e 2017, nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, os imigrantes mais jovens que chegam tem acompanhamento de familiares, possuem casas para residirem, lojas para trabalharem, existem amigos de suas vilas. Entre os imigrantes árabes é comum ouvir deles a necessidade de ajudar o outro imigrante árabe, de fazer com que seu caminho seja mais suave do que os mais antigos tiveram.

Nos trabalhos de campo foi relatado em conversas informais que, devido à contextualização política internacional contra o terrorismo, muitos árabes não estão sendo liberados para entrar no Brasil, procurando, assim, outros caminhos para se chegar à fronteira. Em seguida apresentaremos dois casos.

Em conversa com um rapaz libanês em Pedro Juan Caballero, ele pediu que lhe chamassem de Jamil. Em outubro de 2016, em sua loja, ele contou o caminho recente que dois rapazes de uma mesma família tiveram que fazer para chegar a Ciudad del Este. Os dois residiam em Nabatiye, no Líbano.

1º Caso: O rapaz chegou em 2015 e teve a entrada negada no Brasil. Então, comprou um bilhete aéreo para La Paz, capital da Bolívia. Conseguiu entrar neste país legalmente, foi para o hotel e em alguns dias manteve contato com árabes imigrantes que moravam na cidade. Estes o encaminharam para Santa Cruz de La Sierra e para Puerto Quijarro, fronteira com o Brasil na cidade de Corumbá, onde se hospedou em um hotel de um patrício árabe morador de Corumbá nas proximidades da rodoviária (não utilizou o ônibus que faz a linha Corumbá e Campo Grande, pois a empresa exige a documentação e são rigorosos nessa cidade). Dessa forma, pagou a corrida de táxi de Corumbá até Campo Grande. Como o taxista tinha sua mãe morando em Campo Grande cobrou apenas 800 reais. O jovem imigrante pegou ônibus na rodoviária dessa cidade e seguiu até a rodoviária de Pedro Juan Caballero. Chegando lá, ficou

algumas horas na casa de amigos esperando seus parentes lhe buscarem de carro de Ciudad del Este.

2º Caso: Este segundo rapaz não viajou sozinho, ele era menor de idade e estava com 17 anos quando fez à travessia. Alguém precisava acompanhá-lo para sair do Líbano. Então, um Senhor amigo da família também queria emigrar para o Brasil e decidiu acompanhá-lo. Estes também tiveram a entrada negada no Brasil e seguiram para La Paz na Bolívia, de onde receberam ajuda dos árabes e partiram de ônibus para Santa Cruz de La Sierra e depois de trem para Puerto Quijarro. Atravessaram Aduana Bolívia-Brasil de táxi e seguiram até Miranda, no Mato Grosso do Sul. Nesta cidade se hospedaram de frente para a Rodoviária e seguiram até Campo Grande de táxi gastando em torno de 650 reais. Em Campo Grande pegaram um ônibus até Pedro Juan Caballero, onde se instalaram na casa de uns rapazes árabes por algumas horas até seus familiares chegarem de Ciudad del Este para lhe buscarem.

1.3 Imigrantes árabes: dados estatísticos discrepantes

O IBGE não questiona a ancestralidade dos entrevistados desde o Censo de 1940. Nessa época, a pesquisa e o levantamento não alcançavam toda a população brasileira, o país tinha 41.169.321 habitantes 107.074 destes brasileiros disseram ser filhos de pai sírio, libanês, palestino, iraquiano ou árabe. Os árabes natos eram em torno de 46.105 e os naturalizados brasileiros 5.447. Segundo dados do IBGE (2010), um milhão de brasileiros se autodeclararam como descendentes de árabes, enquanto que o site do Itamaraty trabalha com o número de 7 a 10 milhões.

Segundo o IBGE²³ (2000), os imigrantes e descendentes de árabes no Mato Grosso do Sul chegam a 5% da população. Na cidade de Ponta Porã, acompanhando os dados do IBGE – 2010, sobre religião 0,80% dos cidadãos declaram ter religiosidade ou religião asiática ou oriental e dentre esses, 0,23% muçulmanos.

²³ A sede do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em Dourados-MS forneceu o número de telefone do IBGE de Campo Grande – MS foi estabelecido o contato para o fornecimento de dados relativos aos Censos demográficos relacionados à imigração árabe. Encaminharam diversas tabelas em PDF e planilhas no EXCEL, sobre os Censos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Para a região desta pesquisa, os dados estarão relacionados somente a partir da década de 1970, o antigo estado de Mato Grosso contava com 650 libaneses entre homens e mulheres, 224 sírios e 31 turcos.

Em 1977 houve a divisão do Estado do Mato Grosso em dois, surgindo o novo estado que compreende as cidades citadas na figura 6 abaixo. Em todo o Estado do Mato Grosso havia cerca de 650 libaneses, com as cidades da porção Sul do antigo estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, destes 650, 420 estavam distribuídos em cidades que hoje pertencem ao Estado do Mato Grosso do Sul.

Enquanto dos 224 Sírios do estado do Mato Grosso, 169 estariam na porção sul do Estado (atualmente Mato Grosso do Sul). São constatados 31 turcos, dos quais, 26 em Campo Grande (Capital do Estado do Mato Grosso do Sul) e 4 na região dos Pantanais, que compreendem hoje a cidade de Corumbá e Ladário. Sendo assim somente 1 Turco foi registrado no Mato Grosso, enquanto que todos os outros estavam na porção Sul, hoje Mato Grosso do Sul.

Para melhor compreensão destes dados será apresentado na figura 6 uma tabela com os dados dos imigrantes árabes e as cidades mais próximas à fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Figura 6. Quantidade de Imigrantes árabes no sul do Mato Grosso - 1970

Micro-Regiões e Municípios	Libaneses	Sírios	Turcos
Alto Paraguai	1	–	–
Pantanais	67	52	4
Campos Vacarias Mata Dourados	91	30	–
Campo Grande	252	82	26
Antonio João	–	1	–
Bela Vista	9	1	9
Caarapó	–	3	–

(Fonte: Censo de 1970 por microrregião e nacionalidade, IBGE.).

Através dos dados do Censo de 1980, apresenta-se o novo estado Mato Grosso do Sul²⁴, onde pela primeira vez aparecem os dados refere à cidade de Ponta Porã.

As tabelas do IBGE por micro região e municípios da década de 1980 apresentam um aumento significativo, comparado aos dados da década de 1970. Campo Grande contará com 191 Libaneses e 44 Sírios, Campos Vacarias, Mata Dourados com 100 libaneses e 19 sírios, Corumbá com 23 libaneses e 19 sírios, Dourados com 40 libaneses e 4 sírios e Ponta Porã com 34 libaneses.

No Censo de 2010, o IBGE aponta um total 214 homens e 106 mulheres do Líbano naturalizados na cidade, dentre estes, 214 homens, 60 referem-se à cidade de Ponta Porã, enquanto não se verifica nenhuma mulher.

1.4 Rede de imigrantes árabes

Por meio dos trabalhos de campo e de conversas com os imigrantes árabes, tornou-se perceptível a ideia do movimento de construção de redes. Muitos jovens falam sobre a facilidade de virem e terem seus patrícios para os receberem.

A grande mobilidade dos comerciantes árabes entre as cidades, levando mercadorias, produtos para amigos, fazendo novas conexões, demonstrou ser uma característica deste grupo de imigrantes.

Dias (2014, p. 148) afirma que “os fluxos, de todo tipo – das mercadorias às informações pressupõe a existência das redes”. Para as redes, a qualidade é a conexão, chamando de “nós das redes”, uma intersecção de poder e de referência. Para a compreensão das redes não se deve entender sua linearidade e sim sua realidade pluridimensional, repleta de estratégias, antagonismos e de múltiplos atores.

Houve relatos nos trabalhos de campo de que alguns imigrantes árabes de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, depois do expediente de trabalho, viajam para cidades vizinhas levando mercadorias como, capas de celulares, fone de ouvido, *chip* para celular, bateria de celular para revenderem.

Segundo conversa com Ali Atwi, um jovem libanês, que estava vendendo relógios na calçada, quando as vendas estão fracas em Pedro Juan Caballero, ele viajava para Ciudad del Este ou São Paulo, levando ou comprando mercadorias.

²⁴ Mato Grosso do Sul – Passa a existir oficialmente em 01 de Janeiro de 1979 sobre a Gestão Presidencial do Ernesto Geisel.

Ali Atwi explicou que em cidades grandes nunca falta trabalho para quem quer trabalhar, por isso muitos jovens árabes procuram os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras cidades.

Uma forma para se inteirar sobre religiosidade ou conhecer pessoas nas redes sociais é através do *facebook*²⁵, meio pelo qual foi possível contatar o Houssein Assad, um comerciante libanês de Majdel Selem que possui três lojas em Ciudad del Este, no *Shopping Gebai*. Ele se predispôs a ajudar sobre a religião muçulmana, enviando vários livros e revistas sobre a religião pelo correio.

Todos os imigrantes árabes se utilizam do *facebook* e do *whatsapp*²⁶ como ferramenta de contato com seus familiares no Líbano ou em outras cidades do Brasil. Esses recursos fornecem uma possibilidade de elo entre familiares e amigos, compartilhado entre si fotos, vídeos conferência e chamadas.

Em 2013 relatou que seu irmão, Munder Assad, chegou a Ciudad del Este e praticamente não conseguia se comunicar em português, espanhol ou guarani.

Por volta de 2014, Houssein se casou e trouxe sua esposa do Líbano. Ela é formada em Química, não falava absolutamente nada em português, através da *internet* começou a aprender as primeiras palavras em português. Ela não trabalha no comércio, suas atividades giram em torno da casa, Mesquita e de sua filha, que nasceu no Brasil em 2015.

Munder Assad, em 2017, administrava a loja do irmão Houssein Assad, em Pedro Juan Caballero. Ao falar sobre sua vinda ao Brasil. Munder pontua sobre a sorte de chegar ao país e ter seu irmão, que o buscou no aeroporto em Foz do Iguaçu e o instalou em sua casa, em Ciudad del Este e, agora, gerencia a loja de seu irmão em Pedro Juan Caballero.

Relata, ainda, que trabalhou com seu irmão no *Shopping Gebai* em Ciudad del Este. Em aproximadamente um ano, já possuía sua banca para vender acessórios de celulares no mesmo *Shopping*. Seu irmão Houssein, antes de se casar, abriu uma loja em Pedro Juan Caballero e ofereceu a gerência da loja a Munder.

Munder se encontra noivo, também com uma moça de sua cidade natal, em Majdel Selem, no Líbano. Espera conseguir acumular dinheiro rápido para trazê-la em

²⁵ Facebook – Mídia social e rede social virtual lançada no ano de 2004.

²⁶ Whatsapp – Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz por smartphones (telefones celulares com propriedades específicas para o aplicativo).

breve. Ele pensa em continuar morando em Ponta Porã e trabalhando em Pedro Juan Caballero.

Na conversa informal sobre trabalho e renda, Munder demonstra-se completamente absorto e pasmo ao saber a média salarial de uma professora, ele diz com ar de perplexidade: “você ganha mais do que eu?!” e termina rindo.

Haesbaert (2014) discorre sobre as redes, ao estimularem os fluxos e a extroversão. Estão a serviço da desterritorialização e da reterritorialização. Os imigrantes árabes em suas viagens e conexões estão permeando entre ambos, procurando o lugar para se fixarem, não sendo uma realidade permanente.

Melchior (2014) analisa as migrações internacionais a partir da concepção da mobilidade do trabalho que estão inseridas no contexto político, econômico e social. Dessa forma, compreender a importância das redes sociais para a adaptação do (i) migrante em diferentes territórios.

O imigrante árabe da fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã saem de seus países natais devido às instabilidades em seus países (Líbano, Síria e Palestina). Estabelecem-se na fronteira, não por um interesse pessoal, e sim, respondendo uma lógica do capital maior, mesmo que para eles não exista essa consciência. A escolha geográfica da fronteira não é aleatória, como discutido anteriormente. Vários fatores foram empregados na fronteira entre Brasil e Paraguai para seu “desenvolvimento”.

Ainda por Melchior (2014), o trabalho para o (i) migrante modifica suas relações sociais, perdendo seu vínculo territorial e iniciando uma constante adaptação buscando fixação. As ações não são decisões “individuais” e estão “sob a dominação do capital”. Esse é o caminho do imigrante e sua construção de redes, a busca por uma melhor condição de vida e o lucro que podem adquirir através do trabalho.

Na última ida ao trabalho de campo em Ponta Porã, no início do mês de outubro de 2017, na mesquita desta cidade, informaram-me que Munder havia realizado seu casamento no Líbano no início do mesmo mês.

Em Ciudad del Este, o *Shopping* chamado *Gebai*, foi visitado em um trabalho de campo em Outubro de 2016. Estar neste shopping foi como estar no Líbano, uma grande quantidade de homens árabes em todos os andares, as mulheres árabes passavam acompanhadas de outras mulheres ou de suas crianças.

A língua que mais se ouvia era o árabe. As funcionárias das lojas são, predominantemente, paraguaias e os clientes brasileiros. O *Shopping* pertence à família *Gebai*, proveniente do Vale do Beca, no Líbano.

Ainda sobre as entrevistas, uma família em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero são os Melhem ou Milhim. Vários membros dessas famílias possuem o mesmo nome e sobrenome. Podemos citar Bilal Melhem, libanês casado com Maria, de origem paraguaia.

Conversando com Bilal em sua casa, solicitei algumas informações e este, agradavelmente relatou, diante de confidencialidade sobre seu nome. Os imigrantes árabes apresentam muito receio em falar sobre suas vidas privadas e terem uma má interpretação ou recusa de sua cultura e costumes.

Em sua casa, Bilal relatou que foi o primeiro de seus irmãos a emigrar para o Brasil e, no Paraguai, instalou-se primeiramente em Ciudad del Este por ter muitos parentes e amigos de sua vila nesta cidade.

Decidiu, então, vir para Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Como já havia juntado certa quantia de dinheiro, e já tinha também uma filha, ele gostaria de começar seu próprio negócio. Considera que em cidades menores é melhor para começar, por não haver tanta concorrência e seus amigos falavam bem sobre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Ele fala com muito orgulho da forma como ajudou seus irmãos a virem para Ponta Porã, como foi o processo para recebê-los, assim como suas esposas em sua casa e ensiná-los sobre como é o trabalho por aqui, inclusive a língua. Para os árabes é muito importante à proximidade com a família, isso facilita a construção das redes sociais, onde estes se fixam.

Para Maria, de nacionalidade paraguaia e esposa de Bilal, já foi complicado, ela disse que nunca ninguém a ajudou. Ela aprendeu a fazer comida árabe sozinha, assistindo canais árabes e vendo as mulheres árabes cozinharem, nunca ninguém parou para ensiná-la. Seu esposo faz questão de comer somente comida árabe e diz não gostar muito da comida brasileira e paraguaia.

Quando Maria recebeu em sua casa as esposas árabes dos irmãos de seu esposo, relatou que se sentia menosprezada e diminuída. Ela relata que suas cunhadas riam e debochavam dela, começou a se sentir sozinha em sua própria casa, empenhava-se ao máximo para incorporar os elementos da cultura e da fé de seu esposo no seu dia-a-dia, pois são nesses costumes que seu esposo almeja que os filhos sejam educados.

Peters (2007) fala que a mulher brasileira, e no caso citado, a mulher paraguaia, quando se casa com um árabe, ela “migra” para a parentela do marido, a família do marido passa a ser referência para ela e para os filhos.

Quando a mulher “migra” podemos dizer que também é transterritorialidade a partir do pensamento de Haesbaert (2014) e Mondardo (2012), a cultura e os costumes se modificam, atravessando fronteiras íntimas e mesclando o seu passado com o seu presente. Canclini (1989) afirma que as culturas são de fronteiras. Hall (2009) comenta sobre a diversidade das culturas, onde não existe uma cultura “pura” e sim uma mescla de culturas. Haesbaert (2014), ao falar sobre hibridismo, diz que não é uma novidade, que sempre existiu esta mescla de identidades.

No caso de Bilal, libanês morando em Ponta Porã e trabalhando em Pedro Juan Caballero, casado com Maria, uma mulher paraguaia que mora do lado brasileiro e cuja família é distante no interior do Paraguai. A única família próxima para Maria é seu esposo, filhos e os parentes libaneses. Percebe-se claramente a necessidade de adaptação, não apenas na fronteira ou no espaço geográfico vivido, mas sim, as fronteiras íntimas, a necessidade de adaptação constante. Mondardo (2012, p. 46) afirma que “analisar o migrante através da perspectiva da transterritorialidade, é aprender a criação e destruição de territórios no e pelo movimento, num jogo dialógico entre desterritorialização e reterritorialização”.

Maria relata que conheceu Bilal em Ciudad del Este, era sua secretária e assim começaram a se relacionar. Quando descobriu que estava grávida, foi embora de Ciudad del Este para a casa dos pais no interior do Paraguai. Bilal foi atrás dela e assumiu o matrimônio e o filho.

Quando Maria foi ao Líbano descobriu que o esposo era prometido para uma prima dele, devido ao fato dela ter ficado grávida, o casamento planejado entre os primos não teve êxito e a moça continuou solteira no Líbano. Ela comentou que se sente triste, quando visita seus familiares no interior do Paraguai, Bilal nunca está com ela e desdenha de sua família, não se propõe nem mesmo a leva-la com os filhos de carro, faz com que viagem de ônibus.

Maria narra uma ida para casa de seus pais em que estava com o véu, uma senhora paraguaia estava incomodada com sua presença, reclamando em guarani para os outros ocupantes do ônibus, Maria rindo diz que respondeu em Guarani, que era tão paraguaia quanto ela.

Dessa forma, é possível ver como a identidade cultural está em constante construção, através das relações pessoais que são influenciadas diretamente por muitos fatores externos e internos. A incorporação da cultura pode acontecer através de necessidades e dos sentimentos humanos.

Para Stuart Hall, em *Da Diáspora* (2009), a identidade cultural não provém de um povo e sim da junção de diversos povos. Quando se trata da identidade de um povo, baseia-se na identidade histórica, mas deve ter o cuidado de não se propagar somente a identidade hegemônica que tenta massificar e caracterizar a identidade, a identidade está em uma construção contínua em um jogo de forças.

Pensar dentro das relações interculturais, os elementos da “cultura” árabe tendem, através das atitudes de seus sujeitos, a se sobressair ante a “cultura” brasileira e paraguaia, trata-se de uma questão complexa e delicada.

As interações humanas são dadas através de uma gama incontável de elementos que constituem sua formação moral, sentimentos e até mesmo escolhas simples e corriqueiras. A comunidade que foi pesquisada segue uma religião, que é o islamismo, a qual dita regras sociais, de como falar, comer, beber, dos dias festivos, do comportamento do muçulmano, de sua jurisprudência e principalmente do comportamento do homem e da mulher.

A família, o trabalho e o estudo são funções dos homens, não são proibidas às mulheres, porém o homem tem controle sobre as decisões da família, baseado em um modelo patriarcal. No caso do casamento entre libaneses, o choque se dá com os filhos, pois, por mais que foram gerados e educados sobre no ideal da família, quando crescem se deparam com outras culturas com as quais se relacionam levando várias questões conflituosas para as relações familiares.

Existe a necessidade, o interesse, os choques diários de quem a pessoa é e de quem ela deve ser para conviver e viver de uma forma agradável. Aceitar a identidade cultural do outro sempre é um desafio nas relações humanas. No casamento interétnico, as negociações e hierarquização entre o casal se mostrou importante para a estruturação e desenvolvimento do relacionamento e da família.

Identidade esconde negociações de sentido, choques de interesses, processos de diferenciação e hierarquização das diferenças, configurando-se como estratégia sutil de regulação das relações de poder, quer como resistência à dominação, quer como seu reforço (SAWAIA, 2001, p.13).

O imigrante árabe carrega uma dose de orgulho e responsabilidade em vir e “Fazer a América” (FAUSTO, 1999), em construir riquezas materiais, morar nos melhores bairros, ter lindas casas e carros caros, construir casas em seu país natal e fazer seu empenho seja observado por toda a comunidade. Mesmo no caso do jovem

imigrante sem dinheiro, a preocupação com sua imagem é notável através das marcas das roupas, dos perfumes e dos acessórios.

Mesmo em grandes centros urbanos a comunidade árabe tende a se organizar para facilitar a vida dos imigrantes que chegaram recentemente. A fala do imigrante em Pedro Juan Caballero, Ali Atwi, quando questionado sobre permanecer no Brasil e Paraguai, ou retornar para o Líbano ele diz: “O Líbano tem guerra de dez em dez anos, não dá assim”. Por mais difícil que seja alcançar a estabilidade no Brasil ou Paraguai, é um esforço que não irá ser consumido por guerras e bombas. O mesmo entrevistado relata em seguida que em sua cidade, Majdel Selem, um dia seu pai abriu a porta e avistou os soldados israelenses colocando uma mina naquela direção, durante a noite.

Outro fator para Ali Atwi permanecer entre o Brasil e Paraguai, é seu filho de quatro anos. Ele não quis especificar a origem da mãe, se é brasileira ou paraguaia, somente disse que ela é daqui, explicou que não tem um relacionamento de amizade com a mãe de seu filho, mas não deixa faltar nada para ele. Comenta que irá para o Rio de Janeiro fazer negócio por lá, “aqui não dá, o trabalho só dá para viver”.

Muitos comerciantes árabes no Paraguai dizem que trabalham no comércio e seus filhos estudam. Embora aceitem que estes, se quiserem, possam trabalhar em suas lojas, os pais gostariam que estudassem para serem médicos e advogados.

Oliveira (2010), comenta sobre os imigrantes e descendentes de libaneses e sírios no Brasil, somam em aproximadamente 7 milhões de pessoas, sendo 4% da população brasileira. A embaixada do Líbano diz que existe pelo menos um representante da colônia em cada um dos mais de 5.000 municípios. Em Mato Grosso do Sul, na expressividade política, conta com mais de 37% dos deputados federais, 21% dos deputados estaduais e quase 30% dos vereadores da capital, segundo Oliveira (2010).

A nacionalidade também implicará em seu grupo de relacionamentos e amizades. Vamos imaginar que este imigrante seja árabe, libanês e xiita – perfil predominante nos imigrantes entrevistados. Ao mencionar isso aos árabes e libaneses, já imaginam que esse imigrante é proveniente de alguma vila do Sul do Líbano ou do *Dahie* (um bairro) na capital Beirute, pois esses dois pontos de referência detêm a maior concentração de muçulmanos xiitas no Líbano.

Este imigrante terá a imagem que sua família guarda dele no Líbano, isto é algo muito precioso para os imigrantes que estão no Brasil, pois não querem que seus familiares saibam de nada errado, como namoro, festas e bebidas.

Ainda existe a imagem que os outros imigrantes árabes possuem dele, se ele trabalha, é honesto, se frequenta a Mesquita ou se está perdendo os costumes. Os brasileiros e paraguaios também possuem um estereótipo dos imigrantes árabes, referente ao ambiente de trabalho, as festas, os clubes, os namoros, entre outros; e como o imigrante se vê nesses fragmentos de sua identidade, entrelaça as relações sócio-espaciais e sua identidade.

As relações sócio-espaciais dos imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, através da mobilidade do trabalho, se articulam com outras pessoas, com outras culturas, costumes e realidades, levando sua formação étnica a desenvolver uma nova identidade.

Este novo território que o imigrante árabe constrói a partir de sua vivência, não é aleatório. Este, através da mobilidade para o trabalho no comércio, necessita da construção do “seu lugar”, agregando sua cultura (comida, bebida, vestimenta) e valores (fé, religião, religiosidade) formando uma fronteira híbrida.

Os efeitos da relação espaço-temporal afetam a vida do imigrante que, em grande parte possuem acesso à internet, mídias e sites. Dessa forma, se conectam com seus familiares distantes e com amigos no Brasil e Paraguai, atualizando-se sobre os negócios e sobre a situação de outros imigrantes ao mesmo tempo.

Sobre esses efeitos do espaço-tempo, segundo Harvey (1989, p. 258), “o impulso acelerador da sociedade mais ampla golpeou a experiência cotidiana do indivíduo”. Existe a diminuição das barreiras espaciais, encurtando os espaços e o tempo, realinhando e hierarquizando para se enquadrar no sistema urbano global. O avanço das técnicas e da tecnologia causam dissabores tornando as pessoas e os produtos descartáveis ou sujeitos a um preço.

Amin, um libanês com 37 anos de idade, trabalha em sua loja em Pedro Juan Caballero e mora a 300 metros da Mesquita de Ponta Porã em um apartamento pequeno como outros rapazes. Ele diz que lamenta muito ter que vir para fronteira: “Sabe no Líbano não tem trabalho, penso muito em meus filhos que estão lá, minha mulher não quis ficar aqui, nosso casamento acabou”. Amin diz que sua preocupação é com o andamento das vendas, esperançosamente pensa sobre a volta de sua esposa para fronteira.

No fim da tarde do dia 03/06/2017, no fim do trabalho de campo, na porta de uma loja de eletrônicos, conversei com um jovem árabe que estava bastante tímido, mas

quando disse que não colocaria o nome dele em meu trabalho, ele sorriu e começou a falar. Ele será chamado de Mohamed Farid.

Mohamed Farid comentou que veio para Ponta Porã e Pedro Juan Caballero no ano de 2007. Sua irmã, que mora na cidade, veio quando se casou. Seu cunhando possui uma loja e o incentivou a fazer a viagem do Líbano para o Brasil.

Mohamed relata que antes desta loja, onde trabalha, já teve outras duas. Está desanimado por não estar conseguindo lucro e nem guardar dinheiro. Ele tem muitos gastos e comentou que, com o aumento do dólar, no ano de 2016, o comércio ficou ruim e, com isso, teve muito prejuízo.

Ele pensa em retornar ao Líbano. Faz dez anos que não vê sua mãe, pois desde que veio para cá não retornou nenhuma única vez. Ele pensa muito em sua casa, em chegar à sua vila, chamada de Majdel Selem, entrar em casa e beijar os pés de sua mãe.

Sayad (1998), ao falar sobre a “imigração ruim” em conjunta com frustrações pode levantar questões de melancolia, onde trabalhar é a única razão da emigração, o imigrante luta porque tem que sobreviver.

A exclusão que impõem a si mesmos e que buscam, ao mesmo tempo dolorosa e muito apreciada pelo conforto que oferece, pode suscitar a mais horrível das monotonias, um inferno recoberto por um sudário ou, aparentemente, um tapete imóvel feito de tristeza, de angústia e de sofrimento... obsessão de volta ao passado (SAYAD, p. 115, 1998).

Da conversa com Mohamed surgiu a necessidade de pesquisar alguns jornais *online* sobre a alta do dólar e as consequências para a imigração árabe e para o comércio na fronteira.

Em 2015, o aumento do dólar ultrapassou os 50%. Jornais locais e eletrônicos noticiaram a luta dos comerciantes para manter suas lojas abertas. Segundo o jornal chamado Portal Guaíra²⁷, *online*, do dia 28/01/2016, “Paraguai – Dólar alto faz árabes

²⁷ Disponível em: <http://www.portalguaira.com/paraguai-dolar-alto-faz-arabes-picarem-a-mula-de-pedro-juan/> último acesso em 23/08/2016. Trecho da reportagem: “Walid Z Walid Zenab, 36 anos, já está com as passagens compradas para o Líbano. “Vou para ficar. Não volto mais”, contou o libanês, que fechará, em breve, sua loja de eletrônicos, inaugurada há oito anos em Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Dois dos três funcionários já foram demitidos. Com isso, Zenab intensifica duas estatísticas: a de demissões de trabalhadores e a de fechamento de lojas. Durante o ano passado, 120 estabelecimentos comerciais fecharam as portas e cerca de 3 mil profissionais do setor ficaram desempregados em Pedro Juan. No lado brasileiro da fronteira, os números também são críticos, com queda no movimento de clientes que chega a 83%. Esse cenário decorre de dois fatores: a disparada do dólar e a retração da economia do Brasil. A loja de Zenab é a única aberta no quarteirão inteiro. “Doze lojas estão fechadas”, contou o libanês sobre os estabelecimentos vizinhos, alguns com placas de “Alquilo” (“Aluga-se”). “Também vou fechar a minha. Não vendo mais quase nada e o aluguel continua caro. Era R\$ 6 mil e, agora, esta R\$ 4 mil. Mas continua

“picarem a mula” de Pedro Juan”. Essa reportagem traz a informação de que no ano de 2015 a cidade de Pedro Juan teve o fechamento em torno de 120 estabelecimentos comerciais levando cerca de três mil pessoas a ficarem desempregadas.

O Estadão²⁸, em 4 de Janeiro de 2016, publica, *online*: “Dólar inicia 2016 em alta, cotado acima de R\$ 4; bolsa fecha no menor nível desde 2009...” No ano 2016 o dólar chegou a ultrapassar o valor de R\$ 4,00, e o comércio na Fronteira entre Brasil e Paraguai entrou em queda vertiginosa.

Consultando o terceiro jornal *online*²⁹, a chamada da matéria é “Dólar Congelado”, fazendo referência ao dia 23/08/2016. Com o aumento do dólar os comerciantes decidiram congelá-lo, não acompanhando as alterações de mercado, fazendo com que os compradores retornassem à fronteira.

Em 2015, as lojas participantes do “dólar congelado” obtiveram um lucro de 30% a mais nas vendas. Em 2016, na primeira edição, a loja *Studio Center*, em Pedro Juan Caballero, disse que teve um aumento de 50% nas vendas.

Outro ponto importante para os imigrantes árabes são as Leis, as quais fazem parte do seu dia-a-dia. Uma de suas preocupações iniciais, além de arrumar o trabalho, é se comunicar e solicitar a documentação regularizando sua situação no país.

Muitos dos imigrantes árabes, que se encontra em situação irregular no Brasil, caminham pelas fronteiras contornando os países e procurando a melhor oportunidade para se fixarem, justamente pela flexibilidade que a fronteira proporciona.

caro”, reclama Zenab que chegou a vender R\$ 10 mil por dia. “Hoje vendo R\$200 a R\$400”, comparou. A retração, nesse caso é de 98%.

²⁸ Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,dolar-tem-forte-alta-e-inicia-2016-cotado-acima-de-r-41817706>, último acesso em 09/01/2018. Trecho da reportagem: “SÃO PAULO - Após fechar 2015 com alta de quase 50%, o dólar iniciou 2016 com forte valorização. A moeda fechou a primeira sessão do ano cotada a R\$ 4,0344 em alta de 1,88%. A divisa americana foi influenciada pelas perdas recordes nas Bolsas da China e pela piora das projeções para a economia brasileira neste ano. A Bolsa também fechou em queda, no menor nível desde 2009. A alta do dólar terminou em sintonia com o avanço da moeda ante praticamente todas as demais divisas no exterior. Por volta das 14 horas, a moeda era cotada a R\$ 4,039, em alta de 2,01%. Na máxima do dia, chegou a alcançar R\$ 4,069”.

²⁹ Disponível em: <http://www.folhacg.com.br/dolar-congelado-lota-hoteis-e-aumenta-vendas-na-fronteira/> último acesso em 09/01/2018. Trecho da reportagem: “Pelo segundo ano consecutivo a promoção “Dólar Congelado” chega a Pedro Juan Caballero com o propósito de alavancar o comércio da região. Reunindo diversos comerciantes locais a campanha, iniciada no dia 21 de junho, atribui descontos no valor da taxa cambial ou direto no valor do produto final, durante o período de um mês. Dessa forma, contribui com o turismo de compra, uma das principais fontes de renda da região fronteira entre Brasil e Paraguai. De acordo com os organizadores da promoção, a segunda edição trouxe números ainda mais satisfatórios do que o primeiro ano de campanha, realizado em 2015. Todas as lojas participantes registram até o fechamento desta matéria uma média de 30% de aumento nas vendas. Em casos como o da loja *Studio Center*, por exemplo, o aumento no número de vendas atingiu a marca de aproximadamente 50%”.

Em diversos relatos e em conversas informais é explícita a necessidade de conseguir o documento brasileiro. Muitos imigrantes árabes entram como turistas pelo Brasil, alguns têm sua entrada negada e então procuram países vizinhos, como o Paraguai e a Bolívia, para dar sua entrada na América do Sul.

Segundo Etcheverry (2007, p. 125 e 126), há cerca de 700.000 estrangeiros no Brasil em situação irregular. Ele diz que “a posse da documentação evoca a possibilidade de tecer avaliações do estar no mundo que tem a ver com o ‘estar cá’ e o ‘ser de lá’ ou ‘estar lá’ simultaneamente”.

Não existe estimativa de quantos árabes em situações ilegais estão no Brasil e na fronteira. A rotatividade destes nas cidades fronteiriças e nos grandes centros urbanos dificulta qualquer estimativa.

Outra questão sobre a documentação está associada ao casamento e aos filhos. Os árabes libaneses e sírios tem o costume cultural dos casamentos entre “primos”. Muitas famílias libanesas que estão em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero são de origem muçulmana, e eles gostam de manter seus costumes culturais e religiosos.

De certa forma, todos os homens árabes e muçulmanos almejam se casar com uma mulher da mesma nacionalidade e com os mesmos costumes culturais, quer seja prima ou conhecida de sua família, mas com a mesma religião e de preferência, da mesma vila do Líbano. Muitos homens em Ponta Porã quando já estão economicamente estáveis vão para o Líbano buscar suas esposas ou procurar, por lá, uma “boa esposa”.

Peters (2007), em sua pesquisa sobre imigrantes palestinos, na qual aborda a discussão sobre a situação sírio-libanesa denomina essa procura por esposas, como “importar esposas”, ou seja, quando o homem se sente pronto para se casar e começar uma família, retorna para seu país de origem ou envia seus descendentes para encontrar uma companheira.

Muitas coisas não ocorrem conforme o almejado. Nas incertezas dos caminhos que o imigrante percorre existem muitas possibilidades e dúvidas. O casamento ocorre também com brasileiras e paraguaias, de forma geral, com mulheres de outra nacionalidade que estejam dispostas no evento da imigração.

Um fator é certo, independente da nacionalidade da mulher, se os filhos nascerem no Brasil, a documentação para a legalização da família se torna mais rápida e ágil aos pais. Segundo relatos dos imigrantes é difícil conseguir a documentação brasileira, os filhos quando nascidos no Brasil aceleram o processo de legalização dos pais.

Sobre os casamentos e a miscigenação, uma brasileira, que será chamada de Irene, casada com um libanês disse que seu esposo trouxe seu irmão do Líbano para morar com eles e em seguida trouxeram sua esposa, também do Líbano. No primeiro dia, a libanesa colocou diversos papéis escritos em árabe por todos os potes da cozinha, Irene saiu arrancando tudo e disse: “elas (árabes) são muito mandonas, se eu não mostro que esta é a minha casa logo, logo ela será a patroa e eu a secretária”.

Ainda sobre o casamento, uma paraguaia, Estela, casada com um libanês com quem teve três filhos, fala sobre seu cunhado árabe, casado com uma brasileira: “Meu cunhado fala que eu não casei virgem, ele pensa que todas as mulheres são fáceis. A mulher dele não era virgem, mas eu casei virgem, sim!”.

Todas as mulheres brasileiras e paraguaias que entrevistei solicitaram não serem identificadas, pois como são poucas dentro da comunidade, não querem problemas. Todas relatam que se sentem constantemente pressionadas pelo lado da família “árabe”. Elas tentam se encaixar e aderir às tradições do esposo para viver em harmonia, mas, em geral, seus costumes e comportamentos são sempre rechaçados e ridicularizados.

Outra questão que incomoda as mulheres árabes, paraguaias e brasileiras é o “casamento temporário” ou *muttah*. Esse procedimento é permitido entre homens árabes muçulmanos xiitas que querem namorar ou ter um vínculo de relação íntima com uma mulher (se esta não for mais virgem), antes de casar oficialmente.

Para o homem muçulmano em um país como o Líbano, ele pode casar até com três mulheres ao mesmo tempo, no Brasil e Paraguai isto não é permitido e as leis do país devem ser respeitadas.

A *muttah* é um casamento temporário onde a mulher escolhe um presente e estabelece o tempo desta relação. O presente pode ser simbólico ou ter um valor material expressivo e a duração pode ser de um dia a um ano, com a possibilidade de ser renovado.

Em Ponta Porã e em Ciudad del Este, ouvi muitos comentários sobre o casamento temporário, os homens árabes muçulmanos xiitas o realizam de forma sistematizada, causando sérios problemas aos cônjuges, independentemente da nacionalidade.

Essa possibilidade permite que o homem possa ter relações extraconjugais, sem cometer o adultério, pois o enlace tem valor religioso, ou seja, aos olhos de Deus ele não é um pecador e não está fornicando. Perante as leis que regem no território

brasileiro e paraguaio, isso configura traição e um crime que pode ser julgado e condenado.

Os muçulmanos sunitas veem o casamento temporário como uma prática ruim, que desvaloriza a mulher e, em alguns casos, assemelha a uma condição similar a de prostituição. Desprezam, assim, por completo.

As mulheres libanesas, brasileiras e paraguaias apresentam rejeição por essa prática. Os diversos países em que ocorre esta situação como Líbano, Síria, Palestina entre outros, também apresentam seus pequenos problemas.

O homem muçulmano pode estar casado com até três esposas ao mesmo tempo, porém todas devem ter suas casas e nenhuma pode ter qualquer vantagem sobre a outra. Diferente da *muttah*, que é o casamento temporário, um contrato com a duração estipulada, que pode ser de dias a meses, neste contrato o homem pode não ter qualquer responsabilidade com a mulher, mas se desta relação houver filhos, estes serão considerados legítimos tanto quanto os de um casamento formal.

Fadel, um jovem libanês, comenta sobre isso em sua loja, dizendo que não quer ter duas esposas. Seu pai, no Líbano, é casado com duas mulheres, possuindo, então, duas famílias, cada uma morando em um apartamento no mesmo prédio, um de frente para o outro. Nos dias mais problemáticos, o pai de Fadel coloca a cadeira no meio do corredor, entre os dois apartamentos e fica escutando as reclamações das esposas.

CAPÍTULO 2

A face árabe da fronteira: comércio, identidades e cartografias

Neste capítulo serão apresentados alguns dados da fronteira entre Pedro Juan Caballero³⁰ e Ponta Porã³¹ como a importância das lojas dos árabes pesquisados em Pedro Juan Caballero e, através dos relatos dos trabalhos de campo, fragmentos de suas vivências pessoais com a/na fronteira.

A Lei de 6.634 de 1979 (lei das fronteiras) diz que a faixa de fronteira se estende a 150 quilômetros para além do limite internacional com qualquer país do lado brasileiro, enquanto que do lado paraguaio, essa extensão é 50 quilômetros. Mas é importante saber que a vivência ultrapassa essa extensão territorial.

Para Hissa (2006), a concepção de limite insinua a presença da diferença e a necessidade da separação, sobre o limite diz que este é uma abstração do olhar, e isso se torna apenas uma fração de realidade.

Para Oliveira (2005), faixa de fronteira está associado a “expressão de jure”. Os limites territoriais definidos pelo Estado – nação, enquanto que o termo zona de fronteira corresponde a um espaço de interação, chamado de “um espaço social transitivo”, por fluxos e interações transfronteiriças.

Esse espaço de interação é utilizado por todos os brasiguaios e principalmente pelos descendentes de árabes. Utilizam-se dos espaços e brechas que os favorecem no que diz respeito quanto ao ensino, compra de imóveis e automóveis.

Sobre a demarcação da fronteira entre Pedro Juan Caballero existe a necessidade de os Estados nacionais demarcarem os limites. Segundo Marin (2001), essa limitação não abrange as pessoas, estas sempre viveram e usufruíram dos dois lados da fronteira.

A comissão mista de limites do Brasil Paraguai fixou, como linha divisória, os rios Paraguai, Apa e Estrela. Na Fronteira seca, foram construídos marcos de cimento para delimitar os territórios e demarcar as diferenças culturais. A fronteira, nesse caso situava-se hipoteticamente no meio das águas ou entre os marcos. A realidade fronteiriça do Brasil com o Paraguai e a Bolívia contestava e fragilizava a visão de que as fronteiras são precisas e de que o Estado era soberano e mobilizava de forma homogênea todos os cidadãos. As fronteiras geográficas existiam apenas nos mapas, pois na prática não eram delimitadas (MARIN, 2001, p. 160).

³⁰ Pedro Juan Caballero – Fundação da cidade 01/12/1900.

³¹ Ponta Porã tem sua fundação em 25 de março de 1892, sua emancipação é em 18 de Julho de 1912 de Nioaque.

As interações dos moradores, as demarcações e limites nacionais e o transpor regular destes limites por seus moradores são processos históricos da formação da fronteira e da identidade cultural dos povos, das políticas públicas que proporcionam elementos que personificam e qualificam a fronteira, tornando-a atrativa aos imigrantes, principalmente aos imigrantes árabes.

Essa demarcação territorial é possível observar na Linha Internacional. A cultura dos dois países e dos imigrantes transpassa esses recortes elaborados por estados nacionais entre 1920 a 1930.

Em Ponta Porã, a maior parte das casas comerciais localizavam-se em Pedro Juan Caballero, embora os comerciantes residissem do lado brasileiro. O abastecimento das casas comerciais era feito em Concepción, a 360 Km da fronteira... O dinheiro paraguaio, argentino, boliviano e brasileiro circulava normalmente na fronteira. O comércio fronteiriço aumentava as trocas comerciais e a comunicação trilingue (MARIN, 2001, p. 163 e 164).

Este é o cenário em que o imigrante árabe se depara ao chegar e se estabelecer na fronteira entre dois países, uma interação diária entre culturas e costumes distintos que hora se fundem e em outras se afastam.

Atualmente as demarcações são já estabelecidas e por mais que haja um fluxo contínuo na fronteira, existe por interesse do Governo, poderia ser utilizados políticas que dificultassem e até impedissem a circulação de mercadorias e pessoas.

Raffestin (1993), fala sobre a importância da língua, os interesses do Estado e conceitos de poder. Na fronteira a comunicação é trilingue espanhol, guarani e o português. O imigrante árabe traz sua língua natal e tem que se adaptar com as línguas locais, para trabalhar e se relacionar com o meio social.

No caso da Fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero existem dois interesses de poder que se destacam o brasileiro com a língua portuguesa e o paraguaio com o espanhol e, em menor escala, o guarani.

Através destas relações são elencadas medidas que facilitam a vivência e a identidade que se dá na fronteira, tornando-a um espaço propício para a diversidade cultural, inclusive para os libaneses, sírios e palestinos que ali se instalam.

Quando cheguei na fronteira não sabia falar nada, agora falo português o espanhol e até guarani (AHMAD HAIDAR, trabalho de campo, Ponta Porã, 11 / 01 /2017).

Faz mais de dez anos que moro aqui, falo um pouco de tudo, mas sinto falta de falar árabe, ensinei um pouco meus filhos, eles entendem bem mas, são mais brasileiros do que árabes (HOUSSEIN, trabalho de campo 11/ 01 /2017).

Nasci aqui, sou brasileiro, arranho um pouco do espanhol e falo árabe não sei escrever não têm aqui escola de árabe sabe, espero que quando tiver meus filhos eles possam estudar e saber melhor árabe do que eu (HASSAN, trabalho de campo 11/01/2017).

O trabalho de Hissa (2008) discute o pensamento sobre a fronteira e as relações de poder e a relação de controle.

Uma reflexão sobre limites e fronteiras é, também, uma reflexão sobre o poder. Fronteiras e limites são desenvolvidos para estabelecer domínios e demarcar territórios. Foram concebidos para insinuar precisão: a precisão que pede o poder. Enquanto forma de controle, a precisão é necessária para o exercício pleno do poder, em suas diversas instâncias. Fronteiras e limites reclamam pela exatidão, pela presença insinuante da linha visual que muitas vezes não possuem. Fronteiras e limites reclamam a imagem, o marco – concretude que, substituindo a abstração, possa fornecer a ideia de exatidão (HISSA, 2008, p. 35).

Para Oliveira (2008), utiliza-se a expressão faixa de fronteira ampliando as margens desta linearidade, pois os lados distintos coexistem e se relacionam com identidades distintas que, em alguns pontos, colidindo-se, divergindo-se ou reinventando-se, cria o novo.

Nas escalas global e continental há um aprofundamento de dinâmicas que desafiam os sistemas tradicionais de controle territorial dos estados nacionais, em virtude de mudanças nas condições técnico-tecnológicas no campo da produção e troca de informações e da proliferação de estratégias e planos de ação de organismos internacionais e empresas transnacionais. Deve-se destacar também a disseminação de processos que exigem tratamento bilateral ou multilateral, como a implantação e desenvolvimento de agrupamentos funcionais dos Estados Nacionais (MERCOSUL, Comunidade Andina), a integração da malha viária sul-americana, a intensificação do tráfico de armas e drogas ilícitas na Zona de Fronteira e a expansão dos movimentos migratórios e pendulares na região. Os estados encontram-se, portanto, diante da necessidade de ajustar suas políticas públicas à ‘permeabilidade’ das fronteiras e, ao mesmo tempo, fomentar a articulação da Faixa de Fronteira às outras regiões do país, diante do fato dela estar situada à frente do processo de integração sul americana (OLIVEIRA, 2005, p.88).

Ponta Porã apresenta uma rede comercial ampla e diversificada de seu lado. Do lado paraguaio, em Pedro Juan Caballero, devido às taxas para os produtos importados serem reduzidas, o comércio paraguaio prospera ultrapassando em número as lojas do lado brasileiro.

Os consumidores das lojas paraguaias, em geral, são brasileiros que viajam de diversas cidades para efetuar suas compras à vista na fronteira. Lojistas brasileiros disseram que muitos paraguaios compram no Brasil devido à opção do parcelamento e do crediário.

Boa parte dos imigrantes árabes têm suas lojas no lado paraguaio, mas, preferem residir com suas famílias do lado brasileiro, por considerarem mais seguro.

Em Pedro Juan Caballero há muitas casas de câmbio onde é possível cambiar as principais moedas do mundo, mas no comércio, o que se utiliza é o Guarani, moeda paraguaia, o Real, a moeda brasileira e o Dólar, moeda norte-americana.

Segundo Marin (2000/2001), nas primeiras décadas do século passado os paraguaios cruzavam a fronteira procurando por empreitadas do lado brasileiro. Coronéis brasileiros pagavam para paraguaios votarem nas eleições do lado brasileiro. Os brasileiros cruzavam a fronteira para estudarem, pois havia escola somente em Pedro Juan Caballero.

Em 11/04/1901 foi fundada a primeira escola mista (escola para brasileiros e paraguaios) de Ponta Porã, onde, até meados de 1930, era comum para os brasileiros estudarem no lado paraguaio por falta de escolas.

Estes dados abordados por Marin fazem lembrar a interação que existe e sempre existiu na fronteira, é um lugar de fluxo intenso. As pessoas tentam extrair as melhores possibilidades dos dois lados e até mesmo da intersecção do lado brasileiro e paraguaio. Sobre as escolas, existe hoje um processo inverso, muitas crianças paraguaias estudam do lado brasileiro, devido à distribuição de material escolar, livros didáticos, uniformes e lanche escolar.

Hoje, os filhos de árabes estudam, geralmente, em escolas particulares do lado brasileiro. Através dos relatos e das conversas informais, apenas duas irmãs nascidas no Líbano estudaram do lado paraguaio e três rapazes que estudaram e concluíram o ensino médio no Brasil, agora estudam em universidades do lado paraguaio da fronteira. Os cursos são medicina e direito. Um quarto rapaz que trabalhava na loja de seu pai, em Pedro Juan Caballero, disse que estuda na UEMS³², em Ponta Porã.

No período da adolescência, a educação das filhas e filhos se torna um ponto de preocupação principalmente, para famílias árabes muçulmanas. Existe um medo quanto à virgindade das meninas, que podem se apaixonar e se envolver com rapazes que não

³² UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, campus de Ponta Porã.

compreendam os valores e costumes culturais da moça ou de sua família. Já os meninos possuem uma liberdade maior quanto ao namoro e ao sexo.

Houve menções de que meninas descendentes de libaneses são enviadas para o Líbano na adolescência. Esse relato está relacionado a uma família onde a irmã mais velha se apaixonou por um brasileiro e foi enviada para o Líbano, voltando apenas casada com um libanês de lá. Sua irmã do meio fugiu para se casar com um brasileiro, gerando transtorno para a família, foi aceita pela família novamente, somente depois que seu esposo se converteu ao islamismo e depois de fazer o casamento com o *Sheikh* que foi trazido de Ciudad del Este. Em consequência disso, sua irmã mais nova e sua prima, ambas adolescentes, foram enviadas para o Líbano. A irmã mais nova se casou com um libanês e estes retornaram para a fronteira. Sua prima ainda está no Líbano e solteira.

2.1 Comércio e trabalho dos árabes muçulmanos na fronteira

Como mencionado no primeiro capítulo, boa parte dos árabes em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, antes de se instalarem nesta fronteira, estabeleceram-se anteriormente em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, nem todos foram até Porto Iguaçu, lado argentino da Tríplice Fronteira. Em geral possuem parentes e amigos em Foz do Iguaçu ou Cidade Do Leste.

Esta relação também liga o comércio destas áreas fronteiriças. Quando o comércio fica acirrado em Ciudad del Este, os comerciantes percebem que lucrariam melhor indo para outras cidades fronteiriças, visando novos mercados e sempre mantendo sua ligação com Ciudad del Este. Dessa forma, Guaíra e Pedro Juan Caballero se desenvolvem acompanhando Ciudad del Este.

Conversando com o Senhor Ademir, este diz que chegou à fronteira de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu em 1992, trabalhou no *Shopping Gebai*, vendeu produtos na rua com uma caixinha. Ele dividia apartamento com seu irmão e primos que chegaram anteriormente a ele.

Ademir diz que não dá pra ficar sozinho quando chega ao Brasil e ao Paraguai, “não falava nada” ele falou várias vezes que possui um irmão e cinco primos “aqui” (Este aqui quer dizer Brasil e Paraguai, fora do Líbano). Deixou claro que ele foi o primeiro a vir para Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. No fim da conversa ele diz: “Brasil é uma verdade”.

Nessa fala, de o Brasil ser uma verdade, dá para perceber que muitas das coisas que ele almejava se concretizou, ele possui sua loja que lhe proporciona renda e o sustento de sua família. Seus filhos estudam em escolas particulares e um deles está cursando a Faculdade de Medicina em Pedro Juan Caballero.

Ao conversar com libaneses, eles sempre falam que existem mais libaneses no Brasil do que no Líbano, com o Senhor Ademir não foi diferente. Esta afirmação do senhor Ademir, deve-se ser entendida através de uma análise numérica e não de ordem etnocêntrica, existem diferenças entre os próprios libaneses que moram no Líbano e principalmente entre os que migram.

Um artigo do Senado *online* aponta que no Brasil vive mais de 10 milhões de libaneses e descendentes, enquanto que a população libanesa é por volta de 3,5 milhões. O *link*³³ trará fragmento do texto.

Ainda falando sobre a conversa com o Sr. Ademir, ele se diz com sorte, pois sua família tem uma condição estável no Líbano, então não havia necessidade de enviar dinheiro para eles. Porém, ele diz que um árabe antigo o aconselhou: “Dinheiro do Brasil fica em Brasil, Ademir”.

Através da convivência, a identidade vai sofrendo adequações. O Senhor Ademir disse que sente falta do Líbano, mas já viveu mais tempo no Brasil e no Paraguai do que no Líbano. Ele comenta com grande felicidade a visita de sua mãe ao Brasil e Paraguai, a família tem um significado muito forte para o imigrante. Trazer sua mãe aqui e mostrar sua realidade, sua casa, sua loja, mostrar onde ele está e o que está construindo proporciona uma intensa satisfação e realização.

³³ O link <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>, último acesso em 28/04/2018. Título do artigo: Comunidade Libanesa no Brasil é maior do que no Líbano, fragmento do texto: “A comunidade libanesa que vive no Brasil, formada em sua maioria por descendentes, é maior do que a população do Líbano. São quase 10 milhões de libaneses e descendentes em território brasileiro, contra 3,5 milhões que vivem no Líbano. O país é uma república parlamentarista com presidente eleito pelo voto dos deputados. O último presidente, general Michel Sleiman, foi eleito pelo Parlamento em 2008. Brasil e Líbano têm comércio bilateral de cerca de US\$ 312 milhões. Em 2010, foram comemorados 130 anos do início oficial da imigração árabe para o Brasil. Foi em 1880 que o primeiro navio com libaneses deixou o porto de Beirute, estimulados pelo imperador Dom Pedro II, que visitara o país quatro anos antes. A maioria dos libaneses imaginava estar migrando para os Estados Unidos, porque o Brasil era praticamente desconhecido. Muito antes, no entanto, árabes já tentavam a sorte no novo mundo. No Brasil, os primeiros árabes chegaram ainda no período colonial, para trabalhar como mascates. Em 1880, veio a primeira grande leva de libaneses cristãos, fugindo do Império Otomano, Estado de maioria muçulmana que dominava todo o Oriente Médio e era controlado pela etnia turca. Os estados que mais receberam migrantes libaneses foram São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará e Goiás. Como chegavam com o passaporte otomano, eram chamados de "turcos", denominação aplicada até hoje aos árabes e seus descendentes em parte do Brasil”.

Dessa forma ele aplica seu futuro e de sua família aqui (na fronteira). Seu coração sempre o diz para voltar para o Líbano, mas tudo o que construiu está aqui (na fronteira) e não no Líbano.

Em Pedro Juan Caballero, ao lado do *Shopping Westgarden*, havia um restaurante árabe, no qual foi feita uma visita no dia 11/01/2017. O restaurante era adornado com grandes painéis referente a paisagens e símbolos do Líbano, adornado com arguilés e produtos para ser utilizados na culinária árabe, que também estavam à venda.

Esse restaurante árabe chamou a atenção, pois a dona do estabelecimento se chama Samira, sendo a única mulher árabe de primeira geração que foi encontrada trabalhando e gerenciando seu próprio negócio em Pedro Juan Caballero.

Samira é questionada sobre os motivos que a levaram a trabalhar, ela respondeu que é muito comum as mulheres trabalharem no Líbano, pois a família não pode depender do trabalho do esposo, e o casal tem oito filhos. Ela diz: “tudo é muito caro, tem que pagar escola!”, então ela ajuda trabalhando no restaurante.

Cheiro é algo especial quando se fala sobre imigrantes árabes. A própria literatura é rica em descrever o Oriente através das essências. Vários imigrantes árabes ao longo de conversas falam sobre o: “o cheiro dos arguilés nas ruas do Líbano” (essência de maçã), “o cheiro do azeite feito em casa”, “o cheiro do chá”, “o cheiro da folha da uva”, “o cheiro da comida”, “o cheiro do almíscar”, “o cheiro do cedro”, “o cheiro dos doces”. As recordações e memórias fazem parte dos sentidos. Compreender os imigrantes árabes inclui apreender suas particularidades sutis, as conexões que são feitas no caminhar do imigrante, a escolha por se fixarem em uma área de fronteira.

Além do cheiro podemos falar sobre o sabor. Na fronteira principalmente do lado brasileiro foram encontrados muitos restaurantes com a culinária árabe. Segundo Dietz (2009), para o imigrante comer revela fortes ambivalências, sendo público e privado, físico e psíquico, tradicional e passível de mudanças, possuindo um valor abstrato, simbólico, cultural, tradicional, histórico e cotidiano.

Dietz (2009, p.11) escreve: “... a comida serve para a formação e conservação da identidade individual, bem como da coletiva”. Para o imigrante árabe, sua a comida estará presente no dia-a-dia, em casa, no trabalho, nos encontros religiosos.

As figuras 7 e 8 representam o restaurante onde Samira trabalha. No quadro branco na parede, em árabe está escrito a *Surata Al fatiha* que significa em português *A Abertura*, que é o primeiro capítulo do *Alcorão*, livro sagrado para os muçulmanos.

Observa-se alguns temperos árabes para a venda nas prateleiras, como azeites e pimentas, no balcão branco existem mais escritos em árabe. Quando perguntado para ela a tradução, disse apenas que “é coisa da nossa religião”. Perguntei o que era exatamente, então Samira disse que era do *Alcorão*, mas não especificou.

Ao fundo da loja, na parede existem painéis com a imagem de alimentos e lanches tipicamente árabes como esfirra, fahita, zanobia, shawarma, entre outros. Também é possível ver dois arguilés.

Na figura 7, abaixo desses painéis de comida, há um balcão e claramente dá para perceber, dois arguilés, perguntei para Samira quem os fumava. Ela disse: “quem quiser, eu fumo, meu marido, parente amigos deles, se você quer eu preparo para você”.

Na figura 8 do restaurante de Samira, observa-se como a parede foi revestida com imagens turísticas do Líbano, podemos citar a Queda de água Baatara, o Templo de Baco junto com outras ruínas da cidade de Baalbeck, Raouché que é uma rocha com uma abertura realizada pelas águas do Mar Mediterrâneo em Beirute, capital do Líbano. O Cedro sendo a árvore símbolo do Líbano, está presente em sua bandeira nacional. Já no canto da imagem, o que aparece é a foto de uma padaria árabe com vários doces. No fundo está novamente o quadro com a *Surata Al-Fatiha* e os temperos árabes a venda.

Figura 7. Restaurante Árabe em Pedro Juan Caballero



(Fonte: Trabalho de campo, 11/01/2017).

Figura 8. Painéis do Líbano no restaurante



(Fonte: Trabalho de campo 11/01/2017).

O imigrante árabe, em grande parte, faz de sua jornada ou travessia uma viagem somente de ida. As dificuldades de várias guerras e conflitos em países como Líbano, Síria e Palestina, nos últimos cem anos, semeia gerações de imigrante árabes. Nos olhos destes imigrantes, quando relatam as experiências pessoais vividas, os parentes mortos, a brutalidade humana, tornam possível a compreensão da motivação para trabalharem e construírem suas casas, formarem suas famílias e possibilitar a vinda de familiares e amigos.

Existe a necessidade de, até mesmo no trabalho nos comércios, trazer elementos da sua cultura e da sua história. Quando estes migrantes se reterritorializam trazem consigo elementos que são importantes, utilizando-os em seu presente para proporcionar que a jornada diária esteja ligada com sua história, cultura e costumes.

Para os árabes o comércio é uma forma de renda antiga. Sírios e libaneses cruzavam o mediterrâneo trocando mercadorias, os iraquianos e sauditas atravessavam o deserto em caravanas comercializando.

O significado de contemporâneo faz menção a estarmos vivenciando o mesmo tempo, a noção de pertencimento de tempo e espaço, o agora e o presente. David Harvey (2008), na compressão do espaço-tempo, justifica a aceleração de troca e

consumo, as pessoas são obrigadas a viver com o descarte, a venda da imagem através do *marketing* gerando uma indústria de imagem, vendendo todos os tipos de produtos.

As áreas de fronteiras se destacam através das trocas de mercadorias, alfândegas, postos de controles, tarifas e taxas que se reajustam diariamente. Uma nova política alfandegária com os baixos impostos possibilita o mercado atrativo, como já exposto neste trabalho, através do capítulo 1, na citação de Albuquerque (2009).

Para complementar esta informação da transformação do mercado paraguaio atrativo, indústrias brasileiras e internacionais se instalam no país para usufruir dos benefícios fiscais e custo trabalhista menor. O jornal *online*, *O Globo*³⁴, comenta sobre a rede de roupas brasileira, Riachuelo Guararapes, abrindo uma filial no Paraguai, notícia do dia 10/10/2016.

³⁴ Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/industrias-brasileiras-se-instalam-no-paraguai-17744359>, último acesso em 21/02/2018. Trecho da reportagem: “SÃO PAULO - Dona da rede de varejo Riachuelo, a Guararapes instalou sua primeira confecção no Recife (PE) em 1951, tornou-se uma gigante do setor têxtil nacional e sempre concentrou sua produção no país. Até agosto deste ano, quando associou-se à Texcin, no projeto de um centro de confecção de US\$ 5 milhões, e passou a produzir parte das coleções femininas no Paraguai. Outros US\$ 5 milhões serão aplicados numa segunda etapa, quando a empresa deve empregar duas mil pessoas. A Guararapes é apenas uma entre muitas empresas brasileiras que estão se instalando no Paraguai. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), no momento em que o setor alerta para o risco de desindustrialização no Brasil, pelo menos 42 companhias cruzaram a fronteira e montaram operações no país vizinho. A Vale, por exemplo, adquiriu lá recentemente empresa de logística fluvial, enquanto que a catarinense Buddemeyer, fabricante de artigos de cama, mesa e banho, está instalando uma unidade têxtil. O mesmo ocorre com a InterCement, a cimenteira do grupo Camargo Corrêa, que também ergue nova fábrica em Yguazú. — Mandamos para lá parte do maquinário da fábrica de Fortaleza. E enviamos tecidos e moldes. Nosso parceiro costura as roupas e fornece para nossas lojas no Brasil. O Paraguai tem o custo chinês, com o transit time (tempo de chegada no país) de Santa Catarina. Uma peça demora seis meses para chegar da China até aqui, do Paraguai chega em um dia — disse Flávio Rocha, presidente da Guararapes. CUSTOS 39% MENORES. Já neste ano, conta o empresário, as peças feitas no Paraguai devem representar até 2% das vendas no Brasil. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT), outras cinco empresas já estão tocando projetos para produzir fiação e tecido no país vizinho.— No futuro, pela proximidade, a produção paraguaia deve ocupar o espaço da China (de onde hoje vêm 40% das coleções da Riachuelo) — afirmou Rocha. Além de incentivos fiscais, energia e mão de obra mais baratas — no caso da indústria têxtil, o custo de produção com energia e mão de obra é 39% menor que no Brasil —, as empresas procuram menos burocracia e acesso a outros mercados. O Paraguai tem acesso especial a mercados como o da União Europeia, por ser beneficiário do Sistema Geral de Preferências (SGP). Wagner Weber, sócio-diretor da consultoria Braspar (Centro de Negócios Brasil-Paraguai), lembra ainda que as empresas que se instalam lá podem importar matéria-prima e bens de capital com isenção de impostos. E, na hora de exportar, graças a uma lei chamada Maquila, o fabricante paga apenas 1% em tributos. — O governo paraguaio quer tornar o país em um grande polo têxtil e de autopeças da América Latina — explicou Weber. Para o consultor fiscal e professor de direito tributário pela USP Fernando Zilvetti, essas vantagens tributárias caracterizam uma “guerra fiscal permitida”, já que no Paraguai há um único imposto sobre consumo (IVA), enquanto que no Brasil paga-se IPI, ICMS, PIS e Confins sobre os produtos. — Dos países do Mercosul, só o Brasil não tem imposto único sobre consumo, e com os incentivos e isenções às importações, é muito mais barato produzir lá. Além disso, observa Zilvetti, nos últimos anos aumentou a segurança nas estradas do país, o que significou redução nos preços dos fretes”.

Esta forma de trabalho, revender produtos importados da China, Estados Unidos da América, Inglaterra, Alemanha, Japão, entre outros países, proporciona ao imigrante árabe trabalho e renda.

As figuras 9 e 10 serão apresentadas a seguir. As duas foram retiradas no *Shopping Westgarden* em Pedro Juan Caballero. As lojas são do mesmo dono, porém são administradas por pai e filho. Nas duas lojas é possível ver o mesmo quadro religioso, com três suratas do *Alcorão* (três passagens do *Alcorão*).

Figura 9. Loja no Shopping Westgarden



(Fonte: Trabalho de campo, shoppin Westgarden, 11/01/2017).

Figura 10. O quadro se repete



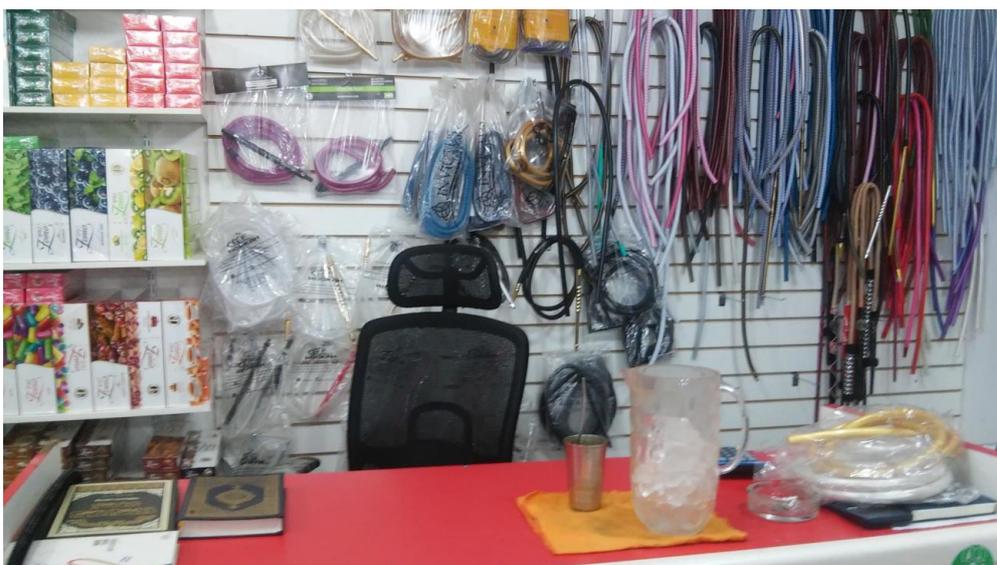
(Fonte: Trabalho de campo, Shopping Westgarden 09/10/2017).

Este quadro religioso em ambas as lojas ficava posicionado perto da mesa da gerência, próximo ao lugar na loja onde os imigrantes árabes passam o maior tempo. Esta espacialização fica bem visível na figura 10.

Sobre a religiosidade árabe e a forma de materialização desta no cotidiano do imigrante árabe na fronteira, será apresentada a figura 11, que traz novos elementos, inclusive da reterritorialização do imigrante árabe e a mescla de costumes, cultura e tradição.

A figura 11 demonstra uma loja árabe na linha internacional em Pedro Juan Caballero, no *Shopping Westgarden*. Nessa figura é possível ver, sobre a mesa do gerente uma jarra com água e gelo, um copo contendo erva-mate triturada e uma bomba, percebe-se facilmente que se trata de uma bebida chamada tereré, típica da fronteira. Para beber é necessário colocar a água gelada sobre a erva mate que está dentro do copo e sugar o líquido através da bomba.

Figura 11. O Tereré e O Alcorão



(Fonte: Trabalho de campo 09/10/2017, loja em Pedro Juan Caballero).

Os árabes também aderem à cultura e o costume local, comem chipa, sopa paraguaia, comidas da culinária paraguaia. Gostam muito de tomar suco de laranja e guaraná, entre outros.

Ainda na figura 11 é possível observar mangueiras de cores variadas ao fundo, e as caixas coloridas que são diversas essências no fumo. Ambos são acessórios utilizados no arguilé.

Em cima da mesa há dois exemplares do *Alcorão*. O primeiro exemplar, de capa mais escura é bilíngue, em árabe e português; o segundo com a capa mais clara é um exemplar somente em árabe.

Ayubi é o jovem árabe que gerencia a loja da figura 11, justifica que não sabe ler em árabe. Mudou-se quando criança para a fronteira, então precisa do exemplar com as duas línguas, enquanto que seu pai prefere ler o exemplar somente em árabe.

Abaixo, a figura 12 demonstra uma loja voltada para a venda de arguilés e essências. No fundo do estabelecimento comercial, possui um pequeno armário com produtos alimentícios árabes para venda.

Figura 12. Mantimentos



(Fonte: Trabalho de campo 09/10/2017, loja em Pedro Juan Caballero).

A figura 12 apresenta produtos alimentícios que vão desde arroz em um saco de estopa bem ornamentado, feijões enlatados, temperos como pimentas, azeite, doces como Halawi, que é uma pasta de gergelim com pedaços de pistaches e até água de rosas, normalmente utilizada para fazer o manjar branco, dando um toque especial.

Para Dietz (2009), a migração desempenhou e desempenha um papel importante na história da alimentação. A comida ao ser transportada é um importante marcador da identidade; a comida acompanha o imigrante e ela mesma migra.

Zeinab, uma senhora libanesa que estava de passagem na loja do esposo, comenta sobre a comida e diz: “... sempre quando vai alguém pra casa, traz comida pra cá, coisas que não tem aqui sabe, doce, azeitona muitas azeitonas, daqui é diferente não é igual”,

ao questionar o que Zeinab leva para o Líbano ela diz: rapidamente: “Perfume, guaraná e doce”.

Figura 13. Loja vista do fundo



(Fonte: Trabalho de campo 09/10/2017, loja de arguilés em Pedro Juan Caballero).

A figura 13 é outro estabelecimento de um árabe libanês. O intuito desta fotografia é mostrar como normalmente são as lojas dos árabes na linha internacional. No canto direito é possível ver a secretária paraguaia repondo o estoque que acabou de chegar de Ciudad del Este.

A seguir, na figura 14 haverá uma fotografia de um lanche árabe. Antes de eu sair da mesma loja, a secretária paraguaia, Ivone, me chamou para mostrar a comida do “patrão”. Ela disse: “Eles chamam de fahita, mas parece pizza, né?”.

Percorrendo as lojas e observando a comida e a bebida do dia a dia do imigrante árabe, como fahita e tereré, o restaurante árabe, de comida libanesa, com funcionárias paraguaias, pode-se pontuar que a comida como uma ligação, de possibilidades e combinações distintas que migram e incorporam na realidade do imigrante árabe da fronteira e dos outros fronteirios.

Para Dietz (2009, p. 16), a comida até auxilia ao imigrante árabe a superar o estranhamento do país estrangeiro, possibilita uma ligação mental com seu país de origem, ajudando-o a manter a continuidade da vida cotidiana do velho e do novo país.

Figura 14. Lanche da Tarde



(Fonte: Trabalho de campo, 09/10/2017, lanche da tarde na loja em Pedro Juan Caballero).

A fronteira é onde estes imigrantes árabes estão estabelecidos, mas é importante lembrar que só estão ali por conta do trabalho. Os imigrantes jovens estão em grande parte procurando novos lugares e formas de trabalhos que possibilitem um lucro rápido, para abrirem seus negócios. Enquanto os imigrantes mais velhos, já estabelecidos, tendem a permanecer na cidade onde investirão em lojas, terrenos e casas. Muitos não trabalham e vivem de aluguéis de seus imóveis. Os filhos e netos normalmente moram em outras cidades, foram atrás da realização própria. Aos que ficam estes exercem atividades além do comércio, boa parte vai para a universidade tornando-se profissionais em distintas áreas.

2.2 Nem árabe, nem brasileiro e nem paraguaio: a busca da identidade árabe na fronteira

Para abordar esse tema vamos falar da conversa com Salim³⁵, ele é um jovem brasileiro de 19 anos de idade, seu pai é o Sr. Ademir. Esse rapaz mora em Ponta Porã e estudou o ensino fundamental e médio nesta cidade. Atualmente estuda medicina em tempo integral em Pedro Juan Caballero no Paraguai, quando está de férias cuida da loja de seu pai.

Salim relata quem em seu tempo de criança havia poucas crianças árabes de sua idade, então ele se relacionava com as crianças brasileiras. Ele disse, num primeiro

³⁵ A entrevista com Salim foi realizada no dia 11/01/2017, na loja de seu pai em Pedro Juan Caballero.

momento, que se vê como brasileiro, mas depois, pensou um pouco e se corrigiu, disse que é 50% brasileiro e 50% paraguaio, pois nasceu e cresceu na fronteira. Todos os seus amigos são brasileiros e paraguaios. Muitas pessoas perguntam de seus traços, como o tamanho do nariz e das sobrancelhas, ele diz que se sente igual a qualquer outra pessoa.

O plano de Salim para o futuro é ir para Foz do Iguaçu. Comentou que gosta da quantidade de escolas árabes que existem “lá”, pois gostaria que seus filhos lessem e escrevessem em árabe. Ele justificou que não sabe escrever, apenas falar. Complementou dizendo sobre a religião, que seria melhor para seus filhos, pois poderiam estudar na escola e em casa.

Ele continuou dizendo que foi para o Líbano algumas vezes, o tempo máximo que ficou foi dois meses em 2011, e quando seus pais foram fazer o *haji*³⁶ ficou na casa dos avós.

Nesses dois meses do ano de 2011 houve uma tensão entre Líbano e Israel. Israel enviou um míssil contra uma cidade do Líbano a cidade atingida ficava a 40 minutos da casa dos avós onde estava. Ele ficou muito assustado, pois, não estava lá com seus pais, este foi um momento de grande angústia.

Segundo Salim, um dos problemas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é o fato de não ter escola árabe e restaurantes onde eles possam comer “tranquilo”. O termo tranquilo utilizado por Salim se deve a falta de carne *halal*³⁷, ele explica da seguinte forma:

Você pede uma pizza, o cozinheiro corta uma pizza de bacon que é carne de porco ou calabresa, logo em seguida corta a pizza que eu vou comer que é de queijo, não acho isto certo! Não comemos carne de porco e de outros animais sem ser *halal*, existem regras, se você come em casa não tem problema, você sabe como é feito (SALIM, trabalho de campo, 10/01/2017).

Existe uma preocupação sobre a alimentação das famílias, em alguns momentos ficam vários meses sem comerem carne vermelha ou frango. Alguns tipos de peixes são liberados, os que possuem escamas, os de pele tem uma limpeza diferente e é necessário

³⁶ Hajj ou em árabe حَجَّ remete a peregrinação sagrada à cidade santa de Meca, esta peregrinação é o quinto pilar da fé muçulmana, sendo obrigatória pelo menos uma vez na vida para todo muçulmano adulto que tenha disponibilidade física, tendo boa saúde e condições econômicas para tal.

³⁷ Halal está ligado à religião muçulmana, halal é uma denominação para o que é permitido, autorizado, aconselhável, podendo ser utilizado nas vestimentas, na alimentação e na fala. Açogue halal, será uma carne boa para o consumo humano, onde o animal foi cuidado e abatido e limpo conforme os preceitos religiosos indicados pelo Islam.

fazer a oração para seu abate. Em muitos casos a carne vem congelada de Ciudad del Este.

Quando criança, Salim disse que levava as brincadeiras da escola na esportiva, mas em alguns momentos elas o incomodavam. Era difícil quando as brincadeiras eram sobre o fato de sua mãe usar o véu *hijab*³⁸. Ele explicava para as outras crianças o motivo e mesmo assim surgiam comentários do tipo “sua mãe é careca” ou “sua mãe carrega bomba de baixo do véu”.

Salim estudava em uma escola particular do lado brasileiro. Disse que a maioria das crianças eram brasileiras e poucas crianças paraguaias. Nesse comentário de Salim, percebe-se como a identidade é afirmada. Até mesmo as crianças utilizam padrões de diferenciações e de conexão o tempo todo. A identidade está sempre em transformação, não é mutável, mas se faz presente reconstruindo e mudando o sujeito e os espaços.

Ele ainda relata que muitas pessoas abordam sua mãe na rua e perguntam sobre o véu ou de onde ela é (relação de pertencimento e identidade). Ela responde ser do Líbano e algumas pessoas acham bonito o uso do véu. Ele se preocupa com as questões como a proibição do véu em países como a França. Sua mãe usa o véu e logo sua irmã irá usar, se ela quiser, pois o uso do véu não é obrigatório.

O véu, como um dos símbolos do Islã, a princípio usado para separar espaços e domínios, feminino e masculino, combina de forma articulada dois pressupostos que se justapõem: o étnico e o religioso. O véu advindo de uma norma religiosa, mas nesta comunidade o ato das mulheres em se cobrir, significou, também descobrir, mostrar para a população local a existência de um grupo de imigrantes de primeira e de segunda geração, que além de manter uma religião diferenciada e pouco conhecida no Brasil, partilham uma etnia própria: a árabe. Portanto mais do que esconder as suas mulheres sob o uso do véu, o grupo as descobriu (ESPINOLA, 2013, p.91).

Essa discussão sobre o véu é muito relevante. Existem países onde as mulheres são obrigadas a usar o shador³⁹, como no Irã, a burka⁴⁰ no Afeganistão, niqab⁴¹ na Arábia Saudita. As vestimentas mudam de uma cultura para a outra, mas em países como Síria, Líbano e Turquia, as mulheres não são obrigadas a usar o véu, elas usam

³⁸ Hijab é o véu islâmico muito utilizado no Líbano por mulheres muçulmanas, as sunitas preferem o véu retangular e as mulheres xiitas preferem o lenço quadrado.

³⁹ Shador – Vestimenta muito utilizada no Irã, normalmente na cor preta, é um pano comprido, que as mulheres cobrem a cabeça e todo o corpo como uma grande túnica.

⁴⁰ Burka – Muito utilizada no Afeganistão, a mulher tem todo o corpo coberto, inclusive os olhos por uma tela, com pequenos orifícios para a mulher enxergar.

⁴¹ Niqab – Todo o resto fica coberto, as áreas dos olhos possuem uma fresta retangular, onde somente é visível os olhos, em alguns modelos uma tira de pano acompanha a linha do nariz.

quando querem se dedicar a fé, pois é uma demonstração de modéstia. Muitos árabes que imigraram ao Brasil são católicos, assim, as mulheres não usam o véu.

Ainda, sobre o terrorismo, Salim afirma que o Estado Islâmico não tem nada a ver com os muçulmanos deturpando o Islã que significa Paz. Para Salim o terrorismo é péssimo para a comunidade árabe e muçulmana, muito ruim para os refugiados (sírios, iraquianos e líbios), pois os países que o recebem, como a Grécia e a Itália necessitam ter controle. Ele diz que entende esse controle, pois se entrar algum terrorista a culpa será de todos os refugiados e de todos os árabes.

Neste momento, Salim não pensa em sua situação como descendente de árabe, ou em seu pai e sua mãe que são libaneses, vivendo entre dois países distintos e com elementos culturais diferentes do que se encontra no Líbano ou Oriente Médio, onde as fronteiras, políticas e acirramentos étnicos podem se moldar e modificar rapidamente.

Appadurai (1997, p. 45) diz que devemos pensar além da nação, que nação é algo imaginado, através da vivência os movimentos humanos característicos do mundo contemporâneo são uma ameaça ao Estado nação, criando novas instabilidades, em respostas podemos ver comunidades inteiras se tornarem guetos, campos de refugiados, campos de concentração, entre outros: “(...) o problema não é o pluralismo étnico e cultural em si, mas a tensão entre o pluralismo de diáspora e a estabilidade territorial do projeto do Estado-nação moderno”.

O documentário chamado *Fogo no Mar*⁴² retrata o resgate destes refugiados, em uma pequena ilha chamada Lampedusa na Itália, os resgates e a situação dos refugiados, inclusive nos campos de refugiados, e a realidade pacata dos moradores da vila, como uma contradição.

Muitos países europeus não permitem a entrada destes refugiados, cercam e policiam as áreas de chegada e criam instalações para abrigá-los. Nessas áreas controladas, essas pessoas esperam pelo futuro. Importante salientar que são milhões de pessoas, só da Síria estima-se que 11 milhões de pessoas deixaram o país.

Para Salim, a divisão do Islam em muçulmanos, sunitas e xiitas é ruim. O importante é que acreditam em *Allah*⁴³ e deveriam se unir. Evitar as discussões e atritos, como ocorreu no Iraque onde sempre há ataques em mesquitas. Falou sobre o norte do Líbano predominantemente sunita e do Sul xiita, onde sempre há olhares tortos e

⁴² *Fogo no Mar* é um documentário dirigido por Gianfranco Rosi, produção italiana e francesa estreado em Abril de 2016.

⁴³ Allah significa Deus em árabe, esta definição é utilizada por muçulmanos, cristãos, judeus, ateus, qualquer pessoa que for falar Deus em árabe, utilizará a denominação Allah.

comentários provocativos. Lembrando sobre o acirramento religioso, muitos sunitas dizem que os xiitas não são muçulmanos.

Salim, ao ser questionado, ele se identifica como brasileiro, mas logo corrige e diz que também é paraguaio, mas diz rapidamente que não é árabe. Porém, em muitas passagens de sua fala, os elementos árabes e muçulmanos estão presentes no seu dia a dia e pensa em fortificá-los no futuro, principalmente quando fala sobre se casar e ter filhos.

A construção da identidade se faz a partir das relações pessoais com familiares, amigos e elas vão se transformando e se alterando conforme a necessidade, a ocasião e o tempo.

Segundo Ortiz, (2001, p. 13): “toda identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente”. O referente inicial é a família, depois os familiares mais distantes, os amigos da escola. Conforme o ser humano vai envelhecendo e suas relações começam a ampliar a referência também se amplia, sendo natural a renovação e variação destes.

Haesbaert (2014) comenta que para a construção de um novo território está intrínseca a desterritorialização e a reterritorialização. As questões naturais, físicas, emocionais, afetivas, psicológicas e simbólicas acompanham essas transformações.

Essas transformações são sentidas também na fronteira pelo imigrante árabe. Goettert (2009, p. 54) explica sobre este deslocamento de sair de seu lugar de origem e se instalar em um novo de transitividade: “A transitividade migratória, por isso, se construiria como parte dos movimentos de subjetivação no interior de experiências migratórias”.

Para Haesbaert (2014) e Mondardo (2012) o imigrante em trânsito necessita se reterritorializar, identificar-se com as pessoas do lugar e com seus costumes, isto ocorre como os imigrantes árabes. A fronteira com suas multiplicidades culturais facilita o imigrante árabe à adaptação, mas ele é visto e reconhecido como um de fora, sendo chamados de “turcos”, sendo *outsiders*, segundo Hall (2009).

Muitos homens árabes optam por emigrarem para conseguir trabalho, dinheiro, salário, para acumular o suficiente para manter sua família. Essas informações foram retiradas através de conversas com imigrantes árabes. Os árabes de famílias mais ricas, com a situação econômica estável no Líbano ou Síria, optam por emigrar com intuito da tranquilidade, manter a família em segurança e investir o capital em um local seguro.

Quando chegam ao destino que escolheram os imigrantes procuram incessantemente seu “lugar”, o ofício em que vão ter mais sucesso, a cidade que será mais confortável. O imigrante passa por inúmeros processos de se desterritorializar e se reterritorializar, adequar-se mudar e transformar.

Segundo relato de árabes muçulmanos existe um desconforto sobre as notícias internacionais que permeiam sobre terrorismo e refugiados.

Para a comunidade árabe, além da aceitação normal de que todo o imigrante depende do lugar que está se estabelecendo, precisam provar como são boas pessoas, que estão trabalhando, que não são terroristas. Para os árabes e primordialmente muçulmanos, o terrorismo é um estigma tão forte quanto para os alemães o nazismo é.

Dessa forma, o negro, o amarelo, a mulher, o pobre, o latino-americano, o africano, o indiano, o muçulmano, etc., foram historicamente assimilados – ou silenciados (duas formas de um mesmo processo de extermínio) – pela narrativa dos atores “vencedores” no processo de colonização (MIGNOLO, 2005, p. 20).

Existe uma tendência mundial crescente, que é o retrocesso das políticas sociais. Muitos governos aplicam o fascismo social, o nacionalismo, o fechamento das fronteiras e, principalmente, o sistema de controle e vigilância das pessoas utilizando a mídia, de uma forma que molde essas ações com cargas ideológicas, que demonstre que estas ações são benéficas, seguras. Defendem a liberdade e a vida de um grupo.

Na fronteira em Ponta Porã, os imigrantes árabes não demonstraram presenciar, até o momento, alguma repercussão sobre a política internacional em suas relações de trabalho e de vivência com paraguaios e brasileiros. Mas, entre eles estão sempre conversando sobre a política internacional, sobre a política de seus países e os problemas que o cercam.

As redes formadas por imigrantes árabes podem ser grandes como das cidades de São Paulo e de Foz do Iguaçu, interligando-se com pequenas concentrações, como no caso de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

Ponta Porã e Pedro Juan Caballero possui um número reduzido de imigrantes árabes muçulmanos, segundo o relato do Sr. Yahia, por volta de 200 pessoas, ao comparar com Foz do Iguaçu e Cidade do Leste, ou a qualquer outra metrópole brasileira como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e demais. Mesmo assim, a presença dos imigrantes árabes em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é expressiva no comércio e nos restaurantes dessas cidades.

Na fronteira é comum ver brasileiros e paraguaios sentados conversando amistosamente com familiares e amigos, principalmente ao entardecer. Para acompanhar a conversa é comum observar o consumo do tereré (regional), do arguilé (árabe), o som das músicas sertanejas de cantores brasileiros. Registrar as ações da comunidade árabe na área de fronteira é uma forma de compreender as relações que se constroem neste entre lugar, mesmo que em pequenas frações.

2.3 Cartografia da presença árabe nas cidades de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil)

No trabalho de campo do dia 09/10/2017 foi realizado, no período diurno, o mapeamento das lojas árabes em Pedro Juan Caballero. Inicialmente, o mapeamento seria realizado apenas nas três ruas principais no sentido horizontal, Avenida Dr. França, Rua Marechal Francisco López e Rua Carlos Antonio López.

Ao perceber, no campo, que as lojas começavam a zerar nas Ruas Marechal Estigarribia e a 14 de Mayo, a melhor solução foi estabelecer um quadrante e pesquisar estas vinte e duas quadras, para um resultado efetivo.

Importante salientar que existem lojas pertencentes a árabes fora deste quadrante inclusive do lado brasileiro, mas não estão concentradas. Todos os imigrantes árabes pesquisados trabalham nesse quadrante.

A figura 15 apresenta a área estudada no trabalho de campo. A imagem foi retirada do *Google earth pro edition* e formatada por um programa de edição de imagem.

Nessa figura estão os principais pontos estudados neste trabalho, a área comercial de vermelho e onde todos os árabes citados neste trabalho possuem suas lojas, a área verde e os bairros onde disseram que habitam, sendo mais extensa para o lado brasileiro da Linha Internacional.

É importante salientar que esta área apontada no mapa não é uma zona periférica e sim a área central das duas cidades, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Os bairros são de classe média a alta e a área possui infraestrutura como hospitais, postos de saúde, praças, asfalto, esgoto, água encanada, escolas e universidades.

Os bairros que compreendem o lado brasileiro são: Bairro Santa Izabel, Bairro da Saudade, Residencial Vila Verde, Vila Dr. Resende, Vila Ferroviária II, Vila Lacéria,

Vila Militar e Vila Torres. Enquanto que do lado de Pedro Juan Caballero foi citado o Barrio Bernardino Caballero.

Figura 15. Área de Ocupação dos imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã

Área de ocupação dos imigrantes árabes na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã



Legenda:

☪ Mesquita

■ Área residencial de maior concentração da comunidade de imigrantes árabes

■ Área comercial pesquisada

■ Cemitérios

■ Linha Internacional

Fonte: (Imagem do Google Earth, editado por Alessandro Bezerra em 13/03/2018).

Nessa figura, a linha vermelha representa a Linha Internacional, separando o lado paraguaio do brasileiro. A parte verde é a área de abrangência onde os imigrantes disseram que estavam suas casas. Os moradores não nos passaram seus endereços, eles falavam o nome do bairro ou um ponto de referência, como os cemitérios e a mesquita.

O quadrante vermelho é onde se encontra a maior concentração de lojas dos árabes em Pedro Juan Caballero. É importante salientar que não há somente lojas de árabes neste quadrante, foi constatada a existência de lojas de paraguaios, brasileiros e chineses. Todos os árabes entrevistados e consultados no transcorrer desta pesquisa trabalham nesse quadrante vermelho.

Os cemitérios estão marcados de azul dos dois lados fronteiriços. É importante ressaltar que no capítulo 3 deste trabalho haverá momentos em que eles serão citados no trabalho, da mesma forma que a Mesquita está. Também consta no mapa a imagem de uma lua crescente e o fundo branco, em referência ao símbolo utilizado pelos muçulmanos árabes em todo o mundo.

A Mesquita, mesmo estando do lado brasileiro, encontra-se bem próxima aos comércios, um pouco mais de dois quilômetros de distância. Muitos árabes disseram que moram próximo à Mesquita, no bairro Vila Izabel.

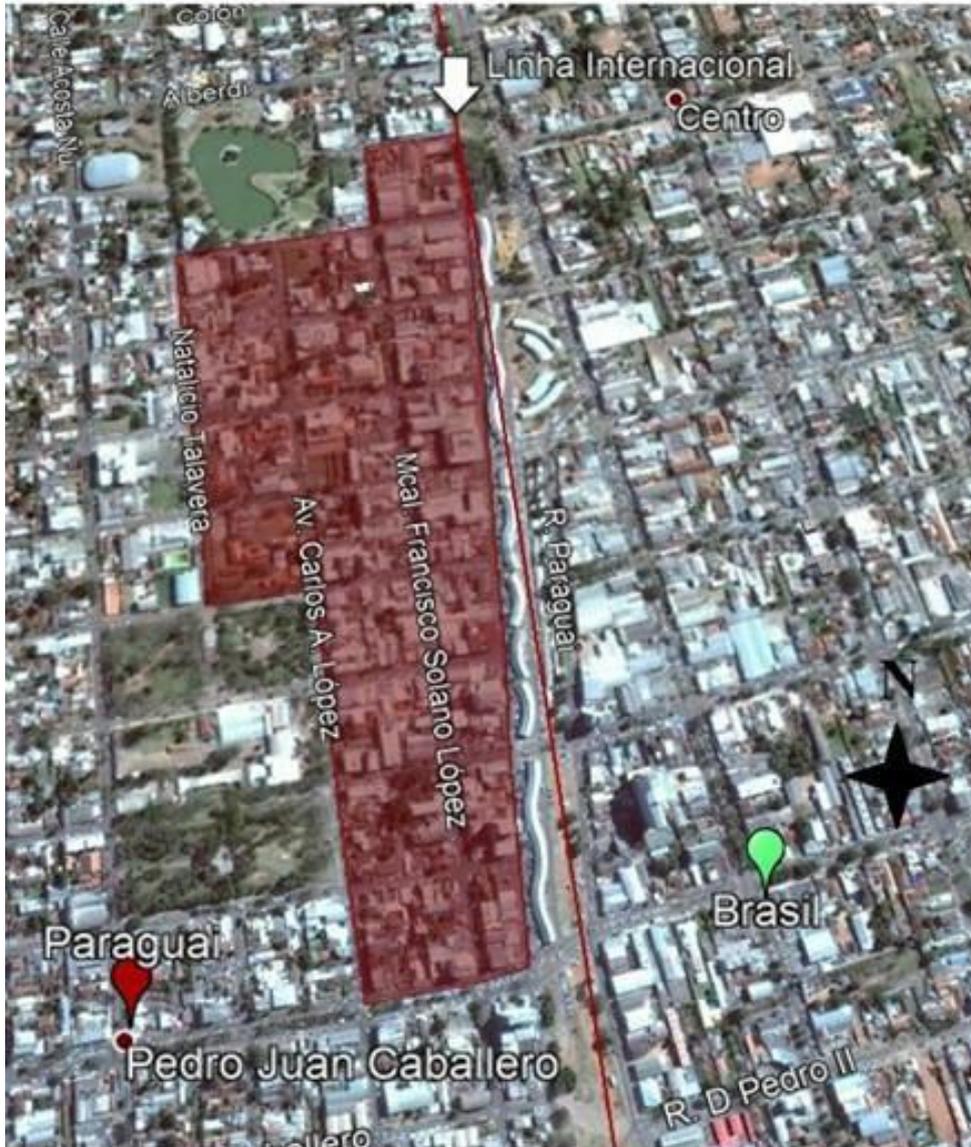
Na figura 16 demonstra o recorte espacial do quadrante em Pedro Juan Caballero de maior concentração de lojas árabes, a aproximação desta imagem é para mostrar as praças que existem do lado paraguaio.

Nestas ruas de frente para as praças paraguaias, como Plaza Teniente Valdéz, Plaza Panchito López, Plaza Pedro Juan Caballero e a Laguna Punta Porã, o número de loja de árabes diminui, enquanto o maior fluxo de lojas está concentrado nas proximidades da Linha Internacional, de frente para o lado brasileiro.

Durante o trabalho de campo enquanto percorria as lojas, ao entrar em uma delas, Idris de origem libanesa e o dono da loja, disse que já estava me esperando. Ele comentou que todos árabes sabiam que estava lá. Questionou qual seria a importância de pesquisar sobre eles na fronteira e disse: “a gente só trabalha, nada demais, não precisa de pesquisa”.

Figura 16. Recorte espacial da área comercial dos imigrantes árabes

Recorte espacial da área comercial dos imigrantes Árabes em Pedro Juan Caballero Paraguay



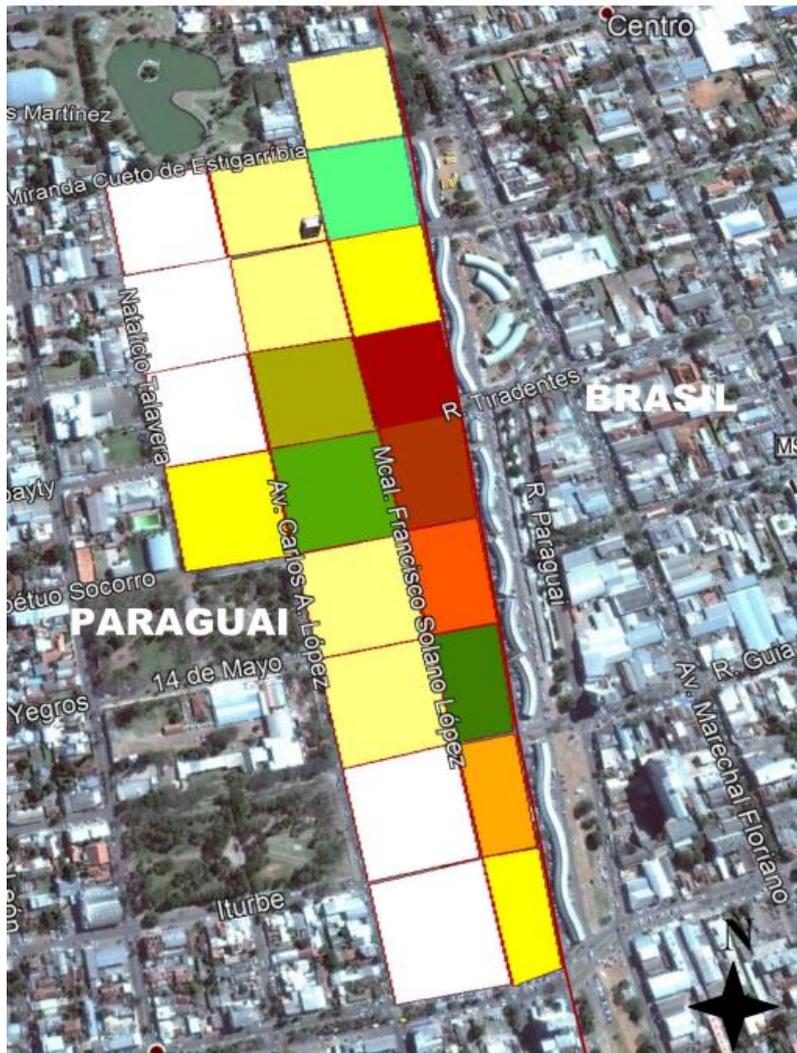
Legenda

-  **Área comercial pesquisada**
-  **Linha internacional**

Fonte: (Imagem do Google Earth, editada por Alessandro Bezerra, em 13/03/2018).

Figura 17. Distribuição das lojas árabes em Pedro Juan Caballero

Distribuição dos estabelecimento comerciais árabes na cidade de Pedro Juan Caballero



Legenda:

0	Estabelecimento comercial
1	Estabelecimento comercial
2	Estabelecimentos comerciais
3	Estabelecimentos comerciais
4	Estabelecimentos comerciais
5	Estabelecimentos comerciais
7	Estabelecimentos comerciais
9	Estabelecimentos comerciais
10	Estabelecimentos comerciais
15	Estabelecimentos comerciais

Fonte: (Imagem do Google Earth, editada por Alessandro Bezerra em 13/03/2018).

Na figura 17 é apresentado o mesmo quadrante da figura 16. A diferença está na separação de cores, que tende a demonstrar a estimativa de lojas árabes por quadras. Para realizar o levantamento desses dados, foi necessário caminhar e entrar em todos os estabelecimentos comerciais, sendo constatadas 65 lojas de árabes, as bancas de vendas distribuídas nas calçadas não foi inclusa na pesquisa devido a sua mobilidade diária.

Nas 21 quadras analisadas, 65 lojas grandes são de árabes, e estas se concentram predominantemente próximas da Linha Internacional e voltadas para o lado brasileiro, a quadra que possui a maior concentração de lojas está ao lado do *Shopping Westgarden*, no centro do comércio de Pedro Juan Caballero.

Existe uma organização e distribuição do espaço comercial na fronteira. Analisando as cores é fácil perceber que os imigrantes árabes possuem suas lojas bem posicionadas para atender a clientela brasileira e nos melhores pontos de Pedro Juan Caballero.

Nas lojas visitadas, o dono não se encontrava sozinho, havia sempre outros homens em sua companhia. Os trabalhadores são de origem paraguaia, de ambos os sexos. Somente em uma loja havia uma funcionária brasileira.

No relato de Mercedes, funcionária paraguaia de uma dessas lojas, ela comenta que o “*patrón*”, sempre quando sai da loja deixa o irmão cuidando do caixa. Ela explica que eles não ficam sozinhos, mas enquanto um precisar sair, o outro cuida do caixa. Quando o dono está presente, o outro árabe recebe mercadoria, organiza a loja, sai para trocar dinheiro e atendem e vendem também.

Fazer este trabalho de campo possibilitou a visualização da concentração das lojas dos imigrantes árabes na fronteira a partir de uma distribuição de cores, os tons vermelhos é a área mais densa correspondendo a Rua Paraguay e a Av. Marechal Francisco Solano López, na horizontal com as ruas verticais, Rua Tiradentes, Rua Perpetuo Socorro e Rua 14 de Mayo, agregando pelo menos 34 pontos comerciais de imigrantes árabes. De forma aproximada, com dois funcionários árabes, em torno de 68 pessoas.

CAPÍTULO 3

A Mesquita e a religiosidade árabe na fronteira

A Mesquita⁴⁴ de Ponta Porã está localizada próxima à Linha Internacional, em um bairro central chamado Vila Izabel, caracterizado como de classe média alta, sendo que muitos árabes moram no seu entorno.

Neste capítulo será discutida a religiosidade dos muçulmanos árabes xiitas, predominantemente os entrevistados disseram ser xiitas. Serão abordados também os aspectos relacionados à construção da Mesquita e como esses imigrantes árabes vivenciam sua fé e seus costumes na fronteira entre Brasil e Paraguai, bom como os conflitos que se desencadeiam em seu espaço cotidiano.

A religião islâmica têm elementos relacionados com o catolicismo, incluindo os profetas de Deus. Os muçulmanos consideram Jesus Cristo como um profeta e não o filho de Deus. Mohamed também é um profeta. A Revelação⁴⁵ para Mohamed se deu na caverna de Hira, através do Arcanjo Gabriel.

As informações abaixo sobre o xiismo e a revolução de Khomeini são retiradas dos autores Al-Khazraji (2008), Jezzini (2008) e Al-Tabatabaí (1997).

Os elementos naturais são importantes para os muçulmanos, eles estão sempre ligados aos elementos da Terra. Para realizar suas orações⁴⁶ eles precisam da higienização da água ou da própria terra, para retirar o suor e as sujeiras do corpo.

A terra não é vista como algo impuro. O repouso de sua cabeça em obediência a Deus deve ser sempre na terra, ou uma rocha, um mármore, um material ligado ao solo ou na própria grama.

⁴⁴ A Mesquita está localizada na rua João da Silva Brandão, n.º. 383, Bairro Vila Izabel, Ponta Porã – MS/BR.

⁴⁵ Revelação refere-se quando o Profeta Mohamed se refugiava várias horas na caverna de Hira para falar com o Arcanjo Gabriel e ser ensinado sobre a religião islâmica, recebendo os ensinamentos para escrever o Alcorão Sagrado, a base da religião.

⁴⁶ Oração ou *Salat* para os Muçulmanos: Os muçulmanos devem fazer suas orações ou *Salat* ou *Salah*, cinco vezes por dia, as orações acompanham o movimento dos raios solares em cada dia a uma pequena diferença por segundo nos horários das orações. São Cinco orações diárias: 1º *Fajr* ao alvorecer, 2º *Dhur* ou *Zhur* Ao meio dia quando o Sol atinge seu ponto máximo, 3º *Asr* entre o meio-dia e o pôr do Sol, 4º *Maghrib* depois do pôr do Sol e a 5º *Isha* a oração da noite pelo menos uma hora e meio depois do pôr do Sol e antes da meia noite. Devido à rotina de trabalho as orações podem ser acopladas durante a noite e para realizá-la o muçulmano deve passar por um processo de limpeza corporal e espiritual, estando extremamente concentrado para realizá-las.

Suas orações dependem do movimento de rotação da Terra, esperando o primeiro raio solar apontar no horizonte, da mesma forma que o primeiro raio de sol se puser no horizonte, ou seja, suas orações diárias seguem o ritmo da rotação da Terra, por se tratar de uma religião conectada à terra (solo) e ao planeta Terra e seus elementos geográficos.

Esta ligação com os raios solares e o movimento de rotação terrestre está relacionada à disciplina do muçulmano e sua conexão com Deus (*Allah*). Desde o primeiro raiar do dia até a mudança para o outro dia, ele deve estar em oração, agradecendo e louvando a Deus.

O calendário islâmico é lunar, os dias festivos dependem da posição exata da Lua e diariamente dependem do sol para realizar suas orações. Precisam se posicionar em direção à Meca, cuja localização na é importante, assim como a localização da *Caaba* (cubo-casa), construída pelo profeta Abraão, considerada o primeiro símbolo da religião monoteísta para os muçulmanos.

Segundo Souza (2008), a mesquita é o espaço de orações e também de reunião dos muçulmanos. A palavra Mesquita deriva-se de *Masjid* em árabe, que significa “local de prostração”, durante as orações os muçulmanos se curvam e se prostram em sinal de humildade, obediência e reverência a Deus.

O Sr. Zahia, uma das pessoas que possui a chave da Mesquita em Ponta Porã, recepcionou o trabalho de campo no fim da tarde do dia 24/11/2017 e respondeu algumas perguntas sobre a Mesquita.

Segundo Sr. Zahia, a Mesquita de Ponta Porã não tem um *Sheikh* (líder religioso). Mas muitos *Sheiks* e estudiosos a visitam, principalmente nas datas importantes para o Islã.

Ele menciona que existe um rapaz brasileiro que reverteu à religião sendo hoje muçulmano. Esse rapaz não pode ser localizado por estar morando no Irã no período dessa pesquisa. O senhor Zahia cedeu o contato como número de telefone e o *link* de seu perfil em uma rede social, porém o rapaz não respondeu as mensagens.

Zahia explica que todo ser humano nasce muçulmano e dependendo de sua condição de vida não tem acesso à religião e se converte à outra fé, por isso, utiliza-se o nome reversão, pois ele reverteu à fé inicial.

Este rapaz revertido Adão, segundo Sr. Zahia, está morando e estudando no Irã. Em breve terminará seus estudos e retornará para a fronteira de Pedro Juan Caballero e

Ponta Porã. Em sua voz existe muito entusiasmo em dizer que a Mesquita terá como líder religioso um brasileiro que estudou no Irã.

O Irã, para os muçulmanos xiitas, é um símbolo de nação, educação, jurisprudência e de fé depois da Revolução de Khomeini⁴⁷ (1900-1989).

As informações acima sobre o xiismo e a revolução de Khomeini são retiradas dos autores Al-Khazraji (2008), Jezzini (2008) e Al-Tabatabaí (1997).

Para os muçulmanos xiitas pesquisados neste trabalho, o Irã é um exemplo para ser seguido, muitos religiosos da fé islâmica seguem doutrinas de *Imames* e *Sheiks* do Irã, incluindo publicações e doutrinações em diversas línguas, inclusive em Português.

O Terreno da Mesquita, segundo Sr. Zahia, foi doado por um árabe. O terreno que o governo disponibilizava foi considerado distante. Esse terreno é centralizado, próximo às residências de muitas famílias árabes e também da Linha Internacional, onde grande parcela dos homens árabes trabalha.

O Sr. Zahia explica que segundo a religião islâmica as doações são secretas. Quem doa não deve ter vaidade e achar que fez algo importante e se achar melhor por isto. Para a construção da Mesquita, mais de 400 pessoas contribuíram, sendo estas da fronteira, de outras regiões do Brasil e inclusive de fora do Brasil.

A conversa com o Sr. Zahia foi ao entardecer, por volta das 17h15min. Ele nos mostrou primeiro a Mesquita e depois a *Housseini* (faz menção a Houssein, neto do profeta Mohamed). A Mesquita e a *Housseini* estavam adornadas com bandeiras negras em sinal de luto.

Este período de luto é uma forma de recordação do massacre que a família do profeta Mohamed sofreu no deserto do Iraque, chamado de *Karbala* (*Karb*-Terra, *bala* – tragédia). Os muçulmanos xiitas relembram deste evento todos os anos, como a Revolução de Houssein⁴⁸, a *Ashura*, a luta entre o “bem e o mal”, o rico oprimindo e fazendo atrocidade com os pobres.

⁴⁷ Revolução do Aiatolá Khomeini é um estudioso e religioso que sempre se opôs as intervenções ocidentais no Oriente Médio, sendo expatriado para Turquia e exilado no Iraque. Em 01/02/1979 retorna ao Irã e estabelece a Constituição da República Islâmica do Irã e antes de sua morte escreve um Testamento Político e Religioso, aconselhando a população iraniana, tais como as mulheres, crianças, políticos, líderes religiosos, entre outros. Estas transformações políticas e religiosas no Irã ocorreram através de incessantes lutas, guerras e conflitos. Ex. Derrubada de Mohammad Reza Pahlavi considerado o Xá (monarca) em 1979, este foi acusado de se “aliar” aos ocidentais, todos que o apoiavam foram perseguidos e muitos mortos e expostos nas ruas e praças. A reforma do país para um Estado islâmico foi violento e apresenta muitas instabilidades.

⁴⁸ Revolução de Houssein A caravana de Houssein foi emboscada pelo exército do Yazid, filho de Muawiaa. Em 10 de Outubro de 680 d.C. Muawiaa, um rico imperador da Síria, queria impedir que a família do profeta Mohamed chegasse a Damasco na Síria. Importante ressaltar que nesse período, o

Na Mesquita, em Ponta Porã, nesta data, eles relembram os fatos através de sermões, canções e palestras, não ocorrem casos de autoflagelamento (ocorre em países como Irã e Iraque), as pessoas só batem no peito com as mãos.

É importante ressaltar que os muçulmanos sunitas não recordam destes fatos da mesma forma que os muçulmanos xiitas, Yazid era muçulmano sunita. A diferença entre os sunitas são os que seguem a *sunnah*, que segundo Souza (2008, p.32), em árabe significa “o caminho percorrido pelos antepassados”, no Islamismo significa procedimentos, atos e atitudes realizados pelo profeta Mohamed. Esses ensinamentos compreendem higiene, como comer, como cumprimentar, como orar, como agir em situações de injúrias, racismo, entre outros.

Ainda segundo Souza (2008), sunita provém do árabe *sunnat annabi* (tradição do profeta). Acreditam que a linha de sucessão após a morte do profeta Mohamed abrangem os quatro califas do islã: Abu-bakr, Omar, Othman e Ali.

Enquanto que os xiitas, segundo Souza (2008), provêm do árabe *shiiat Ali* (partidários de Ali). Os xiitas “advogam” que a linha de sucessão está com a família do profeta, referindo-se à união da primeira filha do profeta Mohamed, Fátima, com Ali (sobrinho do profeta) e depois, os seus filhos *Imam Hassan* e *Imam Houssein*.

Essa linha de sucessão que conduz os fiéis muçulmanos é uma fonte de divergência. No Oriente Médio há uma série de ataques e perseguições a muçulmanos xiitas que são a minoria em muitos países como Iraque, Líbano e Palestina, com exceção do Irã, onde os muçulmanos xiitas são a maioria da população.

No trabalho de campo, ao perguntar aos muçulmanos entrevistados, que correspondem ao trabalho de campo das figuras 16 e 17, se a mesquita é xiita ou sunita, a resposta foi: “a Mesquita é para todos os muçulmanos”, ou “não existe diferença entre sunita e xiita, são todos muçulmanos”.

profeta Mohamed já havia falecido e Houssein; seu neto levava na caravana aproximadamente 72 pessoas, entes familiares e amigos próximos. Isso acarretou a morte de muitos descendentes do profeta Mohamed, com as mulheres sendo levadas acorrentadas e obrigadas a andar pelo deserto com as crianças até Damasco, que viram os restos dos corpos dos seus entes queridos sendo esquartejados e deixados pelo caminho, expostos na cidade de Damasco na Síria. Mais de 30.000 soldados aterrorizando por dias uma caravana de 72 pessoas, matando os homens, minando de sede e fome as mulheres, crianças e idosos. Os muçulmanos xiitas recordam da *Ashura* nos 10 primeiros dias de *Muharran* (o primeiro mês do calendário islâmico). No ano de 2017 o primeiro dia deste mês correspondeu ao dia 21/09/2017.

Na representação da imagem a seguir, pode-se visualizar a Mesquita em Luto no período de *Ashura*. Muitos dos muçulmanos que frequentam essa Mesquita são do Sul do Líbano, Majdel Selem. O Sul do Líbano tem a maior concentração xiita do país.

A figura 18 representa a fachada da Mesquita em Ponta Porã. Na fotografia, duas torres são mais observadas, a abóbada, outra circunferência e a Lua crescente em cima. As bandeiras negras simbolizam o luto da comunidade.

Figura 18. Mesquita em Luto



Fonte: (trabalho de campo, 24/11/2017, mesquita de Ponta Porã).

Ainda sobre a figura 18, a imagem da abóbada na parte superior da Mesquita representa a Lua Crescente, é um símbolo da religião islâmica devido à utilização do calendário lunar, onde todos os meses se iniciam nessa Lua. Turquia, Tunísia e Paquistão utilizam a Lua Crescente em suas bandeiras. A utilização da estrela de cinco pontas faz menção aos cinco pilares do islã: Testemunho da fé “*La Iaha Ilah Allah, Mohammed Rassullah Allah*” (Só existe um Deus e Mohamed é o profeta de Deus), oração, pagamento do *zakat* (pagamento devido sua renda e propriedades), jejum no mês do *Ramadã* e a peregrinação à Meca (*hajj*).

A seguir, a figura 19 compreende o auditório da Mesquita localizada em Ponta Porã. Esse auditório é utilizado para as reuniões e palestras instrutivas para a comunidade muçulmana que frequenta a Mesquita.

Figura 19. Auditório da Mesquita



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, auditório).

Ao entrar na Mesquita, percebe-se um grande salão espaçoso e com grandes janelas. O auditório é utilizado em momentos especiais, quando muitas pessoas estão presentes para escutar a fala.

O senhor Zahia disse que é utilizado nos *Eids*. O *Eid ul-Adha* (festa do sacrifício), sendo celebrado por quatro dias e está relacionado ao sacrifício do profeta Abrão em se dispor a sacrificar seu filho Ibrahim. Ocorrem 70 dias após o fim do *Ramadã* e está ligado ao *Eid al-Fitr* (celebração do fim do Jejum), que marca o fim do *Ramadã*.

O *Ramadã* é o nono mês do calendário islâmico, e consiste em não comer, beber, ter relações sexuais e fumar no espaço de tempo que compreende desde antes da alvorada até o pôr do sol. Segundo Abdalati (2008), é um erro pensar no *Ramadã* apenas com o que não se pode fazer, ou seja, com as proibições, a ausência e a impossibilidade temporária de realizar as ações simples como comer e beber líquidos, ensina ao homem o amor ao próximo, paciência, persistência, autocontrole, lição e aplicação da moderação e da força de vontade, auxiliam no sentido de unidade e pertencimento a uma *ummah* (comunidade) e confiança em si próprio.

Esse sentimento de pertencimento está relacionado com a construção da Mesquita. Possui extrema importância para o imigrante árabe muçulmano, significa sua permanência e estabilidade no novo território e a possibilidade de conectar seu corpo

com a terra e com a fé. O muçulmano, ao orar depende da rotação da Terra. Dessa forma, ele está sempre ligado ao seu grupo, pois o movimento da rotação da Terra é o seu relógio. Conforme a Terra gira (movimento de rotação e translação), os muçulmanos vão se prostrando em diferenças de minutos, acompanhando o movimento da Terra.

Ter o seu lugar religioso é o não estar mais sozinho. Faz com que sua trajetória seja mais suave. Não se trata somente de trabalho e sobrevivência, mas sim, o espaço da paz, da reflexão, de compartilhar as dificuldades, de amar e receber estímulo e consolo.

A Mesquita próxima da fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã marca a presença e existência de sua comunidade na fronteira. A partir desta, existem reuniões e assembleias, formas para a comunidade árabe se organizar, estruturar-se e ampliar sua reterritorialização, como aulas de árabe, aulas de religião, festas, projetos sociais e assistência social, tanto em Ponta Porã como em Pedro Juan Caballero.

Nem todo muçulmano pode jejuar. Existem restrições, entre elas: crianças que não atingiram a puberdade, pessoas com problemas mentais, idosos, doentes, viajantes, mulheres grávidas, mulheres que estão amamentando ou no período menstrual. Abdalati (2008) diz que é recomendável, assim que possível, reporem o jejum.

Zahia diz que no período dos *Eids*, período em que a comunidade se reúne, todos trazem alimentos e bebidas para quebrarem o jejum juntos. O número de pessoas, nessa ocasião, pode chegar a cem.

Em dias normais, o número de fiéis pode ir de três a cinquenta. Não existe uma estimativa ou média de frequentadores. A obrigação de vir à mesquita é para os homens, principalmente na oração de sexta-feira. Quanto às mulheres, podem fazer suas orações em casa.

A figura 20 abaixo mostra a *quibla*, uma porta vermelha com adornos dourados. Ela indica a direção que todos os muçulmanos devem seguir para fazer suas orações, à direção da Meca, onde está a *Caaba* sagrada. O tapete vermelho é onde o muçulmano deve se prostrar para fazer as orações.

Souza (2008) explicando o que seria a *quibla*. Em seu livro, este autor elabora questões sobre a religião islâmica, explicando as denominações em árabe e os termos ligados à religião entre outros fatores.

O que é quibla? É a direção geográfica da localização da Caaba (no Brasil fica a Leste). A quibla é usada para posicionar todos os muçulmanos em uma única direção quando realizam as orações, pois, a Caaba é considerada o

primeiro local da adoração monoteísta. Porém, se a quibla não puder ser determinada, o muçulmano deverá se esforçar para se orientar e orar na direção que acredita ser correta. O Alcorão (55:17 e 73:09) assegura que Deus está presente tanto no Ocidente como no Oriente, ou seja, ele está em todos os lugares (SOUZA, 2008, p.79).

Figura 20. Quibla



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, quibla).

A *quibla* pode ser representada de diversas maneiras, como através de uma fenda na própria estrutura da Mesquita, formando um portal, ou esse mesmo portal sendo representado através da confecção em um tapete e colocado na parede da Mesquita, ou ainda, pintado ou representado através de azulejos, sempre representando uma porta. Essa porta é um símbolo de possibilidade do muçulmano se deslocar através de sua fé, do seu sentimento e rumar através dela em direção à *Caaba*.

Na Mesquita em Ponta Porã, na figura 20 é possível observar que a comunidade muçulmana fez um painel de madeira (compensado) revestido por papel dourado e veludo vermelho que pode ser movido facilmente. Esse painel não está preso ou condicionado à estruturação do prédio, mas sim, de modo que possa mostrar a direção da oração. Sua direção é sagrada e deve servir de orientação para todos os muçulmanos.

Tanto nas mesquitas e nas residências, os vasos sanitários não podem estar assentados para esta direção.

Todo o muçulmano tem uma preocupação com a direção para com as suas orações no momento da construção de suas casas, lojas e mesquitas. Estas devem ter um planejamento e configuração geográfica das direções, tomando como referência a *Caaba*.

A *Caaba* está localizada em Meca, na Arábia Saudita, sendo um referencial religioso do muçulmano. Todos muçulmanos devem se prostrar nesta direção, no mínimo cinco vezes diariamente. Porém, dependendo do seu lugar no globo terrestre, as direções mudam. Há sempre a indicação de se fazer a oração a Leste (nascer do sol), mas essa posição está correta para as pessoas que estão a Oeste de Meca, sendo na direção Nordeste para quem está nos Estados Unidos por exemplo.

Outras questões estão relacionadas aos períodos dos solstícios e, até mesmo, aos países tropicais que, devido à sua proximidade com os trópicos, podem surgir dúvidas sobre a direção à Meca. Sendo assim, em cada mesquita existe a *qibla*, sinalizando a direção correta.

Não é aconselhável nas edificações de casas e prédios construir banheiros e posicionarem o vaso sanitário para esta direção, pois seria um desrespeito à fé e a Deus.

Figura 21. Alcorão, turbah e mashaba.



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, Alcorão, turbah e mashaba).

Na figura 21 pode ser observado *O Alcorão Sagrado*, a *turbah* e o *mashaba*, que se assemelha ao terço, ou rosário de contas sem a cruz, utilizado para as orações.

O *mashaba* é usado para fazer o *zhikr* (recordação de Deus). Segundo Souza (2008), sua utilização não é obrigatória, o *zhikr* pode ser feito mentalmente. Ao passar as contas com o dedo, o muçulmano diz: *Subhan'Allah* 33 vezes (glorificado seja Deus), *Alhamdulillah* (louvado seja Deus) e 33 vezes e *Allahu Akbar* (Deus é maior ou Deus é grande).

Muitos muçulmanos ficam, ao caminhar pelas ruas da fronteira, contando as contas do seu *mashaba*. Eles dizem que é uma forma de não pensar coisas ruins ou que não acrescentam nada de bom para a vida, estão utilizando o tempo e a concentração para Deus. Nenhum deles soube responder o motivo de ser 33 vezes, mas sempre no final existe uma soma que totaliza 100 contas.

As pedras cinzentas que estão no canto do tapete, o nome em árabe para ela é *turbah*. O material de que é feita a *turbah*, geralmente, é a terra do deserto *Karbala*, onde houve a Revolução de Houssein.

Ao fazer suas orações, o muçulmano prostrado deve encostar sua testa no chão em sinal de submissão. Nesse ato, ele deve estar conectado diretamente ao solo, que pode ser a *turbah*, utilizada pelos xiitas, o próprio solo limpo de impurezas, grama, rochas, inclusive o chão da mesquita, que normalmente já é revestido com um material que conecta o muçulmano a um elemento do solo, como, por exemplo, o mármore.

Essa relação do muçulmano, a simbiose, que é incorporada através dos ritos para purificação, detém uma conexão do homem com a natureza, a limpeza de seu corpo e, depois em prostração ligado a terra, permite que seja feita sua limpeza espiritual conectado a Deus.

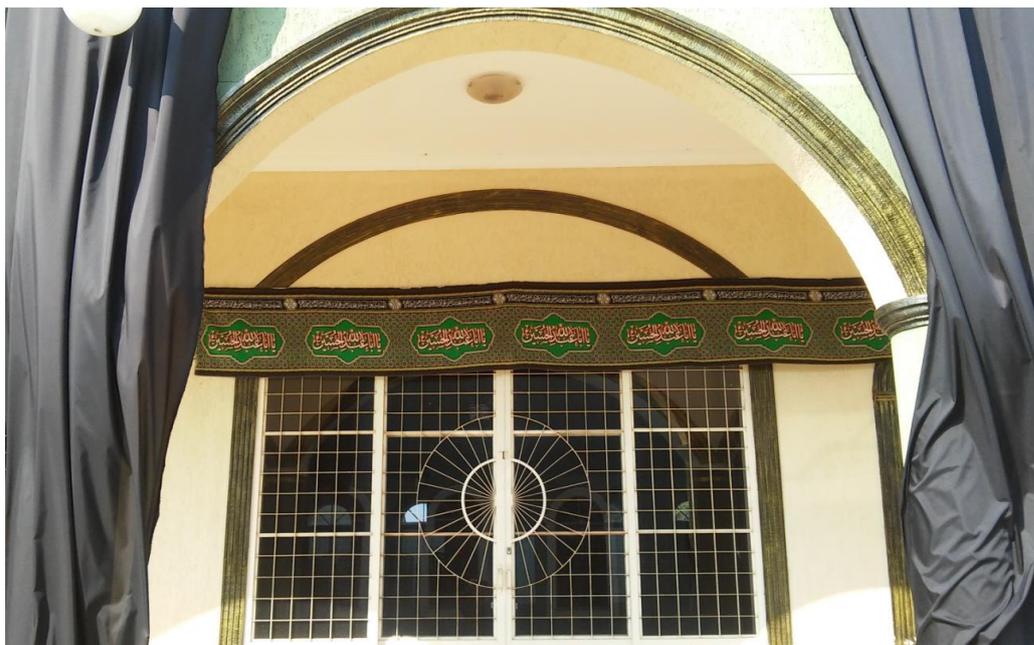
Dentro das orações existem as *suratas*, partes do alcorão, a mais utilizada se chama *Al-Fatiha*⁴⁹. Essa oração é dita por todo muçulmano, todos os dias em todos os lugares do globo terrestre. É a primeira oração que eles aprendem, sendo similar ao “Pai Nosso” para os católicos. Ela foi ensinada no trabalho de campo por vários

⁴⁹ Surata *Al-Fátiha* ou *Al-Bakara*, é a primeira surata do Alcorão Sagrado, versículos 1 a 7. Segundo Al-Khazraji (2004, p.23): “*Bessmel'Láh Arrahmán arrahím. Al-hamdu lel'Láhe Rabb'el Álamín. Arrahmán Arrahím. Máleki yaom'eddin. Iyyáka naabudú ua Iyáka Nastáin. Ihdéna çirata'I mustaqím. Çirátal'lazína anaamta alaihem ghair'el maghdúbe alaihemm ualád'dállín*”. A tradução seria: “Em nome de Deus Clemente Misericordioso. Louvado seja Deus, Senhor do Universo, O Clemente, Soberano do dia do Juízo Final. A ti adoramos e a Tua ajuda buscamos. Guia-nos à senda reta. A senda daqueles que os agraciaste, não a dos abominados nem a dos extraviados”.

muçulmanos. É possível visualizá-la em quadros nas salas, na mesquita e nos estabelecimentos comerciais da fronteira, em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

A seguir, a figura 22 retrata a entrada da *Housseini*, com grandes faixas negras mostrando o sinal de luta da comunidade muçulmana xiita, que frequenta a mesquita de Ponta Porã.

Figura 22. Housseini



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, Housseini).

A figura 23, abaixo, irá mostrar o espaço dentro da *Housseni*. Há os pilares envoltos com panos negros, nas muitas faixas negras que adornam as paredes estão escritos dizeres em árabe que referenciam os *Al-Chahid* (Mártires), os homens que foram mortos no Deserto de *Karbala*, na caravana de Houssein. Por exemplo, *Ya Abbas*⁵⁰ – Salve Abbas, que foi morto ao sair do acampamento para buscar água para as crianças. Além dele, houve dezenas de mortos que são lembrados e reverenciados nesse local. Os muçulmanos sunitas criticam essa prática, pois a relacionam à criação de santos, similar ao que ocorre na Igreja Católica.

⁵⁰ Exemplo de Mártir utilizado – Abbas a história de Abbas que, ao escutar o choro das crianças no acampamento resolve buscar água, consegue furar ao cerco, chegando às águas do Rio Eufrates. O inimigo desdenha dele, dizendo irá saciar a sede antes de seu irmão (Houssein). Em resposta ao inimigo, Abbas retorna e cai em armadilhas, diversas flechas o derrubam, tem seus dois braços cortados e chama “*Akhi, Akhi, Akhi*” (meu irmão, meu irmão, meu irmão). Houssein vai ao seu encontro, mas quando o encontra vê que Abbas não pode enxergar, pois uma das flechas acertou um dos seus olhos. Fica com seu irmão até sua morte e depois volta para o acampamento, Segundo Jezzini (2008, p.77 a p.81).

Figura 23. Salão da Housseini



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, parte de dentro da Housseini).

Existe uma filmagem sobre a recordação desses eventos pode ser vista através do vídeo⁵¹, da *Ashura* em Ponta Porã, no ano de 2013. Os muçulmanos da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero batem no peito ao lembrar o feito de Abafadla Al Abbas⁵².

Nessa visita a *Housseini*, uma sala estava sendo ocupada para lecionar aula de árabe às crianças e jovens da comunidade muçulmana.

O Senhor Zahia disse que o *Sheikh* veio do Líbano, chegando à Mesquita de Ponta Porã no mês de outubro de 2017 e ficará até por volta de março de 2018, em torno de seis meses.

O *Sheikh* não sabe falar português. As meninas que estão na imagem têm a idade de 10 a 15 anos, algumas utilizam o véu (*hijab*). Elas não necessariamente o usam diariamente, mas todas as mulheres que já menstruam devem cobrir os cabelos ao entrar na mesquita ou ao estar na presença do *Sheikh*, segundo informação do Sr. Zahia.

A seguir, a figura 24 mostra a aula de árabe sendo ministrada para as crianças e jovens da comunidade muçulmana de Ponta Porã.

⁵¹ Vídeo da *Ashura* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zDPdYao9DaQ>

⁵² Abafadla Al Abbas filho de Ali (sobrinho), do profeta Mohamed, casado com Fátima, filha do profeta Mohamed (porém, filho de outra união), sendo irmão apenas por parte de pai de Hassan e Houssein, netos do profeta Mohamed.

Figura 24. Aula na Mesquita



(Fonte: Aula de árabe, trabalho de campo, 24/11/2017).

Na figura 24, ainda aparece um homem sentado observando a aula e acompanhando sua filha, mas como não pode ser identificado, será chamado por Faruk.

Faruk disse que é casado com uma brasileira evangélica. Afirmou que todo homem muçulmano pode se casar com mulheres de outras religiões, desde que estas sejam monoteístas. Ele comenta que sua filha mais velha mora sozinha a cidade de Dourados para fazer um curso universitário. Não quis dizer o curso para manter a privacidade de sua filha. Hoje, ela é mais evangélica do que muçulmana.

Já a sua outra filha, a quem ele está acompanhando na Mesquita, tem 11 anos. Ele comenta que acha importante a filha aprender árabe e sobre a religião islâmica. Quando crescer, ela vai poder escolher o que quer seguir. Ele diz: “Minha esposa é maravilhosa, amo ela e nenhuma mulher árabe é melhor do que ela, minhas filhas sendo pessoas boas e felizes, eu estou bem”.

Para os imigrantes árabes muçulmanos existe um apoio nas Mesquitas. Conversando com um muçulmano da Indonésia em Campo Grande – MS, ele relatou que por ser de um grupo étnico menor do que os sírios libaneses encontrou dificuldade para se inserir no mercado de trabalho e até mesmo para morar, pois não possuía parentes e amigos no Brasil, e a comunidade sírio-libanesa é bem fechada.

O Indonésio Amir relata que chegou a ir a Ponta Porã procurar pela Mesquita da Cidade e lá recebeu alguns conselhos iniciais, como sugestões de empregos. Disse que foi bem recepcionado na Mesquita, mas como em Campo Grande, a comunidade síria

libanesa “é bem fechada”. Mesmo para ele que é muçulmano, porém de nacionalidade distinta. Demonstra não se sentir como parte da comunidade dos imigrantes árabes muçulmanos, mesmo tendo a mesma religião.

Os empregos disponíveis na fronteira estavam relacionados ao comércio, e Amir queria trabalhar como um abatedor *halal*⁵³, por isso estava andando pelas cidades do Mato Grosso do Sul.

As Mesquitas sempre possuem quartos disponíveis para atender aos muçulmanos viajantes, em caso de necessidade. Auxiliam os muçulmanos a se localizarem, a se instalarem e a fazerem ligações relacionadas a empregos e criar oportunidades de trabalho.

3.1 A morte para o imigrante muçulmano

Segundo Abdalati (2008 p. 44), “a vida pode ser comparada a uma viagem”, a vida é dada ao homem por Deus e somente ele tem o direito de tirá-la. Essa vida é a preparação para a vida eterna (depois da morte), por isso, o muçulmano deve seguir a religião com retidão e seguir os mandamentos de Deus, em prol da “vida eterna”, a vida que realmente importa ao muçulmano.

Abdalati (2008), discorre sobre a preparação do muçulmano em sua morte, a passagem para a vida eterna, é muito importante e bem delicada para esses povos. Principalmente os imigrantes, que muitas vezes estão distantes de seus costumes.

A oração fúnebre é chamada em árabe de *Salat’ul Janaiza* (*Jana* – Paraíso). Orar a Deus pelo muçulmano falecido é um dever coletivo, todos que tiverem possibilidade devem fazer. O corpo do falecido deve passar pelo *wudhu* (ablução e limpeza). Quando todas as partes estiverem limpas, o corpo deve ser enrolado em uma mortalha (*kafan*), composta por panos de algodão branco, cobrindo todas as partes do corpo.

Em seguida, o corpo deve ser colocado em um ataúde e transportado para o local da oração, a face do falecido deve estar virada para a *qibla* em direção à Meca. Todos os participantes devem estar limpos. Realizada a ablução, o *Imam* ou *Sheikh* fica ao lado do morto, com a face também em direção a *qibla* e os presentes atrás dele em fileiras.

⁵³ Abatedor Halal é o trabalhador que irá fazer os abates de animais nos preceitos religiosos, irá orar e agradecer pelo alimento a Deus, tratará o animal com respeito não o estressando e com a intenção de oportunizar uma morte rápida e indolor, retirará as glândulas que são consideradas impuras. Frigoríficos com a finalidade de exportar a carne necessita de abatedores halal para atender o mercado estrangeiro.

O *Imam* levanta os braços à altura dos ouvidos, fala a intenção de rezar para o falecido, repetindo *Allahu Akbar* (Deus é maior) na celebração, e então diz:

*Allahuma-gfir lihayyiná wa mayyitiná, wa chahidna, wa gháibna, wa dakarína, wa untaná, wa saghirna, wa kabírina. Allahumma man ahyaytahú minna fa'ahyihí alal-islam. Waman tawaffaytahú minna fatawaffahú alal-Islam. Alláhuma la tahrinná ajrah, walá taftinná bâ'dahu*⁵⁴ (ABDALATI, 2008, p. 117).

O *Sheikh* continua dizendo Deus é Maior - *Allahu Akbar*. No fim da oração retira o corpo do ataúde, coloca-o na sepultura com a cabeça em direção à *quibla*, ou seja, a cidade de Meca. O corpo do falecido fica em contato direto com a Terra. Pode ser dito: “*Bismillah, wabil'láhi, wá'Alá millatí Rassulul'láhi salal'Láhu alaihi Wasallam* – Em nome de Deus, e com Deus, e na Lei do Mensageiro de Deus, que a benção e a paz de Deus estejam com ele”(ABDALATI, 2008, p.118).

Abdalati (2008) diz que durante a oração, todos os muçulmanos ficam em pé. Quando um cortejo fúnebre passa por um muçulmano, independente da religião do morto, o muçulmano deve se levantar. Quanto ao banho do falecido, um homem faz a limpeza do corpo de um homem e uma mulher faz a limpeza de um corpo de mulher, se for um casal o esposo pode lavar o corpo da esposa e a esposa pode lavar o corpo do marido falecido. Tanto o homem quanto a mulher podem lavar os corpos de crianças.

Durante a lavagem, a mão de quem está fazendo o procedimento deve estar coberta por um pano e luva. As partes íntimas devem ser lavadas, sem que a pessoa a realizar o procedimento as veja.

O túmulo deve ser simples, extravagâncias e banquetes depois do enterro não são “aconselháveis” para um bom muçulmano segundo Abdalati (2008).

A figura 25, abaixo, foi registrada através da visita ao cemitério de Ponta Porã, Cristo Rei na manhã do dia 24/11/2017. A ideia de visitar o cemitério era saber onde estavam os imigrantes mais antigos da fronteira. Essa dúvida veio do advento de quem seria o primeiro árabe a chegar à fronteira. Dúvida esta, que não foi sanada, pois como os imigrantes estão sempre construindo suas trajetórias, a fixação é duvidosa, às vezes temporária e incerta.

⁵⁴ Tradução: Ó Deus, perdoai aos nossos vivos e aos nossos mortos, e aos nossos presentes e aos nossos ausentes, e aos nossos homens e às nossas mulheres, e aos nossos jovens e aos nossos velhos. Ó Deus, fazei com que os vivos continuem muçulmanos e que quando morrerem tenha fé em Vós. Ó Deus, não nos priveis das Vossas bênçãos, e não nos façais sofrer.

Figura 25. Lápide do cemitério Cristo Rei, de Ponta Porã



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017, cemitério em Ponta Porã Cristo Rei).

Esse túmulo, bem na entrada do cemitério, foi aquele com a data na lápide mais antiga. Segundo a Constituição brasileira sobre os direitos dos mortos, eles possuem a preservação da sua identidade. Como a família não foi contatada, a preservação de sua identidade e de seus conterrâneos devem ser guardadas.

Nessa lápide se observa a imagem dos anjos. Tanto a religião católica quanto a islâmica creem na existência dos anjos. A data registrada, apesar de estar gasta, indica o período de vida do falecido, 30/08/1909 à 17/02/1933, falecendo com 23 anos. Outras lápides de seus familiares estavam próximas.

Muitas outras lápides de imigrantes árabes foram encontradas. Os falecimentos, em geral, remetem ao período da década de 1960 até o ano de 2017.

A lápide da figura 26 contém a imagem de um livro que remete ao *Alcorão*. Metade da mensagem está escrita em árabe e a outra em português. A imagem não está completa, pois possui a foto do falecido e na parte em português está o seu nome. A parte em árabe traduzida diz: “Tudo o que tem na face da Terra se extinguirá. Permanecerá somente a eterna Majestade do Supremo Criador (*Alcorão*)”.

Figura 26. Versículo do Alcorão na Lápide



(Fonte: Lápide e a mensagem do Alcorão, trabalho de campo, 24/11/2017).

Uma história sobre o cemitério de Pedro Juan Caballero foi relatada por Abdallah, libanês criado no Brasil, que agora trabalha em Pedro Juan Caballero. Ele se lembrou da história devido ao fato de as vendas não estarem boas por conta do aumento do dólar, assunto já abordado anteriormente.

Fazer de tudo para conseguir dinheiro rápido envolve praticar ações ilícitas, tanto judicialmente quanto religiosamente, como traficar armas, drogas, pessoas, roubar e enganar, entre outras.

Abdallah, sentado em uma cadeira na sua loja, fala que há alguns anos atrás - quatro ou cinco, não se lembra ao certo - uma mulher libanesa estava desesperada atrás do filho que havia desaparecido. Ele trabalhava em Ciudad del Este. Através de informações dos primos que moravam com ele na cidade, a mãe ficou sabendo que o filho havia se dirigido para Pedro Juan Caballero.

Quando a mãe do rapaz desaparecido chegou à cidade, foi à delegacia e à imprensa. Conseguiu informações de que um jovem, na mesma noite em que seu filho estava em Pedro Juan Caballero, havia morrido de overdose. Ele caiu em uma Rua de Pedro Juan Caballero convulsionando e foi encaminhado para o Hospital. Como não possuía identificação, seu corpo foi enviado ao cemitério como indigente. Esse fato é um exemplo narrado no trabalho de campo por um imigrante árabe, no dia 03/04/2017.

No cemitério em Pedro Juan Caballero, o coveiro, que era o mesmo da época, disse que o corpo chegou na condição de indigente. O coveiro disse que insistiu no fato de que o jovem realmente parecia “turco”⁵⁵.

Exatamente por conta desse fato, ele não se esqueceu do caso e nem onde o corpo foi enterrado. Segundo ele, não é comum um “turco” aparecer e não ser identificado, ele achou a situação muito estranha, mas fez o seu trabalho.

Com a licença para exumação do corpo, na retirada dos ossos foi encontrado um *mashaba*, o terço dos muçulmanos. A mãe esperou pela resposta e com a identificação, retornou a Foz do Iguaçu levando o filho para ser enterrado no Líbano.

Este relato é importante, pois, demonstra que nem todos os imigrantes árabes têm sucesso em suas trajetórias, que às vezes executam trabalhos duvidosos e até ilegais, que ocorrem em grande demasia nas cidades de fronteira.

3.2 Por trás do véu: mulheres muçulmanas, paraguaias e brasileiras

Aqui serão apresentados alguns fatos relatados e constatados no trabalho de campo sobre a vida, participação e reflexão sobre as mulheres na comunidade muçulmana, ou outras mulheres próximas à comunidade árabe e muçulmana, nas cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

Anteriormente, foram mencionadas algumas situações conflituosas vividas por mulheres, através do casamento, trabalho, cultura e costumes. Assim como a figura 27 representa um local especial para as mulheres na Mesquita, este trabalho pretende retribuir da mesma forma com um lugar especial para elas.

Em fevereiro de 2018, quando um *Sheikh* de São Paulo foi questionado sobre as mulheres terem um local reservado para orar na Mesquita, o mesmo respondeu: “Você

⁵⁵ Turco: É comum os brasileiros e paraguaios chamarem qualquer árabe de Turco – devido ao processo de imigração (início do século XX), os países como Líbano e Síria, estavam sobre o domínio da Turquia, então, em seus documentos era carimbada a designação de “Turco”. Assim são chamados e reconhecidos em grande parte do Brasil.

sabe como a gente reza, né? A gente abaixa, a bunda fica pra cima, isto não e bom, os homens tudo ia olhar”.

Figura 27. Mulheres e a cortina



Fonte: (Trabalho de campo, 24/11/2017).

A figura 27 representa a separação da mulher muçulmana dentro da Mesquita. A cortina separa o lado das mulheres do lado dos homens. A visão da *qibla* está dividida, mostrando a direção das orações. Um *Sheikh* ou líder religioso ou alguém que estiver presidindo a oração não terá visibilidade completa, apenas parcial.

As mulheres não podem entrar e nem fazer suas orações no período menstrual, pois todo muçulmano deve estar “limpo”, sem estar exalando secreções, como sangue, gases intestinais ou má higiene depois das necessidades fisiológicas.

Antes das orações deve ser feito todo um ritual de limpeza corporal, chamado de ablução. Esta limpeza pode ser parcial, ou banhos completos com água ou terra. Como a ligação da religião islâmica está relacionada ao Oriente médio e a grandes desertos, nem sempre a água estava disponível, então poderia retirar o suor e as demais secreções com a própria terra.

Na citação a seguir veremos como é a indicação religiosa para as mulheres que estão no período menstrual, como elas devem proceder para seguir corretamente os ensinamentos da religião.

É o sangue que aparece todo mês, e que ao vê-lo ou senti-lo enquanto estiver orando, a mulher deve interromper a oração. Quando a menstruação termina, ela deverá banhar-se. O período da menstruação varia de 3 dias no mínimo, até no máximo 10 dias. Caso este período ultrapassar os dez dias, ela deverá tomar banho, fazer a ablução e rezar (AL-KHAZRAJI, 2004, p.45).

Na citação, ao falar sobre o banho, não significa que a mulher fica privada da higienização no período menstrual. Para fazer as orações é necessário um banho específico chamado de *niyeh*, onde se menciona a intenção antes do banho. Segundo Al-Khazraji (2004, p. 44), o *niyeh* consiste em falar: “Purifico-me da relação sexual, ou do contato com o morto, ou da menstruação etc.” Esse banho é realizado nessas ocasiões citadas.

Atualmente, a questão da mulher na sociedade humana está sendo discutida e revista, questões relacionadas ao gênero, direitos e igualdade. Essa luta não se faz presente apenas nas sociedades ocidentais, as mulheres orientais também lutam e resistem ao machismo e a estados opressores.

Como exemplo, a biografia⁵⁶ de Ayaan Hirsi Ali, somaliana que se desvincula do seu clã muçulmano e sofre diversas agressões devido às “tradições” de seu povo, como a retirada de clitóris, xingamentos de sua mãe quando tem sua primeira menstruação, crânio fraturado por um pregador do Alcorão, e até mesmo exílio por conta da situação política de seu país, indo para Etiópia, Quênia, Holanda e, atualmente, Estados Unidos.

Outro livro importante é a obra de Azar Nafisi⁵⁷, que atuou por muitos anos como professora na Universidade de Teerã, depois da revolução de Khomeini (1979). Ela foi proibida de utilizar obras “ocidentais” na Faculdade de Teerã, capital do Irã onde lecionava. Em contrapartida ela formou um grupo com alunas que, secretamente, liam e discutiam obras de autores ocidentais famosas por explorar o universo feminino.

Podemos falar também sobre duas ganhadoras do Nobel da Paz. Em 2003 Shirin Ebadi ganhou o prêmio devido ao seu trabalho no Irã como juíza e defensora dos

⁵⁶ Biografia de Ayaan: O livro auto-biográfico chamado *Infel* conta a história de uma mulher que desafiou o islã.

⁵⁷ Azar Nafisi: através de sua experiência repressiva no Irã escreveu a obra *Lendo Lolita em Teerã*: memórias de uma resistência literária.

direitos das mulheres e Malala Yousafzai, paquistanesa que, em 2014 sofreu agressões e foi baleada na rua, e continua lutando pelos direitos das mulheres.

O trabalho destas mulheres foi amplamente divulgado e estão facilmente disponíveis em bancas de jornal, supermercados e livrarias. Porém, esses livros não foram lidos pelas mulheres entrevistadas e elas desconheciam o trabalho destas mulheres que ganharam o Nobel da paz, lutando contra a opressão, violência e falta de direitos. As entrevistadas não expuseram suas opiniões sobre a luta das mulheres.

A religião islâmica baseada na *sunnah*, do profeta do Mohamed, e no livro *Alcorão*, juntamente com outros livros que vão sendo escritos a partir destes, contribui para a criação da identidade muçulmana, inclusive da mulher muçulmana.

Os muçulmanos vivem no Brasil e na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, trabalham e formam famílias, porém, muito pouco se sabe sobre suas relações diárias com a religiosidade e sua vida familiar.

A relação deles geralmente é muito familiar, ficando em casa boa parte do tempo livre e possuindo um estilo de vida privada, muito disso se deve as práticas religiosas. Como já foi explicado anteriormente, não comem em qualquer lugar e existe todo um processo para elaborar suas próprias refeições.

Mas isso não é uma regra. Elas gostam de festas e se divertem. A afeição por músicas românticas faz com que gostem muito da música sertaneja brasileira e também músicas de protestos, luta e resistência onde o *rap* ganha destaque.

Outra questão sobre a construção da identidade são os casamentos. A união do casal árabe em um novo país faz com que tenham filhos de outra nacionalidade, o que trará, em sua construção, elementos deste ou destes países onde estão inseridos. O casamento intercultural do árabe com uma pessoa de outra nacionalidade também permite esta reformulação cultural para ambos. Na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã sempre haverá muitos relatos dessa natureza.

Mulheres brasileiras e paraguaias, ao se casarem com homens árabes em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, optaram por seguir a religião de seus esposos e incorporaram o uso do *hijab*. Estas mulheres em seu cotidiano aderiram os costumes e cuidam do lar e da família enquanto seus esposos trabalham no comércio em Pedro Juan Caballero. O mundo da mulher é a casa e a do esposo o comércio, suas atividades são distribuídas estabelecendo condições de classes.

Motahari (2008) irá levantar questões que abordam o pedido do casamento, casamento temporário, questões relacionadas ao dote e a herança, filhos, traições e

poligamia. É importante relatar que as bases de discussões que ele apresenta em seu trabalho são baseadas no Irã, principalmente depois da Revolução de Khomeini.

Falar sobre o trabalho de Motahari (2008) permite visualizar o ideal de como uma mulher muçulmana xiita tem e como é a construção de sua identidade. Esse autor, ainda para fundamentar suas ideias e concepções sobre os direitos das mulheres se utiliza de escritores e estudiosos ocidentais, como Engels, Hüssel, Platão, Montesquieu, entre outros.

Esses autores citados não possuem uma relação direta com o tema e, em sua discussão, não estava incluída a questão da mulher muçulmana. Desta forma, a utilização destes não fornecem sustentação e coerência para a discussão que o autor propõe.

Said (2007), na questão sobre o orientalismo criado pelo ocidente, discorre como a imagem do oriental é formada no imaginário, através do viés de escritores e pintores, entre outros. Podemos pensar que, nessa perspectiva, o oriente também se apropria de elementos ocidentais para explicá-lo, mas essa perspectiva pode ser também viciosa e generalista.

De forma geral, o autor se utiliza da concepção de que as mulheres e os homens são diferentes fisicamente, organicamente, psicologicamente e que a igualdade entre os sexos não se dá no curso do direito, pois, a mulher está em uma posição mais favorável que o homem.

Segundo Motahari (2008), a mulher (humana), como as demais fêmeas de outras raças de animais, dependem da força do homem (macho). Muitos trabalhos são inapropriados para as mulheres, levando em consideração sua estrutura frágil comparada com a constituição física e biológica do homem.

Além disso, o seu período menstrual, os inconvenientes durante a gravidez, as dificuldades do parto e a criação dos filhos, tudo isto a colocou numa situação em que está sob a proteção do homem, com menos responsabilidades e mais direitos. Isto não se restringe só aos seres humanos: todos os animais que vivem aos pares procedem desse modo. Em Todas essas espécies o macho se ergue em defesa de sua companheira. Se a disposição natural e inata de ambos os sexos for tida em vista, e se nos lembrarmos da sua igualdade no fato de serem humanos e de partilharem dos direitos da humanidade, então, a mulher encontrar-se-á numa posição muito favorável: nem a sua individualidade nem a sua personalidade serão esmagadas (MOTAHARI, 2008, p. 25).

Na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, as mulheres, esposas casadas com árabes possuem uma grande dependência, inclusive econômica de seus esposos.

Até mesmo as mulheres brasileiras e paraguaias não trabalham ou exercem qualquer atividade independente, que seja fora do lar. Elas trabalham muito dentro de casa organizando e cuidando dos filhos, algumas recebem renda, aluguel de imóveis referente à herança. Esta situação não é uma regra. Como já apresentado neste trabalho, algumas mulheres se sobressaem e saem deste padrão. As filhas dos árabes já possuem uma realidade diferenciada, estudam, fazem cursos, estudam em universidade. Em alguns casos específicos existem medidas mais repressivas, como ser enviadas para o Líbano.

O que pode claramente ser percebido é a mescla e os contrastes de valores e culturas, que todas as famílias de imigrantes árabes, e inclusive os próprios imigrantes árabes passam. Como Said (2007) fala, as diferenças entre o Ocidente e Oriente existem, são inúmeras, mas não devem ser vistas como verdades absolutas, cada trajetória possui seus aspectos singulares.

As sociedades humanas não são as mesmas desde o tempo do profeta Mohamed, Platão, Engels e Hussel. A jurisprudência islâmica também mudou, a cada caso julgado e a cada decisão dos jurisperitos, mudanças são incorporadas. Um caso de adultério hoje não deve ser julgado como se fazia há 300 anos atrás.

Um país que pode ser citado por julgamento questionável e pena de morte, principalmente por erros nos processos de mulheres, é o Irã, mesmo país que Motahari (2008) cita como um exemplo. A religião islâmica permite que as mulheres estudem e sejam instruídas, inclusive religião, mas a posição de *Sheikh* (líder religioso) é somente para homens.

Para reflexão, utilizando-se do pensamento de Engels (1990), que elabora questões sobre as sociedades que deixam de ser matriarcais e se tornam patriarcais, pode-se afirmar que todos os homens citados acima foram gerados, educados e pensam na sociedade como patriarcais.

Mas hoje o que se apresenta é uma extrema pressão nessas sociedades onde a mulher ocidental, oriental do norte ou do sul, luta por seu espaço, seu reconhecimento, sua força e suas lutas. Na sociedade mista, os direitos e as leis tendem a se adequar às necessidades de todos os seres humanos e suas limitações.

As mulheres na fronteira entrevistadas têm conhecimento de seus direitos e à sua maneira, lutar por espaços, como abrir restaurantes, vender produtos para outras mulheres, questionarem as atitudes dos cônjuges.

Subhani (2006), sobre a história Profeta Mohamed aponta as mulheres durante a vida do profeta. Elas possuem um papel importante em sua história e na história do islã. Subhani (2006) descreve a vida dele e a participação das mulheres. A mãe do Profeta Mohamed, Amina, viajou grávida e, com uma acompanhante mulher, atravessaram o deserto. Quando o profeta nasceu, em 570 d.C, teve uma ama de leite chamada .Halimah. O trabalho de Halimah era muito importante. Ela era paga para amamentar e cuidar de crianças em seus primeiros anos, perto das montanhas que, para os árabes, era um lugar saudável, onde as crianças cresciam fortes e, provavelmente, o número de mortes era menor.

Mohamed se casou com Khadija, uma mulher viúva e mais velha que ele. Khadija, rica e independente, pediu Mohamed em casamento. Com ela teve sua filha Fátima, que ficava sempre ao lado do pai enquanto os outros árabes descrentes o rechaçavam na rua, jogando pedras, restos de comida e animais mortos.

A revelação do Islã promove uma mudança cultural no oriente médio, as filhas não são mortas ao nascerem, são vistas como joias preciosas depois do Profeta Mohamed. Os pais ou tutores não podem vender ou fazer casamentos sem a aceitação da mulher, que tem direito à herança (quantidade menor referente a um irmão). Ela pode escolher seu presente de casamento, pode estudar e trabalhar, pode se divorciar e casar outras vezes.

Quando Khadija, primeira esposa do Profeta Mohamed, faleceu e o islã começou a se expandir, o profeta chegou a ter cerca de 10 mulheres, entre elas Aisha. Esta sabia ler e escrever e ensinava as crianças. Aisha foi prometida em casamento para o profeta Mohamed. O casamento se deu quando ela tinha seis anos e consumado aos nove anos, quando o profeta Mohamed tinha 50 anos de idade.

Contradições assim são vistas ao longo da biografia e da obra, principalmente se você utilizar a *sunnah*, ou seja, relato da vida do Profeta Mohamed, onde pessoas que viveram relatam como o Profeta Mohamed reagia, falava, aconselhava, comia, andava. Cada corrente islâmica aceita alguns *hadiths* (ditos) do Profeta Mohamed e ignora outros.

Os muçulmanos árabes, incluindo os imigrantes árabes da fronteira, defendem suas posições religiosas baseados nos *hadiths*, que atendem seu segmento religioso. Os entrevistados são em suma xiitas. Os muçulmanos xiitas têm resistência à Aisha, preferindo como referência feminina, a primeira esposa do Profeta Mohamed, Khadija e sua filha Fátima.

Essa resistência se deve a um possível ato de infidelidade de Aisha, porém, o Profeta Mohamed disse que não ocorreu. A sucessão, com a morte do Profeta Mohamed, vai para Abu Baker, pai de Aisha, enquanto que os xiitas preferem Ali, sobrinho e marido de Fátima, filha do Profeta.

Em nenhum momento existe alguma discussão sobre Aisha ter casado tão nova. Sempre que o assunto é tocado com os imigrantes árabes da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, existe a explicação “histórica” de que as mulheres se casavam muito jovens naquela época. Esta é uma prática em países do Oriente Médio que ainda permanece e questionada pela mídia internacional, como uma crítica aos direitos humanos e das mulheres.

Para melhor entendimento sobre os eventos históricos do mundo árabe sobre a expansão muçulmana, pode-se pesquisar, no trabalho de Robinson (2007), através da editora Folio e da coleção *Grandes Civilizações do Passado*, que existem duas publicações de boa qualidade intituladas: *O mundo islâmico: o esplendor de uma fé e As Terras do Islã*, por Sánchez e Almarza (2008).

Stearns (2013, p. 74) discorre sobre Mohamed ou “Maomé” estar acreditando melhorar as condições femininas do patriarcado árabe, o povo aceitou o islamismo porém, continuou com suas tradições de gênero, concluindo que o islamismo com as tradições regionais e patriarcais de gênero enrijeceu as relações de gênero persistindo até os dias de hoje

Atualmente, pensa-se em sociedades igualitárias entre os seres humanos, independentemente do gênero sexual ou orientação sexual, onde os direitos se estendam às necessidades de todos, inclusive de suas limitações físicas, psicológicas e biológicas. Todos podem ter amparo, segundo suas necessidades e prioridades. O primeiro passo é escutar as mulheres e ver como elas se sentem e enxergam, e o que querem destas sociedades, inclusive dentro da instituição religiosa onde são seguidoras.

Spivak (2010, p.126) discorre sobre a impossibilidade do “subalterno falar” ou mesmo de visualizar sua condição como subalterno, quando não “há valor algum atribuído a ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais”, cabe a “mulher a tarefa” de dar a voz ao que não se escuta.

As mulheres árabes na fronteira não foram entrevistadas diretamente devido ao fato de não falarem português e de os maridos dificultarem o acesso a elas. Geralmente, não andam sozinhas, sempre estão acompanhadas de outras mulheres e dos filhos. Existem casos como o de Samira, que trabalha no comércio e falou diretamente, mas era

visível que se sentia desconfortável, falando que tinha muito trabalho e precisava voltar logo para o serviço. Ao sair e passar pelo balcão teve que responder um interrogatório em árabe ao seu irmão, que perguntava o que lhe foi questionado e o que ela respondeu.

As filhas de árabes ou as meninas que crescem no Brasil ou Paraguai, como Dona Nazira que, mesmo chegando à fronteira em 1955, já demonstra autonomia para trabalhar e se socializar. Sua identidade não está tão vinculada à tradição árabe demonstrando mais autonomia e independência mesmo com a diferença do tempo de chegada.

Ao analisar este viés percebemos, através da geografia e seu estudo do corpo, a sociedade e inclusive do modelo capitalista, que a mulher árabe encontra dificuldade, mesmo estabelecida em países ocidentais, de ter sua independência econômica plena. Onde do trabalho do esposo, geralmente no comércio, provém às necessidades da família, enquanto que a mulher se aplica no universo familiar. Enquanto os filhos e filhas, descendentes, ou até mesmo que cresceram, possuem uma maior liberdade. No caso das filhas, ainda encontram resistências maiores no núcleo familiar e religioso de sua liberdade pessoal e econômica.

As descendentes de árabes em Ponta Porã enfrentam o choque da realidade e deste multiculturalismo, estão tendendo entre dois lados, o árabe e o “brasiguai” mistura cultural de quem vive nas áreas urbanas e rurais na fronteira entre Brasil e Paraguai. Precisa saber quem são. Existe uma forte pressão familiar para as meninas se casarem com árabes (libaneses). Seus pais consideram que até mesmo os descendentes de árabes nascidos ou criados aqui não são bons maridos, já foram influenciados pelos “modos daqui”.

Esses modos daqui não foram explicados pelos imigrantes árabes, mas devido à contextualização do momento, pode se pensar nas festas, nas bebidas e nos muitos relacionamentos amorosos. Isso influencia os homens árabes e não árabes, principalmente quando se tornam pretendentes para o casamento. O fator da religião também se faz muito forte. Existem dois relatos de que quando moças descendentes de árabes se casaram com brasileiros, estes tiveram que reverter ao Islamismo para ambos serem “aceitos” no núcleo familiar, o marido e as próprias filhas.

A escolha de casar com um brasileiro ou paraguaio certamente é algo delicado e complicado. Apenas um pai disse que suas filhas poderão escolher, e ele espera que elas o façam com sabedoria, respeitando a escolha pessoal delas e que deseja, em primeiro lugar, o estudo, uma profissão e depois a construção de uma família.

Além do casamento temporário outras dúvidas se estendem na vida diária das mulheres nas fronteiras. O relato a seguir foi realizado na casa de Beatriz, no período matutino do dia 10/01/2017. Estavam presentes Ana e Beatriz, elas estavam falando sobre coisas relacionadas às suas vidas e da família de seus esposos, que são libaneses.

A atividade dessas mulheres consiste no trabalho com a casa e com os filhos. Beatriz têm três meninas e Ana quatro filhos, dois pares de casais. Beatriz gosta de fazer trabalhos manuais como pintar, bordar, fazer crochê e tricô, Ana trabalha muito em casa e não tem tempo para atividades extra.

Ana é uma paraguaia casada com um libanês, e comentando sobre sua cunhada libanesa com o nome fictícia de Laila afirmou:

O marido de Laila, sempre foi louco apaixonado por ela, fez de tudo para trazer ela do Líbano, desde que ele tinha onze anos queria casar com ela. A Samira é muito difícil, nunca está contente, sempre reclama é muito invejosa não pode ver ninguém ganhando alguma coisa que quer também, pede para o marido na hora, se ele não dá, ela fica em cima. Esses dias ela estava com o olho roxo, porque queria uma geladeira nova, você acha? Ela não dá tempo para o marido dela, apanhou! Ela é muito chata (ANA, relato no trabalho de campo, 10/01/2017).

Já Beatriz, uma brasileira, falando sobre sua cunhada libanesa, Nádia, disse que:

(...) ela é louca pra fazer filho, está fazendo tratamento, o marido traiu ela um monte falando que ela era seca, ele foi fazer o exame, o problema era com ele, dava dó dela, você acredita que ela era cheia de doença, corrimento, vivia no ginecologista, até menina no banheiro da loja ele pegou, como vive assim? (BEATRIZ, relato no trabalho de campo, 10/01/2017).

Beatriz ainda comenta sobre uma conversa que presenciou. Um *Sheikh* de Foz do Iguaçu estava em visita na cidade e percebeu que havia muitas dúvidas em relação às mulheres, ele decidiu unir todas elas e realizar uma conversa geral.

Ainda segundo o relato de Beatriz, na reunião estavam todas sentadas. As mulheres árabes ficam de um lado, as mulheres que tem grau de parentesco com as brasileiras e paraguaias normalmente ficam no meio, enquanto que as brasileiras e as paraguaias no outro canto. Essa separação se dá por afinidade e ligação.

Ao falar sobre a identidade da mulher árabe, muçulmana ou da mulher brasileira e Paraguaia casada com imigrantes árabes, através do trabalho de campo e das conversas na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, sempre traz a figura

masculina como referencial econômico ou religioso. As mulheres árabes não são fáceis de contatar, as informações sobre a vida delas foram repassadas através dos relatos dos filhos ou maridos, ou das mulheres brasileiras e paraguaias.

Mesmo as mulheres brasileiras e paraguaias com seus familiares próximos fisicamente, com estudo e registros de trabalho anteriormente ao matrimônio, após o casamento e o nascimento dos filhos, dependem economicamente da atividade do marido. A diferença é que essas mulheres não árabes refletem sobre as ações dos seus próprios esposos e comparam as relações matrimoniais próximas, questionando o comportamento religioso e cultural da comunidade árabe.

Poucas mulheres brasileiras e paraguaias se fazem presentes nestas reuniões. Estavam presentes quatro mulheres não árabes, entre elas Beatriz, que escutou um grande murmurinho entre as mulheres libanesas, e uma delas resolveu falar em nome das outras. Ela perguntou em árabe e as mulheres brasileiras e paraguaias presentes ficaram sem compreender, solicitaram para o *Sheikh* a tradução do que elas estavam questionando.

As mulheres libanesas perguntaram ao *Sheikh* sobre o sexo anal no casamento. Quando o marido solicita, a mulher é obrigada a fazer a sua vontade? Segundo Beatriz, o Sheikh disse que não havia nenhum indício disso no *Alcorão* ou na *sunnah* do Profeta Mohamed, “mas a mulher deveria conversar com seu marido e chegar a um acordo”. Salientou que ela “deveria pensar bem”, pois “o que não encontra em casa o homem vai procurar na rua”.

Ana, que estava sentada ouvindo Beatriz narrar, dá sua posição sobre o assunto “Que procure na rua e me esqueça! Pro meu marido eu dou o que quiser, o corpo é meu!”.

Essas questões percorrem os espaços íntimos da vida de homens e mulheres, a questão da dualidade da identidade, o que é correto ou errado, o que é bom ou ruim, quem sou eu, no que vou me transformar.

O conselho do *Sheikh* aponta para duas faces, uma a religiosa e instrucional, incentivando o diálogo do casal, e outra pessoal, baseada no senso comum “sobre o que não tem em casa o homem procura na rua”. Essa frase foi dita por um homem, mostrando sua realidade de mundo, independentemente de ser árabe, líder religioso e homem, seria possível encontrar essa fala presente no discurso das próprias mulheres brasileiras e paraguaias, por esse motivo, a menção de senso comum.

O senso da mulher como objeto que deve satisfazer todas as necessidades dos homens, inclusive as sexuais, pois se não fizer isso, não será boa, ele encontrará outra mulher que o fará. Este sem dúvida é um preconceito que não se difere entre os extremos da Terra, tanto no oriente quanto no ocidente, ele permanece e deve ser desconstruído.

As mulheres brasileiras e paraguaias permeiam sua cultura e costumes e também a cultura e costumes do esposo e de seus familiares (libaneses), que agora fazem parte da sua vida e de suas relações afetivas e espaciais. A mulher árabe e sua luta diária em casa, para trabalhar, estudar, ser “muçulmana” e nas relações íntimas. Ela está inserida em uma nova cultura, mas o que fazer? Trabalhar e se adaptar, ficar em casa, cuidar dos filhos e procurar deixar o mais confortável para sua família? Aceitar tudo que o esposo trás de fora? São questões que parecem ser banais, mas consomem o pensamento e a vida dessas mulheres árabes na fronteira.

Sobre a fé islâmica, ser muçulmana para a mulher, independentemente da nacionalidade, é uma escolha pessoal e íntima que necessita dedicação e empenho. A simples escolha de colocar o *hijab* é muito especial. Alguns países fazem como uma imposição, uma lei, como por exemplo, Irã, Arábia Saudita e Afeganistão. Em outros países como Líbano e Palestina, o uso do *hijab* não foi institucionalizado, é um passo importante para a mulher, pois ela está deixando a vaidade para servir a Deus.

Em muitos países que recebem os imigrantes árabes e muçulmanos, o uso do *hijab* ou do véu islâmico no cotidiano pelas mulheres se tornou uma forma de resistência e luta, devido a algumas posições, como na França, houve a proibição da utilização do véu pelas meninas nas escolas. Este tipo de atitude mobilizou várias mulheres em todo o mundo a usar o *hijab*, como um instrumento de força e luta de seus direitos religiosos e de fortificação de sua cultura.

O uso do *hijab* para a mulher muçulmana, segundo Arroyo (2017, p. 91) é uma construção de sua territorialidade através do geossímbolo religioso, e também uma retroalimentação de sua identidade cultural, auxiliando na desconstrução dos estereótipos negativos e do pensamento ocidental sobre a mulher muçulmana.

Motahari (2008) discorre sobre igualdade, não uniformidade, levantando questões sobre moral, direito e ética na visão “ocidental” e “oriental”.

Em minha opinião, para além das razões históricas, houve também razões psicológicas e geográficas que desempenharam um grande papel em gerar esta situação que impediu o oriente islâmico de concretizar esses direitos que

são intelectualmente indispensáveis e cujos fundamentos tinham lançado. Esta é uma das diferenças de mentalidade entre o oriente e o ocidente, o oriente tem uma tendência para o pensamento ético, enquanto o ocidente se inclina para ideia dos direitos. O oriental, em virtude de sua natureza, concebe a humanidade consistindo em proceder com bondade e tolerância, em ser amigo do seu próximo e em usar de generosidade para com ele. Por outro lado, o ocidental tem orgulho na concretização dos seus direitos e em salvaguardá-los, e não permite que ninguém se intrometa no território sagrado de seus direitos. A humanidade precisa de ética, tanto como de direitos. Está ligada aos direitos tanto como a moral, e nenhum dos dois conceitos, direitos ou moral, é por si só, o critério da humanidade (MOTAHARI, 2008, p. 125).

Na citação de Motahari (2008) sobre concepções do direito das mulheres no Islã, este fala que a falha dos direitos no oriente islâmico se deve a problemas de ordem psicológica e geográfica.

Os direitos da mulher começam a ser analisados no Ocidente pós II Guerra Mundial (1945), a conquista desses direitos não significa seu cumprimento efetivo. A desigualdade entre homens e mulheres ocorre em todos os países ocidentais, em decorrência disso, existe a necessidade contínua do empoderamento da mulher.

No que consiste empoderar a mulher? Reeducar as mulheres para uma sociedade igualitária, que seja justa para homens e mulheres. Que os abusos e injustiças que ocorrem cotidianamente com as mulheres não sejam vistos com “normalidade”, nem por homens, nem pelas próprias mulheres.

A necessidade de reeducação é uma realidade para a sociedade mundial, não somente para as mulheres árabes ou mulheres não árabes casadas com árabes. É preciso procurar uma reformulação da sociedade atual que ainda possui sua base em moldes patriarcais.

As mulheres ocidentais e orientais se modificaram. Elas indagam sobre o seu “Eu”, sobre o lugar onde estão e para onde ir. Mulheres estão se tornando símbolos de luta e liberdade em todos os países, Irã, Paquistão, Índia e Afeganistão. Falar que as mulheres muçulmanas se calam e aceitam seus destinos não é correto, pois trabalham, lutam, ensinam, protestam, são presas, abusadas, torturadas e mortas.

3.3 Os imigrantes árabes na fronteira entre o Oriente e o Ocidente

A fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã demonstra a interação do imigrante árabe muçulmano com as atividades diárias da fronteira, desde sua chegada, e os motivos que tornaram a fronteira atrativa para os imigrantes árabes, as relações

comerciais, a interação através dos casamentos interétnicos, os laços de amizade, a religiosidade e, por mais que a cultura árabe se mescle com a cultura brasileira e paraguaia, para ambos os lados, existe uma separação, a identificação que diz: “ele é diferente”.

Diante disso, podemos citar os casos já apresentados nesta dissertação, sobre os casamentos entre árabes, brasileiras e paraguaias, cabe aqui o exemplo do casamento entre Maria e Bilal, no subcapítulo 1.4 ou os comentários de Ana e Beatriz sobre suas cunhadas árabes, respectivamente Laila e Nádia, no subcapítulo 3.1 onde as diferenças de costumes, religião e até mesmo econômica gera conflitos nos relacionamentos.

Para Hall (2009, p. 106), “a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras”. Hall (2009) fala sobre a fragmentação da identidade e que são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições estando sempre em processo de mudança e transformação.

Essa diferença vai além da primeira presença árabe na América, os recortes geográficos, como o meridiano de Greenwich, determinando os dois hemisférios do planeta, o Ocidente e o Oriente, influenciando na geopolítica de todos os países.

Said (2007) aborda questões sobre o Oriente como uma invenção do Ocidente. O oriente e o ocidente são distintos como qualquer país, quando analisado de norte a sul ou oeste a leste apresentará suas diferenças.

Um dos problemas levantados por Said (2007) se relaciona principalmente com o período das colonizações. Os europeus adentrando no Oriente e no continente Asiático iniciam a representação destes, fazem pinturas, poemas, romances, criando um imaginário sobre o Oriente. Hall (2014) aponta sobre esse período colonial como “velhas identidades” estabilizaram o mundo social, porém, o declínio destas fez surgir novas identidades e o indivíduo moderno.

Ainda pelo pensamento de Said (2007, p. 161): “O Ocidente é o ator, o Oriente é um coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri de cada faceta do comportamento oriental”. A imagem do orientalismo permanece fixa no tempo, principalmente no imaginário das mentes ocidentais: árabes nômades, encantador de serpentes, odaliscas, gênios em lâmpadas mágicas, entre outros.

O século XX e as mudanças políticas, econômicas e bélicas, como a I Guerra Mundial (1914-1918), II Guerra Mundial (1939-1945), criação do Estado de Israel (1948) promoveram um processo de desterritorialização dos Palestinos, desencadeando

uma área de intenso conflito até a atualidade. Em resposta, os palestinos promoveram as Intifadas, que são levantes populares nos anos de 1987 e 2000, Guerra dos seis dias (1967), queda do Xá no Irã (1979), Guerra do Irã e Iraque (1980), Guerra do Golfo ou do Kuwait (1990-1991), Intervenção armada no Afeganistão (1979-1989) e ocupação do Iraque (2003-2011), Primaveras árabes⁵⁸, desencadeando a Guerra civil na Síria e Líbia.

Esses conflitos levantam várias ondas de imigrantes árabes para diversos países, inclusive, o Brasil. A maior concentração árabe na fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã é proveniente do Líbano, Síria e Palestina. Os conflitos se estendem desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) contra Israel.

A influência é bem intensa. Segundo relatos deles, ao ir para o Líbano não precisa saber árabe, falando português sempre vai haver alguém para te ajudar. Segundo o Sr. Haidar, “o Líbano foi reconstruído com dinheiro do Brasil. Zahlé tem uma Avenida que se Chama Brasil, você sabia?”. Mas continua explicando que muitas vilas e cidades foram destruídas pelos anos de guerra. Dessa forma, os imigrantes sabem que investir dinheiro é mais seguro onde estão, do que lá.

Todo imigrante árabe demonstra muito amor e saudade de suas vilas, casas, da comida, mas falam que quando retornam as coisas se modificaram da mesma forma que as pessoas, e a imagem que aquece o coração e a lembrança permanecem na memória, já existiram e não existem mais. Os mais jovens nascidos ou criados “na fronteira” não querem ficar no Líbano, não é o lugar deles, o lugar deles é aqui.

Bonnemaison (2002, p. 104), apresenta que “o espaço social é produzido, o espaço cultural é vivenciado”. O imigrante não tem como levar seu território em sua jornada, talvez apenas alguns objetivos que remetem à lembrança da casa, da fé, das pessoas.

Hall (2014), sobre identidade diz que há sempre algo “imaginário” ou fantasiado, sempre está incompleta, em processo e sendo formada. E Bauman (2005), transcorre sobre as “negociações”, como fatores importantes para a sua identidade.

Tornamos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a

⁵⁸ Primavera árabe – onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e Norte da África a partir de 18/12/2010, acarretando em revoluções na Tunísia e Egito, guerras na Síria e Líbia (milhares de refugiados para Europa), protestos em Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Yemén, Oman, Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental.

determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Os imigrantes árabes falam pouco sobre o tempo de guerra. Um libanês, Malik, com 49 anos disse que veio para o Brasil pequeno, com sete anos, por volta de 1975. Relata que morava em um apartamento em Beirute e seus pais estavam arrumando as malas rapidamente, e saíram de casa deixando para trás todas as coisas.

Esses conflitos interferem na vida das pessoas. Um exemplo é do Malik, que compartilhou sua lembrança infantil. Ele não tem residência fixa, embora tenha vários imóveis em diferentes cidades como Dourados, Ponta Porã e em Minas Gerais, em Belo Horizonte. Malik vive com a renda dos imóveis da família e dedica sua vida para a literatura e pintura. No dia da conversa mostrou o trabalho artístico no qual fez ilustrações para um livro infantil. Ele solicitou não ter sua identidade revelada, pois não se sente à vontade. Não tem nenhuma ligação com os grupos árabes e a religião para ele é uma filosofia de vida, e não uma obrigação.

Malik demonstra ressentimento por sua criação e se diz árabe só no nome. Fica feliz por estar livre das regras, dos costumes e que seus parentes árabes antigos já não vivem mais e então, não tem que justificar suas escolhas principalmente sexuais. Malik é homossexual e diz que sofreu muitos anos, principalmente por ser um homem muito bonito e nunca ter se casado. Relata que sua mãe e tias queriam incessantemente que ele se casasse.

O conflito que trouxe Malik e sua família do Líbano para o Brasil foi entre muçulmanos e cristãos, enquanto os drusos estavam no meio, devido a mudanças na Constituição do país e influência da Guerra Fria e suas ações no Oriente Médio. Malik veio para São Paulo, sua família se desmembrou e hoje ele viaja entre São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul (Dourados e Ponta Porã). Suas irmãs moram em São Paulo e em Minas Gerais.

Ele não soube falar o ano e nem o conflito. Justificou dizendo que tiveram que sair do Líbano por serem drusos e sufistas, uma corrente do Islã perseguida em diversos países, muitos muçulmanos dizem que é uma inovação, que não são muçulmanos, entre outros.

Os imigrantes árabes muçulmanos entrevistados são, em grande parte, de nacionalidade libanesa. Os conflitos no Líbano podem ser destacados resumidamente: libaneses cristãos contra libaneses muçulmanos (1975-1985), tropas israelenses

enviadas ao Líbano (1982), em 1985 tem a criação do *Hezbollah* (grupo de resistência armada xiita no Sul do Líbano contra as invasões israelenses, seu líder é Said Hassan Nasrallah). O *Hezbollah* captura soldados israelenses e inicia uma Guerra contra Israel em 2006.

No trabalho de campo do dia 10/10/2017, durante o mapeamento das lojas de árabes em Pedro Juan Caballero, no meio da tarde passamos pela loja de Abdul este estava sentado em um banquinho de madeira, olhando as pessoas que caminhavam na calçada.

Ao falar com Abdul, sua resposta em um tom de brincadeira foi “por que você não pesquisa paraguaios que moram nas fazendas, árabes não é bom para conversar, este povo não é bom”, rindo e virando as costas disse: “árabe bom é aqueles que resistem a Israel”, ele continua: “em 2006 Israel invadiu Líbano 33 vezes, em 2000 Israel saiu do Líbano, único país que consegue isso”.

Quando ele fala sobre a resistência libanesa, menciono sobre o *Hezbollah*, isso chamou sua atenção e ele retornou e continuou a conversa: “Isso que estou falando, tem outro grupo forte, *Amal*⁵⁹, que trabalha junto com Said Hassan Nasrallah⁶⁰, sabe Said Hassan? Se uma vaca de Israel vai passar para o lado de Líbano, todos os países do mundo fazem reunião, se Israel mata todos os árabes, não tem problema, essa é a história que tenho pra te falar, escreve isso”.

Abdul continua: “Sabe única forma de fazer Israel soltar árabe? Troca! Sabe. Prende soldado *israeli* e troca por árabe, resistência ajuda o Líbano”, levanta do banco e vai para trás do balcão, encerrando a conversa.

A citação desses eventos e as datas tem a finalidade de demonstrar que como Said (2007) advertiu, o século XX trazia surpresas, os interesses ocidentais no oriente encontram resistência, estendendo-se para o início do séc. XXI.

Para demonstrar a resistência do lado dos muçulmanos xiitas, que são a maioria dos entrevistados neste trabalho, na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a

⁵⁹ Haraket Amal – Grupo Xiita fundado em 1975 por Musa al-Sadr, tornou-se uma das milícias xiitas mais importantes na guerra civil libanesa, o movimento cresceu devido ao apoio da Síria. Atualmente este partido é criticado por corrupção, seu maior representante político se chama Nabih Berri, eleito presidente do parlamento libanês 1992, 1996, 2000 e 2005.

⁶⁰ Said Hassan Nasrallah – Secretário geral do partido e organização armada xiita, chamada de *Hezbollah*. Desde 1992 até 1989 houve confronto entre o grupo *Amal* e *Hezbollah*. Em 1990, a Síria invade o Líbano e o *Hezbollah* é o único grupo autorizado a permanecer armado. No ano de 2000 Israel saiu do Líbano, em 2004 o *Hezbollah* consegue a libertação de centenas de prisioneiros libaneses e palestinos, em troca de 3 corpos de soldados israelenses. Em 2006 aconteceram novos sequestros de soldados israelenses, em 2011 com o acirramento do conflito na Síria, Said Hassan envia centenas de soldados para auxiliar as forças do governo de Bashar al-Assad.

seguir haverá uma citação de Al-Khomeini, que promoveu a Revolução Iraniana sobre os Estados Unidos da América e o Estado de Israel. Foi traduzida e reproduzida no livro de Al-Khazraji (2005).

Nossa nação, aliás todas as nações islâmicas e os povos oprimidos do mundo, estão muito satisfeitos por seus inimigos serem os inimigos de Deus Todo Poderoso, do Sagrado Alcorão e do Islam bem como serem pessoas cruéis que não desistem de nenhuma ação criminosa para promover suas necessidades básicas. Estes inimigos do Islam são capitaneados pelos EUA um Estado terrorista por tendência, que põe fogo em tudo e em todos os lugares. Também seu aliado, o sionismo internacional, não para de praticar crimes para realizar seus desejos perversos e gananciosos (Al-KHAZRAJI, 2005, p. 111).

Al-Khazraji (2005), traduz o testemunho do Al-Khomeini para a nação iraniana. Neste testemunho existem muitos conselhos para a população, mulheres muçulmanas, juristas, líderes religiosos entre outros. Ressalta o perigo que vem do estrangeiro.

As potências coloniais têm nos amedrontado tanto com o seu poder e progresso satânicos que não ousamos aventurar-nos a qualquer atividade. Pelo contrário, submetemo-nos a eles e colocamos nossos destinos nas mãos deles tornando seus seguidores com nossos próprios olhos e ouvidos tapados. Esta estupidez e inabilidade mental artificial impediram-nos de confiar e acreditar no nosso próprio conhecimento e modo de pensar bem como transformaram-nos em seguidores cegos do Leste ou do Oeste. Os costumes e modos estrangeiros, sejam eles banais, vulgares ou redundantes, são promovidos, propagados e impostos às nações por meio de ações, palavras e elogios (AL-KHAZRAJI, 2005, p.125).

O que é o pensamento ocidental ou o que é pensamento oriental? Onde inicia um e onde o outro termina? Este é um questionamento complexo, mas também não se deve cair no erro de dizer que o Oriente é ético e que no Ocidente existem os direitos. Existem direitos no oriente da mesma forma que existe ética no ocidente.

A questão circula no cerne do que constitui o indivíduo, sua identidade, sua história, a forma como analisa o seu mundo e cotidiano.

Para os ocidentais, a forma como as mulheres são tratadas em países como Irã, Paquistão, Afeganistão, Iraque, não é o ideal de liberdade, igualdade e justiça. O problema não é a religião, e sim um Estado que se declara como religioso, impondo normas religiosas para todos, ou seja, as mulheres são obrigadas a utilizar o *khimar* (lençol que cobre todo o corpo) no Irã ou a *burca* no Afeganistão (uma roupa que cobre todo o corpo inclusive os olhos).

Podem-se levantar os casos que foram tratados no capítulo 1, como o de dona Nazira, que desde quando chegou à fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã trabalhou no comércio por muitas décadas, enquanto que Samira, trabalhando em seu restaurante para auxiliar no orçamento da família, foi questionada pelo irmão porque estava conversando e respondendo questões para esta pesquisa.

Salim, no subcapítulo 2.2, ao falar sobre sua mãe e recordar como seus amigos de escola se referiam ao fato de ela usar o véu na cabeça cobrindo os cabelos, com comentários do tipo, “ela é careca” ou “ela esconde uma bomba debaixo do véu”. Isso demonstra que a identidade e as questões do Oriente e Ocidente interferem no cotidiano dessas pessoas na fronteira.

Essas relações de diferenças e distinção servem como ferramentas tanto para o ocidente quanto para o oriente: “eles são ruins”, “não são evoluídos”, possibilita à criação de um abismo e trincheiras, raiva e horror entre as pessoas separadas por hemisférios, imaginados por uma geografia determinista de linhas que não compreende a grandeza e complexidade criada e recriada por humanos ao longo do tempo.

A questão de limites imaginários faz recordar da poesia de Quintana (2011), chamada Terra:

As fronteiras foram riscadas no mapa,
A terra não sabe disso:
São para ela tão inexistentes
Como esses meridianos que os velhos sábios a recortaram
Como se fosse um melão.
E verdade que vem sentido há muitos uns pruridos.
Um leve comichão que às vezes se agrava:
Ela não sabe que são os homens com as suas guerras
E outros meios de comunicação
(QUINTANA, 2011, p. 145).

A geografia está presente em todas as formas de arte, inclusive na poesia. Ocidente e o Oriente possuem suas diferenças, mas ainda guardam problemas tão semelhantes, como pobreza, miséria, guerras e discriminações de gêneros.

Buruma e Margalit (2006), pontuam com o desconhecimento da história e cultura de um povo, “um oriental é um oriental”, ele deixa de ser humano, passa a ser um problema, um ser incapaz de evoluir, um estorvo que só sabe matar e isso tem que ser resolvido. Quando falamos de “orientais” estamos falando sobre árabes, libaneses, sírios, iranianos, japoneses, chineses, hindus, russos, malásios, filipinos, australianos, entre muitos outros povos, culturas e tradições.

Esses povos não são iguais, da mesma forma que um árabe não é igual ao outro, da mesma forma que um norte-americano difere de um canadense, mexicano ou peruano.

A ética e o direito são dimensões que o intelecto humano tenta desenvolver e aplicar na sociedade, com o ideal de que o ser humano crie uma perspectiva de vida digna, justa e harmônica, uma construção contínua, sendo continuamente repensada.

Said (2007, p.85) faz referência ao livro *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (séc. XIV). No canto 28 do Inferno, Maomé pertence a uma hierarquia rígida de males, e seu destino no inferno é ser partido em dois, do queixo ao ânus, e seus excrementos e entranhas são uma precisão pertinaz.

A necessidade de o Ocidente demonizar o profeta do islã, Maomé ou Mohamed, faz-se presente com o avanço muçulmano nesse período. Depois das investidas e ocupações realizadas por países ocidentais no século XX, no Oriente, a tendência dos países foi buscar regimes ditatoriais e autoritários. Para isso, o Ocidente utilizou da concepção de “libertar” o povo oriental da pobreza, miséria e da “opressão”, desencadeando diversos grupos terroristas: como *Hamaz* (Palestina), *Hezbollah* (Líbano), *ISIS* (Iraque, Síria, Líbia e diversos outros países), *Al-Quaeda* (Iraque, Egito, Afeganistão e diversos outros países).

A Primavera árabe na Tunísia e Síria levaram milhões de refugiados para Europa através do mediterrâneo e causaram um extremo choque aos europeus. Não estavam prontos e nem dispostos a aceitarem grande quantidade de árabes em seus países, mas não poderiam mandá-los embora. Ficaram com um impasse, já que apoiaram as investidas militares no Oriente Médio.

No trabalho de campo do dia 09/01/2017, no mapeamento do comércio, em uma loja de materiais musicais foi conversado com dois irmãos Samir e Jaber. Esta loja era especializada na venda de instrumentos musicais. Ao escutar a conversa com Jaber sobre as questões dos refugiados, Samir interrompe e diz: “se eu fosse eles (os europeus) eu não iria querer os árabes lá, é tanta gente, como eles vão saber quem é terrorista ou não?”.

Mignolo (2003) fala que o negro, o amarelo, a mulher e o muçulmano são silenciados nesta sociedade. Karam (2011) transcorre sobre como os efeitos do ataque de 11 de setembro nos Estados Unidos, pelo grupo terrorista *Al-Quaeda* afeta a comunidade árabe na fronteira de Cidade do Leste e Foz do Iguaçu. Os árabes de Ponta

Porã e Pedro Juan Caballero dependem dessa rede. Segundo Karam (2011), inicia-se o estereótipo do árabe malvado e vilão.

Edna, brasileira, filha de paraguaios, trabalha fazendo painéis para lojas e adesivos para fachadas de lojas em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, não possui nenhum vínculo afetivo ou de trabalho com árabes na fronteira. Em frente à sua casa, bebendo o tereré, no dia 10/10/2017, diz: “Ah não gosto de árabe não, eles são estranhos, acho perigoso de mais, eles são bonitos e muito machistas, e se você ver bem, muitos deles fazem coisas erradas, é um povo que atravesso a rua para não passar perto”.

Parece ser impossível escapar às fronteiras e barreiras construídas à nossa volta por nações ou outras formas de comunidades (como a Europa, a África, o Ocidente ou a Ásia) que compartilham uma linguagem comum e todo um conjunto de características implícitas, preconceitos e hábitos rígidos de pensamento. Nada é mais comum no discurso público do que as frases como “os ingleses” ou “os árabes” ou “os americanos” ou “os africanos”, cada uma delas sugerindo não apenas toda uma cultura, mas também uma mentalidade específica (SAID, 2005, p. 42).

Said (2005, p.42), ainda falando sobre as generalizações e as forma redutora com que intelectuais acadêmicos norte-americanos ou britânicos fazem sobre “o islã”, que equivale a um bilhão de pessoas, dezenas de sociedades distintas, mais ou menos seis línguas distintas que cobrem aproximadamente um terço do planeta. Ao usar uma mera palavra reduzem um milênio e meio de história, antecipando julgamentos sobre a compatibilidade do Islã com a democracia, os direitos humanos e o progresso.

Em contraposição, Buruma e Margalit (2006) abordam o Ocidente aos olhos de seus inimigos, como os orientais o veem. No início da discussão apontam várias cidades que foram destruídas por estarem corrompidas, como Babilônia e Babel e relacionam com o atentado terrorista do dia 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center*, em Manhattan em Nova Iorque nos Estados Unidos da América.

Buruma e Margalit (2006, p. 37) discorrem sobre vários aspectos, inclusive o comércio como não sendo uma invenção ocidental, porém visto como um sistema universal nas cidades ocidentais e utilizado para criação de impérios e até mesmo para uma civilização global, fazendo destes “guardiões da tradição, da cultura e da fé como uma comparação para destruir o que é mais profundo, autêntico e espiritual”, tratando diversas vezes os ocidentais como sendo loucos por dinheiro.

Sobre as características de homens e mulheres ocidentais, nessa perspectiva, Buruma e Margalit (2006, p. 78) escrevem: “o homem ocidental, nesse ponto de vista, é um intrometido, hiperativo, sempre encontrando os meios corretos para os fins errados”. Nessa afirmação, o intrometido surge através das ações políticas e econômicas que os Estados Unidos e outros países da Europa exerceram no pós II Guerra Mundial (1939-1945), na Ásia e Oriente Médio; imperativo por serem ações sucessivas em diversos países; os meios corretos são pelo fato de haver êxito em suas investidas; e, os fins errados, a bagunça generalizada que se encontra em vários países na Ásia e Oriente Médio na atualidade, por exemplo, Iraque, Síria, Líbano, Palestina e Afeganistão.

O Ocidente é visto como uma ameaça, não apenas por oferecer um sistema alternativo de valores, mas também pela promessa de conforto material e liberdade individual, indo contra aos radicais religiosos e reis, sacerdotes dos que buscam coletivamente a pureza e salvação heroica, segundo Buruma e Margalit (2006, p. 75).

Possuir uma mente ocidental é como ser um sábio idiota, mentalmente defeituoso, mas com um talento especial para cálculos aritméticos. É uma mente sem alma, eficiente como uma calculadora, mas sem esperança de fazer o que é humanamente importante. A mente ocidental é capaz de grande sucesso econômico, é verdade, e de desenvolver e promover avanço tecnológico, mas não pode atingir as coisas mais elevadas da vida, uma vez que lhe falta espiritualidade e a compreensão do sofrimento humano (BURUMA E MARGALIT, 2006, p. 78).

Nesta citação percebemos uma possibilidade de ver os ocidentais (nós) aos olhos dos orientais, obviamente, não é uma visão única e nem diria que massiva, mas que de uma forma ou outra se encaixa sobre a visão que observamos acima nos livros religiosos muçulmanos onde a falta de espiritualidade e ética são apontada como falta nos ocidentais. Devido ao pensamento exato, organizado, sistêmico (matemático e tecnológico), os ocidentais conseguem vantagem em cima dos “orientais” e inclusive vantagens econômicas, gerando sofrimento, conseqüentemente, a instabilidade econômica por meio das guerras e conflitos no Oriente.

Lahrech (2004) afirma que o Islã não é um bloco monolítico, possui múltiplas dimensões. Atualmente as duas faces mais visíveis são a ilustradora e conciliadora e a outra, a fanática, obscura. Nesse artigo, Lahrech (2004) cita um autor iraquiano

chamado Shayegan⁶¹, que explica que nada foge ao processo do ocidentalismo: “um que ainda não chegou e outro que nunca se repetirá. Entre uma modernidade que serve de modelo, mas que é mal interpretada, e uma tradição que está se perdendo e que nunca voltará a sua forma inicial”. Lahrech (2004) termina seu texto falando que o Ocidente precisa aceitar sua parte Oriental e o Oriente sua parte Ocidental.

Para Bennani (2006, p.136), deve haver um diálogo entre culturas e religiões, integrado ao político e ao econômico. As fraturas e divergências vão além do terreno religioso, as injustiças e disparidades econômicas. A pobreza, ao grau da democracia, requer respostas locais/globais para melhorar a situação atual.

⁶¹ Daryuhhs Shayegan, autor de *La Lumiere Vient de l'Occident. L'Aube, La Tour d'Aiguess*.

Considerações finais

A presença dos imigrantes árabes na área de fronteira das cidades de Pedro Juan Caballero (Paraguai) e de Ponta Porã (Brasil) foi o objeto de estudo deste trabalho. As informações foram obtidas pelo trabalho de campo, entrevistas, conversas e informações.

No **capítulo 1** houve, inicialmente, a reflexão sobre quem é o imigrante, utilizando-se também da trajetória do casal, o Sr. Ahmad e a Dona Nazira; os dois recordaram como chegaram à fronteira e como esta era no fim da década de 1950. Devido a alguns dados repassados pelo Sr. Ahmad, de seu trabalho inicial, como motorista transportando mercadorias entre Brasil e Paraguai, principalmente a erva-mate, levantou questionamentos sobre os motivos que estimularam a área de fronteira para o imigrante.

Dessa forma, entramos em uma discussão sobre os investimentos e planos de desenvolvimento do interior do Brasil, construções de ferrovias, rodovias, pontes, hidrelétricas, novas cidades, ficando fácil de compreender que para o imigrante árabe era uma oportunidade, sair da competição de mercado dos grandes centros urbanos e construir seu próprio negócio.

Essas trajetórias que os imigrantes construíram, indo para um local novo sem se desvincular do lugar antigo foram a base para uma rede que proporcionou conexões de trabalho, investimento e moradia aos novos imigrantes que aqui chegaram.

Todos os imigrantes árabes falaram sobre suas relações com outros lugares. No caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, foi perceptível a relação com outra fronteira, Foz de Iguaçu e Cidade do Leste, pelas redes construídas, sendo elas comerciais, religiosas e/ou afetivas.

Com relação aos dados fornecidos pelo Censo do IBGE, sobre os imigrantes árabes, foi realizada uma comparação breve a respeito da concentração dos imigrantes na década de 1970. Sua concentração foi maior no Sul do Estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

O **Capítulo 2** abordou a questão do trabalho do imigrante no comércio, principalmente do lado paraguaio em Pedro Juan Caballero. O imigrante árabe veio em busca de trabalho e uma vida pretensamente tranquila e estável.

A desterritorialização do imigrante árabe de seu país de origem se fez pela necessidade do trabalho, da dificuldade de construir um futuro em uma zona de

conflitos e instabilidades crescentes, como nos casos destes imigrantes que são da Síria e Líbano.

Em suas lojas predominantemente de eletroeletrônicos ou arguilés, sempre estão adornados com quadros religiosos e escritos em árabe, deixando claro sua origem. Ao entrar em suas lojas, muitas estão tocando música árabe, sendo assim, facilmente reconhecidos na fronteira e chamados de “turcos”.

A reterritorialização, a busca do local de trabalho, de moradia onde estará sua família. A escolha da fronteira, o aprendizado da língua e dos costumes, ocorre, em concomitante, com a reterritorialização de sua cultura e religião em espaços como a casa, na sua loja, na mesquita. Isso cria um território do imigrante árabe na fronteira, um espaço não somente de trabalho, mas também de vivência.

A partir daí se percebe que o imigrante árabe na fronteira, inclusive os muçulmanos, estão fixos, relacionam-se com outras redes, como Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, recebem novos árabes e principalmente, preocupam-se em alterar o espaço fronteiriço, como construir Mesquitas. A cultura e as redes destes sujeitos estão em transformação. Na relação espaço e cultura os encontros e choques estão se realizando, limites novos e antigos são reelaborados, fronteiras muradas e fronteiras abertas são atividades, em um movimento de desterritorialização e reterritorialização contínuo.

Foi elaborado através do trabalho de campo um estudo sobre as lojas dos imigrantes árabes, na área mais central de Pedro Juan Caballero. As lojas dos árabes ocupam os melhores pontos do comércio. Através do comércio exercitam a língua, realizam interação com a comunidade local.

No **terceiro capítulo** a territorialização da comunidade árabe muçulmana se dá principalmente do lado brasileiro, através da construção da Mesquita e de suas práticas religiosas. Segundo os muçulmanos da fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, a construção da Mesquita facilitou a sua vida. Antes qualquer ação religiosa precisava do deslocamento para Foz do Iguaçu ou a solicitação do *Sheikh* de Foz de Iguaçu ou de Cidade do Leste para a fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

Na parte da religiosidade, o muçulmano deve ter conhecimento do lugar em que está, sua localização e posição que ocupa no espaço geográfico é uma ligação à fé. Ele precisa da direção correta para se conectar a sua *ummah* (comunidade) e entrar em contato com Deus. Ele necessita da limpeza espiritual e corporal, do contato com a terra, até mesmo quando fazem o *hajj* ficam orbitando a *Caaba*, como se esta fosse o sol

e eles planetas. É interessante como a religião islâmica se utiliza de elementos geográficos diariamente.

As relações pessoais como os casamentos, as crenças religiosas, a criação dos filhos, o tratamento com os parentes, também se transformam na área por meio de fronteiras pessoais e íntimas que precisam ser cuidadas todos os dias. Os relatos tentaram trazer os conflitos e as dúvidas, as angústias, o medo e até mesmo o amor das relações vivenciadas por estas pessoas.

Muitos desses conflitos permeiam o *espaço feminino*. Somente quatro mulheres árabes contribuíram para a pesquisa de forma direta. Muitas das informações foram adquiridas pelas mulheres brasileiras e paraguaias que casaram com imigrantes árabes. Ficando claro que o homem árabe se articula em mais espaços na fronteira, as mulheres participam das atividades da comunidade árabe e das familiares.

O posicionamento correto para a mulher muçulmana no islã deve ser uma construção das próprias mulheres, não deve ser estabelecido por estudiosos religiosos, nem por parentes ou amigos, mas sim uma escolha pessoal da mulher sobre si mesmo e seu futuro.

Para compreender um pouco desta dicotomia, no último item deste capítulo foi realizada uma discussão sobre Oriente e Ocidente. Nele citamos alguns casos já tratados ao longo da dissertação e alguns casos novos.

Essa discussão se faz relevante, pois é ali que se formam as pré-concepções e processos ideológicos, limitando geograficamente e estereotipando milhares de pessoas. Isso vem como uma advertência para desconstruir o que entendemos de Oriente e Ocidente.

Essa dualidade de Ocidente e Oriente permeia constantemente a vida do imigrante árabe, auxiliando na reconstrução de sua identidade e também na identidade da fronteira. Possibilita repensar a geografia e nos limites imaginários (Ocidente e Oriente) que foram absolvidos por filosofias e artes estereotipando progresso, desenvolvimento, corpos, o bem e o mal, o herói e o vilão.

A fronteira é, assim, um fator de atração pelo comércio dos imigrantes árabes. Homens e mulheres se reterritorializaram através da religiosidade implicando como demonstramos em relações de gênero e interagindo com as diferenças culturais. Enquanto fator de produção da diferença, a fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã produz territórios árabes e reelabora as identidades dos imigrantes.

Bibliografia

ABDALATI, Hammudah. **O islam em foco**, CDIAL, São Bernardo dos Campos, São Paulo, 2008.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das Fronteiras: Deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais**, Horizontes Antropológicos, v.15, n.31, Porto Alegre, Jan/jun 2009.

ALBUQUERQUE, José Linndomar C. **A Dinâmica Das Fronteiras: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ALI, Ayaan Hirsi. **Infel a história de uma mulher que desafiou o islã**. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

NASR, HELMI. **O Alcorão Sagrado**. Tradução do Alcorão para língua portuguesa, complexo do Rei Fahd, Al-Madinah Al-Munauarah, 2005.

AL-KHAZRAJI, Taleb Hussein. **A oração no Islam**. 2 ed. São Paulo, Centro Islâmico no Brasil, 2004.

AL-KHAZRAJI, Taleb Hussein. **A revolução do Imam Al-Hussein (A.S) Motivos, Fatos e Resultados**. São Paulo, Centro Islâmico no Brasil, 2008.

AL-KHAZRAJI, Taleb Hussein. **O líder da Revolução Islâmica Al-Imam Al-Khomeini (K.S)**.1 ed. São Paulo, Centro Islâmico no Brasil, 2005.

APPADURAI, A. **Soberania sem territorialidade**. Novos Estudos, n.49, 1997.

AL-TABATABAÍ. Mohammad Hussein. **O Xiismo no Islam**. Embaixada da República Islâmica do Irã, Brasília-DF, 1. Ed. Dezembro, 1997.

ARROYO, Karina Cruz. Hijab e Identidades: as Formas de Empoderamento Feminino Através da Territorialização do Corpo no Islã. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n.2, 2017.

BARROS, Manoel. **Livro Sobre Nada**. Editora Record, 10º Edição, Rio de Janeiro/São Paulo, 2002.

BENNANI. Aziza. **Mundo Latino e Mundo Islâmico um diálogo e uma interação imprescindível**. (ORGS.) JUNIOR. A. D. R.; Oro. A. P. Islamismo e Humanismo Latino diálogos e desafios. Petrópolis, RJ, Vozes, Trevisa, Fondazione Cassamarca, 2004.

BONNEMAISON. Jöel. Viagem em torno do território. **A geografia cultural: Um século**, (Orgs.) CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL. Zeny. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002.

BURUMA, Ian. E MARGALIT, Avishai. **Ocidentalismo O Ocidente aos olhos de seus inimigos**. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas **Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. Ed. São Paulo: UNESP, 1989.

CARVALHO, Thiago Rodrigues. **A formação Territorial E A Consolidação Das Fronteiras: Racionalização e integração na produção dos territórios fronteiriços**. Entre lugar, UFGD, Ano 2, n.3, 1º semestre de 2011, Dourados, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. **Geografia Conceitos e Temas**, (Orgs.) CASTRO, Iná Elias de, GOMES. Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2014.

DIETZ, Angelika. Comida e sentimento de pertencimento entre migrantes italianos na Irlanda do Norte. **Espaço Plural**, Dossiê Migrações, n.20, ano 2009.

ENGELS. **A origem da família da propriedade privada e do estado**. 2º edição, Editora Escala, São Paulo, 2002.

ESPINOLA. Cláudia Voigt. O véu que (des)cobre a comunidade árabe muçulmana de Florianópolis. **Muçulmanos no Brasil: Comunidades, Instituições, Identidades**. MONTENEGRO, Silvia; BENLABBAH, Fatiha (orgs). 1ºEd. Rosário: UNR Editora, Editorial de La Universidad Nacional de Rosário, 2013, p. 91.

ETCHEVERRY, Daniel. A documentação de estrangeiros no Brasil seus caminhos e significados. **Cartografias Da Imigração Interculturalidade e Políticas Publicas**. Org. JARDIM, Denise F., Editora da UFRGS, 2007, p. 125 – 130.

FAUSTO, Boris. **Fazer a América**, São Paulo, Editora EDUSP, 1999.

GHIRARDELLO, N. **À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GOETTERT, J. D. Gentes, migração e transitividade migratória. **Espaço Plural**, Dossiê Migrações, n.20, ano 2009.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão**. São Paulo: Cone, 1985.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**, Lamparina, Rio de Janeiro, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**, 1º edição atualizada, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

- HANCIAU, Nubia. **Entre Lugar – Conceito literatura e cultura/** Eurídice Figueiredo, organizadora, Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- HAESBAERT, Rogério – **Da desterritorialização à multiterritorialidade**, anais do X encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005, Universidade de São Paulo.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: Entre redes e aglomerados de exclusão. **Geografia: Conceitos e Temas** (Orgs.) CASTRO, Iná Elias de, GOMES. Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: território e multi/transteritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.
- HARVEY. David. **Condição Pós-Moderna uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**, São Paulo, Ed. Loyola, 2008.
- HISSA, Carlos Eduardo Viana. **A mobilidade Das Fronteiras Inserção Da Geografia Na Crise Da Modernidade**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.
- HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras inserções da Geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2006. (Parte I e VI).
- IBGE. **Metodologia do Censo Demográfico 2000/IBGE – Rio de Janeiro: IBGE, Volume 25, 2003.**
- IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Resultados Gerais das Amostras. Rio de Janeiro, 2012.
- JEZZINI, Nader Ali. **Al Iman**, 2008, I.S.B.N. 978.85.906877.1.9, Certificado de Registro 398.061, 2008.
- JUNIOR, Amarílio. **As vantagens da imigração syria no Brasil**, 1935.
- LAHRECH. O. A. De um humanismo a outro: Pontes e Fronteiras. **Islamismo e Humanismo Latino Diálogos e Desafios**, (Orgs.) JÚNIOR, A. D. R. e ORO, A.P. Petrópolis, RJ. Vozes, Trevisa, it. Fondazione Cassamarca, 2004.
- KARAM. John Tofik. Atravessando la Américas: la “guerra contra El terror”, lós árabes u La movilaciones transfronteirizas em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Est. **La Triple Frontera Dinámicas culturales y procesos transnacionales**. Orgs. BELIVEAU. V. G. e MONTENEGRO. S. 1 Ed, Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010.

- MARIN, Jérri Roberto. Fronteiras e Fronteirços: os intercâmbios culturais e a nacionalização da fronteira no Sul do Estado do Mato Grosso. **Fronteiras Revista de História**. UFGD, v. 4/5, 2000/2001.
- MELCHIOR, Lirian. **Redes Sociais e Migrações Laborais: Múltiplas Territorialidades – A Constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP) e no Japão** – Presidente Prudente (SP), UNESP, 2003.
- MENEGAZZO, Maria A. Representações artísticas e limites espaciais: o regionalismo revisitado. In: RUSSEF, Ivan et al (Orgs.) **Ensaio Farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado**. Campo Grande: letra livre/UCDB, 2004.
- MIGNOLO, Walter. D. **Histórias Locais Projetos Globais Colonialidades, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Editora UFMG, 2003.
- MONDARDO, M. L. **Territórios Migrantes transterritorialização e identidades em Francisco Beltrão/PR**, 2012.
- MOTAHARI, Mortedha. **O Direito das mulheres n Islam**. São Paulo, Centro Islâmico no Brasil, 2008.
- NAFISI, Azar. **Lendo Lolita em Teerã memórias de uma resistência literária**, Bestbolso, Rio de Janeiro, 2009.
- NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: **Espaço de referência identitária?** Ateliê Geográfico, Revista Eletrônica, UFG-IESA, V.1 N.2, 2007.
- OLIVEIRA, M. F. S. De. OLIVEIRA, O. J. R. Imagens à deriva, cidades flutuantes: Território, Imaginário e representação em fotografias feitas por adolescentes em risco social. **Entre Lugar**, ano 2, n°.3, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. C. De. **Imigração Sírio-Libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês, Dourados/MS**, Dissertação a Título de Mestre História/UFGD, 2010.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Territórios sem limites. O Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: Uma proposta conceitual metodológica**. Editora UFMS, Campo Grande, 2005.
- OSÓRIO, L. M. Origem do Pensamento Geográfico no Brasil. Meio Tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870 – 1930). **Geografia Conceitos e Temas** (Orgs.)
- CASTRO, Elias. Gomes. P. C. da Costa. CORRÊA. P. C. 16º Edição, Bertrand Brasil, 2014.
- ORTIZ, Renato. **Anotações Sobre Religião E Globalização**. Revista brasileira De Ciências Sociais, v.16, n.47, São Paulo, 2001.

PETERS. Roberta. **Imigrantes Palestinos e as relações sociais e virtuais: comentários sobre a família, tradição e identidade étnicas.** Cartografias da Imigração Interculturalidade e Políticas Públicas (Orgs. JARDIM, Denise Fagundes.), Editora da UFRGS, 2007.

QUINTANA. Mario. **Nova Antologia Poética.** Editora Globo, 2011.

RABOSSI, Fernando L. **Mundos em Movimento, Ensaio Sobre Imigrações – Árabes Muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este: notas para uma reinterpretção,** organizadores Giralda Seyferth, Santa Maria, Editora UFSM, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia Do Poder.** Editora Ática S&A, 1993.

ROBINSON. Francis. O mundo islâmico o esplendor da fé. Grandes civilizações do passado, ediciones folio, Barcelona/Espanha, 2007.

SACK, R. D. **Territorialidade Humana: A teoria e história.** Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1986.

SAFADY, Wadih. **Cenas e cenários dos caminhos da minha vida.** Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SAID. Edward. W. **Orientalismo O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo, Companhia das letras, 2007.

SAID. Edward. W. **Representações do Intelectual: As conferências reith de 1993** Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SÁNCHEZ, J.L, ALMARZA. Meritxell. As terras do Islã, Grandes Civilizações do passado, ediciones Folio, Barcelon/Espanha, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração Ou Os Paradoxos Da Alteridade.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social,** Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

SOUZA, Ana Gomes De. Questões objetivas sobre o Islã. 1 ed. Campo Grande, MS. Gráfica Soares, 2008.

SOUZA, Roney Salina de. **Assafaru A viagem Imigrantes Sírios Libaneses em Dourados,** editora UEMS, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

STERNS, P. N. **História das Relações de Gênero.** 2º edição, Editora Contexto, São Paulo, 2013.

SUBHANI. Ya'far. La Historia Del Profeta Del Islam Muhammad (BP), Fundación Cultural Oriente, 2º ed. 2006.

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios: Sírios libaneses em São Paulo**, 1997.

WILCOX. Robert. W. **Os paraguaios na construção do extremo oeste do Brasil, 1870-1935**, p. 41. *Fronteiras Revista de História*. UFGD. V. 10, n. 17 – 2008.

Lista de Nomes Reais:

- 1** Ahmad Haidar
- 2** Félix Antônio de Jesus Ayala Barreto
- 3** Nazira Haidar

Lista de nomes Fictícios

- | | |
|---------------------------|------------------------------------|
| 1. Abdallah | 20. Irene |
| 2. Abdul | 21. Ivone |
| 3. Ademir | 22. Jaber |
| 4. Ali Atwi | 23. Jafar |
| 5. Amin | 24. Jamil |
| 6. Amir | 25. Malik |
| 7. Ana | 26. Maria |
| 8. Ayubi | 27. Mercedes |
| 9. Beatriz | 28. Mohamed Farid |
| 10. Bilal Melhem | 29. Munder Assad |
| 11. Charif | 30. Salim |
| 12. Edna | 31. Samira |
| 13. Estela | 32. Samir |
| 14. Fadel | 33. Sheikh de Foz de Iguaçu |
| 15. Faruk | 34. Sheikh de São Paulo |
| 16. Hassan | 35. Zahia |
| 17. Houssein | 36. Zeinab |
| 18. Houssein Assad | 37. Yahia |
| 19. Idris | |